ANO 7 Nº71 2000 R$ 6,00 WWW.MACMANIA.COM.BR
BOOKMAKERS
MACMANIA
iBook
lindo
leve
solto
Mac OS 9 em português: funciona!
Guarde suas senhas no Keychain
Faça seus próprios plug-ins de Sherlock
Monte um caça do Star Wars no Strata
Explorer 5
Action Utilities
Scanner Artec
Adobe LiveMotion
Estréia: Hugo
LAERTE

As Cartas Não Mentem

Gravação de CD-RW

Possuo um gravador de CD-RW, onde sempre consegui gravar CD-R normalmente e com leitura em qualquer drive de computador. Agora comprei discos de gravação em CD-RW e já fiz alguns testes, e não apareceu no drive e nem gravou por cima. A gravação foi feita e só consigo visualizar no gravador de CD. A leitura do CD-RW é feita em qualquer drive?

Xandão
claudiobranco@uol.com.br

Nem todo drive de CD consegue ler CD-RW, somente os mais recentes. Deve ser esse o seu problema.

Mac Usado?

Gostaria de saber se existem empresas que compram Macs usados, no caso um Power Mac 7600 (32 RAM, HD 1 GB, com teclado e monitor) que já ficou obsoleto para nós, mas pode render bastante ainda! Sei que existem empresas que compram PCs, mas Macs...

Wilson Crestani
wilson@lummi.com.br

A Sector (www.sector.com.br) compra. Mas não costuma pagar preços muito altos. Você também pode colocar um anúncio em nossa seção Feira Livre.

A verdade sobre o vídeo DV

Quero parabenizar a capa da Macmania 70, mas fiquei decepcionado com a resposta do Freitas (que entende muito da matéria) ao Marcel na seção Pergunte aos Pros. Ele deu uma resposta um pouco equivocada sobre Vídeo DV. No caso, ele compara DV com DVCAM e Digital 8 dizendo que o produto de cada uma delas é equivalente e que não é material realmente profissional. Isso está errado, pois a Sony considera DV "Consumer" e DVCAM "Prosumer". Sem mencionar a velocidade de gravação, que no DVCAM é superior, o que proporciona melhor qualidade (quando se reproduz uma fita DV em equipamento DVCAM ele aponta isso. Para quê, então, os tamanhos de fita serem diferentes?). Dizer que não é material profissional é errado, porque a série DVCAM tem câmeras *dockable* com 800 linhas de resolução. O material é tão "pro" quanto a Betacam, já que a imagem é componente digital. Só no Brasil o DVCAM ainda é novidade. Quero ver isso esclarecido, pois a revista ao meu ver proporcionou somente um ponto de vista que não é o do fabricante, que é quem deveria responder por isso. O Pergunte aos Pros supostamente dá a entender que uma resposta ali é considerada a última palavra. E ai, cumé que fica?

Sarra Junior
sarrajr@netpoint.com.br

A própria Sony sempre considerou o DVCAM como um formato para ENG (jornalismo eletrônico). Prosumer não é Professional. Não podemos esquecer que estamos falando de um formato com compressão 5:1. Quanto à diferença entre DV e DVCAM, na revista 68, no box escrito (mas, infelizmente, não creditado) por nosso colaborador João Velho, fica claro que a diferença entre ambos é pequena, não surtindo efeito sobre a qualidade da imagem e sim sobre a fita e o gravador (tamanho da trilha de vídeo/velocidade da fita etc.), e existe apenas para facilitar aspectos do uso do formato em VCRs na pós-produção. Se você quer o ponto de vista do fabricante, vá perguntar a ele. Aqui quem responde são os usuários.

Floppy & overclock

Passaram-se dois anos desde a edição 52 da Macmania, que explicava como dependurar um floppy em um iMac, e passou um ano desde que a garantia do meu iMac Rev. B expirou. Chegou a hora então de meter a mão na massa e o ferro (de soldar) no bichinho. Procurei na Web a página do overclock e nada, desapareceu com uma efemeridade impressionante. Com relação à operação do floppy, alguém por aí já a fez? Quem vocês me recomendariam para fazer essas estripulias?

Bruno Grieco
grieco@matrix.com.br

Recomendaria a você esperar um pouquinho e comprar o drive de floppy da MacAlly que a MGI (11-287-0448) deve começar a vender por aqui em junho. Eles ainda não têm o preço disponível, mas deve ser melhor do que perder tempo colocando um abscesso horrível no seu Mac Bondi blue que lhe deu tantas alegrias.

Vídeo externo no iMac

Na Macmania 69 vocês ensinam a colocar mais memória no iMac. Um dos primeiros passos é "soltar o cabo bege" – por acaso o cabo bege é um cabo de vídeo padrão? Então, dá para ligar um monitor externo?

Carlos Lunetta
carloslunetta@mandic.com.br

Sim, sim. Mas seu iMac vai virar um monstro de duas cabeças e você nunca mais vai conseguir dormir tranquilo.

CD-R de PC no G3, pode?

Tenho um CD-RW LG CED-8042B no PC aqui do escritório. Como é um modelo interno, IDE, acredito que poderia ser instalado no nosso G3 bege (dos primeiros que apareceram por aqui, ainda de 233 MHz). Seria possível? Acho que nem precisa de driver, já que é IDE. Será que o Toast poderia funcionar com ele? Os conectores de energia seriam compatíveis?

Alexandre "Kosh" Salau – Florianópolis/SC
kosh@brasilnet.net

Só há um jeito de saber: instalando o bicho e vendo o que dá. O fato de ser IDE não quer dizer que ele não vá precisar de driver, é bem provável que precise. Uma boa ferramenta para esse tipo de brincadeira é o CD-ROM Toolkit, da FWB (www.fwb.com), um pacote de ferramentas e drivers para montar CD-ROMs não-Apple.

Quantos MB?

Muito boa a reportagem sobre Macs antigos, mas a placa do Performa 6200 não aguenta 136 MB. A do Performa 6360 acho que sim, mas a do 6200 tenho certeza que não (tenho um em casa e tá com 64 MB, que é o máximo).

Matheus matheusla@onda.com

Quem somos nós para duvidar da palavra de Stuart Bell, o criador do Power Classic? A Apple diz que você só pode colocar dois pentes de 32 MB, mas para um cara que conseguiu colocar um chip PowerPC num Classic e aumentar a resolução da tela, aumentar a capacidade de RAM dele deve ser brincadeira de criança.

Rede caseira

Eu tenho um iMac e comprei um Performa 5215 por 200 pilas. Como posso conectar os dois com pouca grana? Detalhe: o modem do 5215 foi pro saco, mas o resto tá OK.

Luiz Arisi – Porto Alegre/RS
larisi@zaz.com.br

Comprando uma placa Ethernet para o 5215. Experimente a SACT SN-320X ou a Encore ENL832-TX. Custam ao redor de R$ 40 e funcionam direitinho. Você só precisa baixar o driver no site da RealTek antes de instalá-la. Depois é só comprar um cabo crossover e ligar os dois Macs.

Manual do pokaprátika

Gostaria de divulgar um excelente endereço na Web para Mac-novatos:
http://sites.uol.com.br/logos.mbn

Francisco Pires xico@pobox.com

Tá divulgado. Mais um serviço público para o macmaníaco.

Índice

4 Cartas
8 Mac na mídia
9 Humor: Hugo
10 Tid Bits
16 Feito em Mac
18 iBook
28 Mac OS 9 em português
34 Be-A-Bá: Keychain
41 Sharewares da Hora
46 iMacmania: Scanner Artec 1236
48 Test Drive: Monitor Samsung
52 Workshop: Strata StudioPro
56 Simpatips
59 MacPRO
66 Explorer 5
70 LiveMotion
74 Ombudsmac

Get Info

Editor: *Heinar Maracy*

Editores de Arte: *Tony de Marco e Mario AV*

Conselho Editorial: *Caio Barra Costa, Carlos Freitas, Jean Boëchat, Luciano Ramalho, Marco Fadiga, Marcos Smirkoff, Muti Randolph, Oswaldo Bueno, Rainer Brockerhoff, Ricardo Tannus*

Gerência de Produção: *Egly Dejulio*

Gerência Comercial: *Francisco Zito*

Contato: *Kátia Regina Machado*

Assinaturas: *S&A Marketing Direto e Editorial, Fone: 11-3641-1400*

Gerência Administrativa: *Clécia de Paula*

Fotógrafos: *Andréx, Clicio, J.C.França, Marcos Bianchi, Ricardo Teles*

Capa: *Foto: Clicio*
Photoshop: Mario AV e Bruno Doiche
Modelos: Ana Maria Zaluski (Taxi) e Caroline Casadei (Elite)
Make-up: Denise Borro
Produção: Renata Hashimoto
Biquínis: Meio Tom 85-261-3366
Sandálias: Havaianas
Idéia: Tony de Marco

Redatores: *Márcio Nigro, Sérgio Miranda*

Assistentes de Arte: *Bruno Doiche, Felipe Fatarelli, Marcio Shimabukuro*

Revisor: *Alessandro Lima*

Colaboradores: *Alberto Alerigi Jr., Ale Moraes, Bruno Mortara, Carlos Eduardo Witte, Carlos Ximenes, Cláudia Tenório, Céllus, Daniel de Oliveira, David Drew Zingg, Dimitri Lee, Douglas Fernandes, Fabiana Caso, Fargas, Gian Andrea Zelada, Gil Barbara, J.C.França, João Velho, Luis Carlos Zardo, Luiz F. Dias, Marcello Gaú, Mario Jorge Passos, Maurício L. Sadicoff, Néria Dejulio, Renata Aquino, Ricardo Cavallini, Ricardo Serpa, Roberta Zouain, Roberto Conti, Rodrigo Martin, Tom B.*

Fotolitos: *Postscript*

Impressão: *Vox*

Distribuição exclusiva para o Brasil: *Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. – Rua Teodoro da Silva, 577 – CEP 20560-000 – Rio de Janeiro – RJ – Fone 21-575-7766*

Opiniões emitidas em artigos assinados não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.

Find...

***Macmania** é uma publicação mensal da Editora Bookmakers Ltda. Rua Itatins, 95 – Aclimação CEP 01533-040 – São Paulo/SP Fone/fax: 11-253-0665*

Mande suas cartas, sugestões, dicas, dúvidas e reclamações para os nossos emails:
editor@macmania.com.br
marketing@macmania.com.br
assinatura@macmania.com.br

Macmania na Web:
www.macmania.com.br

Mac x Windows x Linux x...

Somente hoje, meio atrasado, tive a oportunidade de ler o artigo Mac x PC. Gostaria que me respondessem com sinceridade, em vez de jogar meu email no lixo...

Marcelo Nascimento
marcelo@iyda.com.br

Sua carta é um tanto extensa e dividida em tópicos. Para facilitar a compreensão, resolvemos colocá-la em formato ping-pong, com respostas do autor da matéria – nosso editor de arte multiplataforma, Mario AV. Alteramos um pouco a ordem das perguntas para maior clareza.

Qual foi o objetivo dessa matéria? Farei alguns comentários que possibilitarão uma resposta por parte de vocês. (Antes que digam "Ih, mais um pecezista!!", saibam que não sou um pecezista fanático. Uso por necessidade. Gosto do Mac, estou conhecendo cada vez mais seu hardware e software – com grande interesse, pois tenho vários amigos que trabalham quase exclusivamente com Mac.)

O objetivo da matéria é auxiliar os usuários de Mac. Vez ou outra, certos fanáticos de outras plataformas despejam sobre nós argumentos obsoletos, irrelevantes, malinformados ou distorcidos para combater retoricamente a nossa opção por uma plataforma minoritária. Por quê isso?

O usuário de Mac – exatamente como o de Linux - fez uma opção consciente e na contramão do comodismo das massas, e por elas é cobrado como se isso fosse irracional.

A maioria dos usuários de Wintel nem sabe que existe mais de uma plataforma. Muitos dos que sabem nunca fizeram uma avaliação isenta do que cada plataforma poderia fazer por elas. E, mesmo assim, não admitem que usemos algo diferente. Aí não dá!

"Os usuários de Mac em geral são mais solidários. Por serem uma minoria, eles demonstram um senso de comunidade muito mais afiado que o dos pecezistas..."; certo? Errado. Vocês querem usuários mais solidários que os de Linux? Ainda bem que também existe Linux para Mac, mas a imensa maioria de usuários Linux usa PC. E não existe "gueto" mais solidário que Linux.

Calma aí, a nossa afirmativa nao é falsa. Foi claramente informado aos leitores que o assunto era "Mac versus Wintel". Não falávamos do Linux. Admiro os Unixes e sei que o Linux tem defensores dedicados, muitas vezes até mais fanáticos (e mais chatos) que os de Mac.

"Desligar o PC pelo menu Start é que é de se estranhar." Não é o PC que é desligado pelo Start, e sim o Windows!

O próprio título desse texto informa que se trata de Windows: no caso, desligar um PC rodando Windows, através de um comando do Windows. Ficou claro?

"Somos uma minoria, sim, mas uma minoria que está na vanguarda. A Apple inventa, a indústria de PC cópia." A Apple não copiou ATA? A Apple não copiou AGP? A Apple não copiou PCI? A Apple não copiou USB? Acho que chega, mas se quiserem mais eu digo.

Nada disso foi copiado: foi licenciado. São padrões universais que qualquer fabricante de computador pode adotar. E nem sempre a Apple corre atrás: a Intel, inventora do USB, admite que ele permaneceu ignorado até a hora em que a Apple o adotou, e só então a indústria de PCs seguiu o exemplo.

"Para completar, estão aparecendo PCs com portas USB no lugar das seriais." Algum problema em usar um negócio que foi inventado para PC???

Continuando o raciocínio: a indústria de PCs copiou uma atitude da Apple – a substituição das portas seriais pelo USB – provando que a Apple voltou à vanguarda tecnológica.

"A Apple inventa, a indústria de PC copia. Isso não vale apenas para o Windows, que é 90% cópia do Mac OS." E desde quando a Microsoft é indústria de PC???? A Microsoft faz softwares tanto para PC quanto para Mac. E se copiou, é porque era bom. Vocês tinham que ter orgulho em vez de meter o pau.

A Microsoft é uma indústria de PC porque faz sistemas operacionais para 95% dos PCs. O hardware e o software são indissociáveis. Ou você acha que os fabricantes de pneus não fazem parte da indústria automobilística? Quanto ao orgulho, teríamos algum se ao menos a cópia fosse bem feita.

"A Microsoft conseguiu comer um bom espaço do Mac em bureaus com o Windows NT como servidor de arquivos... Isso começou a mudar com a chegada do Mac OS X Server." Ué, a discussão não era Mac x PC? Porque não falaram do Linux, que está ganhando mercado do NT a ponto de assustar a Microsoft?

E o Mac OS X só vai funcionar desse jeito porque o kernel é Unix purinho. Ponto para a Apple. Ah! Parabéns, agora vocês também terão memória protegida e multitarefa preemptiva!

Percebeu? Somos aliados, não inimigos.

"Até placas de aceleração gráfica, como as Voodoo3 da 3Dfx, podem ser instaladas no Mac. " Grande!! Voodoo3 é das piores placas para PC!!!! Isso não é vantagem nenhuma!

Isso é uma opinião, não um fato. A Voodoo 3 era um exemplo, não algo para tomar ao pé da letra. A maioria dos usuários de PC e Mac adoram as 3Dfx. Vá convencê-los de que a Voodoo é ruim. Enquanto isso, tentamos convencê-los de que o Macintosh é bom.

"PC Pentium 33 MHz." O dia que vocês encontrarem um, favor avisem para a Intel. Acho que eles gostariam de saber que existe.

OK, aqui houve um erro. O "1" de "133" caiu do paste-up.

"O Mac tem pouquíssimos vírus. As estimativas giram em torno de 4 mil vírus de PC contra 40 de Mac." Mas é claro. Poucas pessoas têm o trabalho de ficar desenvolvendo programas complexos para atrapalhar a vida de pouca gente. Quanto mais pessoas eles ferrarem, melhor. Mas, não tinha uma história de que Mac era à prova de virus????

Nunca ninguem da Macmania disse que Mac era à prova de vírus, mas sim que ele não roda vírus de PC. Tenho uma coleção de "Happy99.exe" que recebi pelo email – fiz questão de guardar todos os 29 no meu mailbox. Em tempo: o número de vírus de Wintel não é 4 mil; está em torno de 40 mil e aumentando.

"O usuário de PC vive sob o terror de ter seu HD escangalhado por um vírus a qualquer instante." Mentira! Apenas o usuário Windows vive sob esse terror (e não o usuário PC), E claro, só se ele não tiver um bom antivírus.

As pessoas normais tomam uma providência preventiva somente depois de sofrerem seu primeiro e traumatizante escangalhamento. E se alguém acha que um antivírus sabe curar todos os vírus existentes, lamento tal inocência.

"Ou falar do Back Orifice, programinha simpático que permite a qualquer pessoa administrar os PCs dos outros à distância, sem o conhecimento nem o consentimento dos donos." Já estão vocês confundindo as coisas de novo. Você quer se livrar do Back Orifice? É só não abrir arquivos de estranhos.

Sinto informar que um trojan horse pode ser instalado de forma que a vítima não saiba.

Segurança do IE com o Windows? É só usar Linux ou BeOS.

Em um ambiente corporativo, mantido por um gerente de sistemas que só conhece Windows e insiste em uniformizar um plantel de centenas de PCs, isso não é argumento a favor das plataformas minoritárias; é contra.

Que tal fazer alguns comentários sobre o que escrevi? É bom, porque ainda aprendo mais sobre esse mundo em que os usuários são resistentes a críticas e mudanças.

Não precisamos de mais uma guerra santa. Mac x Linux? Não tem cabimento! Além de isso ser fútil e chato, amanhã as tecnologias serão bem diferentes e o que se discute hoje não terá a menor importância. Eu resumiria isso em uma frase: "o melhor computador é o que você possui".

Mario AV
http://sites.uol.com.br/mav/macxpc

Bombas do leitor

Tenho certeza de que algo muito sinistro aconteceu! Eu trabalho com um iMac 266 mais ou menos há um ano, e já me acostumei a "resetar ele" (com o clip) algumas vezes, mas depois ele sempre volta ao normal. O fato interessante é que, no dia em que chegou a Macmania 70, eu dei uma lida rápida e vi uma notinha dizendo que os iMacs, quando resetados pelo clip, voltam para 1904. Incrível! Alguns minutos depois de eu ter lido aquela nota, deu um pau no meu Mac e, pela primeira vez desde que o comprei, ele voltou no tempo e parou justamente em 1904. Depois, no mesmo dia, continuando a ler a revista (na matéria "Terapia Intensiva") eu observei a seguinte legenda: "As telas ao lado são todas relativas a paus envolvendo discos corrompidos, e estão mostradas em ordem crescente de gravidade"(era uma segunda-feira). INCRÍVEL, mas na semana que se passou, os avisos foram aparecendo um a um, até que, numa quarta-feira fatal, apareceram as duas últimas telas que estavam na revista !!! Ou seja… meu iMac morreu!!!!!!! Ahhhhhhhh! Eu simplesmente gelei. Fiquei totalmente paralisado. Não só pelo Mac ter morrido, mas pela ordem em que foram acontecendo os erros. Eu liguei o meu HD em um Mac G3 azul (no lugar do DVD) e tentei passar o Norton Disk Doctor, que ficou das onze da manhã até as nove da noite verificando a mídia, e nada !!!! Tentei fazer de tudo, mas não consegui recuperar o HD da Quantum. No dia seguinte, comprei um outro disco, de 6,4 GB, da Fujitsu. A perda não foi total. Eu tinha um becape em outro iMac, mas era de duas semanas atrás. Perdi muitas fotos (apenas digitais), vídeos, músicas, etc. e tal…

Agora me digam… o que houve???? Isso foi uma simples coincidência????? Alguma macumba, vudu, trabalho em Pai de Santo????? Ou por acaso existia uma data específica para certos modelos da Apple morrerem e, em contato com a revista Macmania, a Apple mandou avisar o pessoal antes que o pior pudesse acontecer?

Em anexo, vai uma foto minha com o meu "morango" aberto.

Murilo Rafael
murilo@mac.com

Não vale a pena colocar a culpa em aliens, espíritos do além e teorias conspiratórias quando a verdade é muito mais corriqueira, Mulder, digo, Murilo. Discos rígidos têm uma vida útil e um dia param de funcionar. A pergunta não é "será que vai dar pau no meu disco?", mas "quando vai dar pau no meu disco?" Você fez a coisa certa, tinha um becape de seus arquivos importantes. Quanto à incrível sucessão de coincidências, realmente, só o Cyberkarma explica. Mas isso é assunto para outra matéria.

O Mac na mídia

Informática | 2º CADERNO

SEGUNDA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 2000

Sherlock 2 leva Mac OS 9 para a Internet

Versão brasileira acha qualquer coisa na rede(desde que esteje no site da Macmania)

ANDRÉ CARAMURU AUBERT
Especial para o Estado

Até há algum tempo, qualquer mudança significativa de versão de um sistema operacional provocava grande expectativa no mercado. O principal fato indicador dessa tendência, sem dúvida, foi o lançamento do

Integrada ao sistema operacional, a busca pelo Sherlock é a estrela da vez

mas o sistema vai um pouco além disso.

Última chan-

rá um upgrade mais radical, que exigirá pelo menos um processador G3 para rodar – segundo a Apple, o MacOS 9 funciona em qualquer micro equipado com chip PowerPC.

Sherlock 2 – A principal estrela do MacOS 9, sem dúvida, é o novo Sherlock. Ferramenta de busca integrada ao sistema operacional que chegou a provocar inveja nos usuários de outras plataformas, o Sherlock tinha a capacidade de procurar informações, simultaneamente e de maneira inteligente, nos discos do usuário, na rede local e na Internet.

Na nova versão, o recurso está muito melhor. Ao comportar até oito canais de busca, o Sherlock permite uma segmentação lógica bastante eficiente. Por exemplo se o usuário está à procura de livros, pode criar um canal somente com sites que vendem livros na Internet. A resposta à consulta, trará preço e prazo de entrega do produto.

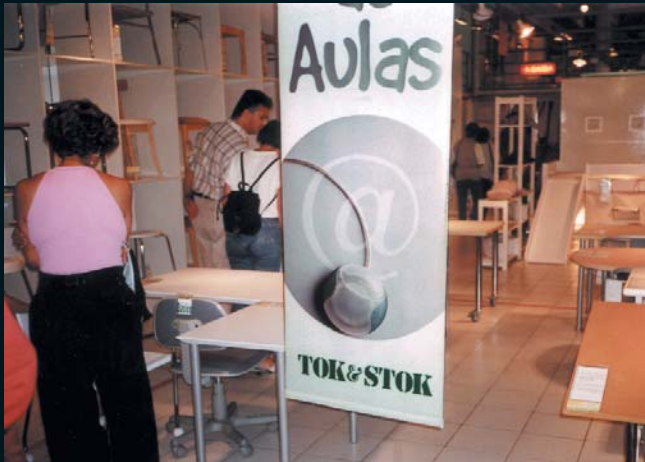
O único problema – pelo menos na versão pré-comercial enviada para o *Informática* para avaliação – é que só havia um site brasileiro previamente cadastrado: o da revista *MacMania*. **(Continua na pág. 10)**

SISTEMA FUNCIONA EM QUALQUER POWERPC

MACMANIA NA MÍDIA

O jornal O Estado de S. Paulo dá destaque ao plug-in de Sherlock que faz buscas no site da revista. O editor tentou tirar um sarro dos desenvolvedores, mas tropeçou escandalosamente no português: o correto é "...desde que esteja no site da Macmania".

CHIQUE É USAR MACINTOSH

O livro "net.com.classe" de Claudia Matarazzo promete ajudar aqueles que não querem dar gafe no mundo virtual. Se você já usa um Mac, desencana. Pode até escrever seus emails com os cotovelos em cima da mesa, que tá liberado.

VOLTA ÀS AULAS

A loja de decoração Tok & Stok sabe muito bem que hoje a molecada tem que ter Internet e computador para ajudar na escola. A idéia parece ser: "Nós vendemos os móveis, você compra esse iMac para combinar."

MOUSE MODELO

A Revista da Web tascou o bonitão Paulo Zulu em versão USB na capa. Com cara de safado, ele oferece seu mouse, de iMac, para quem quiser pegar. Quem se habilita?

iMAC É O TERROR

Stephen King foi capa da Time que falava dos caras que estão ganhando uma grana preta com a Internet. Até aí, tudo normal. O legal é saber que o rei dos livros de terror é macmaníaco convicto. Foi ele quem exigiu que o programinha usado para ler sua primeira obra lançada na Rede fosse portado para Mac.

Tony de Marco

Hugo

...VAI ENTENDER O QUE É ISSO AGORA — PARECE UM MONTE DE FORMIGUINHA...

EI!
LAERTE

FADA! AJUDA!
TOU NO BANHO! CHAMA A BRUXA!

DIGA.
...O DISK DOUBLER NÃO COMPRIME!

TENTA AGORA.

... VAI TOMAR BANHO, BRUXA!!
LAERTE

O QUE FAZ EXATAMENTE UM SCANNER?
...MANDA O QUE VOCÊ PÕE NELE PRA DENTRO DO COMPUTADOR...
PERA AÍ, JÁ VOLTO.
TRIM!

UÉ, ONDE VOCÊ PERDEU A BUNDA?
NÃO QUERO FALAR SOBRE ISSO!
LAERTE

MAIS UM BYTEZINHO DE INFORMAÇÃO ELE AGUENTA. OU SERÁ QUE....

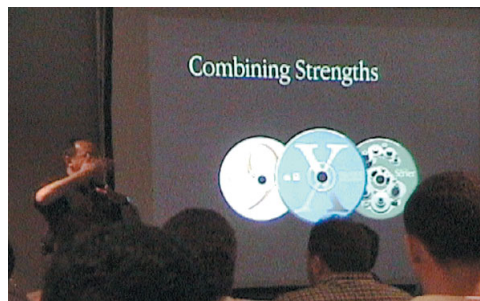
BYTE

BÔU!

... NÃO?
LAERTE

Pela primeira vez no Brasil, o Mac OS X

Nosso herói, Edwin Estrada, dando seu show

Desenvolvedores, uni-vos!

Não parece que eles estão de castigo?

Este é o famoso Rodrigo do DRC

A Apple Brasil quer mais programas para Macintosh e está oferecendo ajuda. Essa proposta foi o destaque do primeiro **Developer's Day**, realizado em 22 de março em São Paulo, que contou com a participação de desenvolvedores de vários Estados. A empresa mostrou em várias palestras que está disposta a dar uma força para implementar cada vez mais a plataforma Mac no país. Segundo a Apple, o evento contou com mais de dois mil participantes.

O "Dev Day" mostrou as principais tecnologias para criação de programas para Mac, como o REALBasic e o CodeWarrior (distribuído no Brasil pela CAD Technology); ferramentas para a Web, como o Mac OS X Server, QuickTime Pro e o WebObjects; e trouxe alguns exemplos de softwares desenvolvidos aqui. A NW Sistemas, de Belo Horizonte, por exemplo, já criou vários programas gerenciais baseados no FileMaker, para consultórios médicos, agências de publicidade, comércio em geral e até políticos. Sérgio Duarte Moura, desenvolvedor da NW, conta que começou a trabalhar com programas de Mac em 1996, criando um gerenciador de consultórios médicos. "Como os médicos têm poder aquisitivo alto, muitos deles possuíam Macintosh e precisavam de softwares para essas máquinas", diz. Atualmente, Sérgio Moura está trabalhando num gerenciador para gráfica rápida, depois de ter lançado um para agências de publicidade, mercado cativo do Macintosh.

"O maior problema que a NW já enfrentou foi criar um driver para impressoras de cupons fiscais, uma exigência para o comércio hoje em dia", diz Moura. Aí entrou o DRC. Fábio Ribeiro, engenheiro da Apple, desenvolveu um programa "scriptável" que permite imprimir qualquer texto numa impressora fiscal. Assim que estiver pronto, esse software será licenciado para outros programadores que precisem incluir esta ferramenta em seus programas comerciais.

Outro que está procurando a ajuda do pessoal da Apple é Alexandre Bueno, proprietário da MacLine, em Campinas. Ele e o professor da Unicamp Rogério Drummond estão tentando desenvolver programas educacionais para Macintosh, mas para isso precisam de financiamento. "O Laboratório de Engenharia de Computação da Unicamp fornece o apoio logístico; agora precisamos da Apple para continuar o projeto", afirmou.

Vários dos participantes do evento eram usuários de Windows, principalmente da área de web design, que pretendem trabalhar com Mac. Por isso, o DRC da Apple está promovendo programas multiplataforma; assim, programadores de PC irão se sentir mais à vontade para começar a desenvolver para Mac. Fábio Ribeiro disse que o principal problema para esses programadores está nas ferramentas utilizadas, algumas delas não disponíveis para Mac. "O que dizer para um cara que fez um software para PC e quer portar para Mac, mas está todo em Delphi, que só tem para Windows? 'Faz de novo'?", comenta. Mesmo assim, o entusiasmo tem sido grande, dos dois lados. "Com o estouro do iMac, muitos desenvolvedores estão nos procurando para ajudar na transição entre plataformas", completa.

"Isso aqui é um HD FireWire"

A platéia foi ao delírio

iCab, versão 2.0, chega para esquentar a guerra

Browser alemão exclusivo de Mac é boa alternativa para navegar na rede

Depois de meses de calmaria, a Guerra dos Browsers para Macintosh começou a pegar fogo novamente. Primeiro, saiu o Explorer 5.0 da Microsoft. Depois, foi a vez da versão beta do Netscape 6.

Agora, o alternativo **iCab** também ganha um update para continuar na luta pela preferência do usuário Macintosh.

Ainda em fase de desenvolvimento, o iCab 2.0 tem algumas novidades interessantes, como esconder a barra de status, salvar o histórico como HTML e também recuperar downloads interrompidos (desde que não tenham sido feitos via FTP e o site permita essa operação) sem o auxílio de um programa externo, além de corrigir alguns bugs. Quando estiver completo, o navegador terá uma versão gratuita (chamada Lite) e uma completa (a Pro), que irá custar US$ 29.

É possível baixar uma versão preview de graça no site do iCab. Para rodar o programa, basta ter um Mac com o sistema 7.0.1 em diante e 4 MB de RAM. O browser alemão tem conquistado a comunidade Mac por ser um navegador simples e bastante rápido.

Nem só de Explorer vive o macmaníaco

Update do Final Cut Pro já está na rede

A Apple anunciou o update para o seu programa de edição de vídeo, o **Final Cut Pro 1.2.5**. A nova versão agora suporta o formato 16:9 *widescreen* e processamento YUV.

Os novos incrementos somam-se às inovações trazidas pela versão 1.2 (otimização para o G4, velocidade de renderização aumentada e suporte para o sistema PAL, padrão de cores nas TVs de quase toda a Europa). “Rodando num G4 turbinado ou num PowerBook, o Final Cut Pro é a ferramenta ideal para cineastas profissionais, seja num estúdio ou não”, declarou Philip Schiller, vice-presidente da Apple para Marketing de Produtos no Mercado Externo.

O upgrade estará disponível de graça para usuários registrados, no site da Apple. Quem quiser adquirir a versão completa do programa deve preparar o bolso: nos EUA, o preço do Final Cut Pro 1.2 é US$ 999.

Vírus de PC... no Mac?

É possível, se você tiver o Virtual PC instalado

Uma questão que formiga na cabeça dos macmaníacos é: se você estiver usando o **Virtual PC** no Mac, é possível que os vírus da outra plataforma azucrinem o seu Mac?

Não... e sim. Os vírus irão rodar dentro do arquivo de imagem do VPC, podendo até destruir tudo que estiver armazenado ali, mas não irão migrar para o seu Mac. Ufa! Mas existem duas singelas exceções.

Uma delas diz respeito às pastas compartilhadas *(shared folders)* que você configurar no VPC. Um vírus pode infectar, corromper ou deletar arquivos que estejam em qualquer uma das pastas compartilhadas. Por isso, NUNCA compartilhe todo o seu HD, e sim deixe uma pasta específica para o programa. Assim, você não corre o risco de perder dados importantes.

A outra é sobre os famosos vírus de macro (macros maldosas criadas no Word e no Excel, principalmente). Esses monstrinhos são multiplataforma e podem se espalhar se você trouxer o danado de uma versão PC. Tome cuidado e use um antivírus. Se você não quer gastar uma grana num antivírus de PC, o InoculateIT Personal Edition é grátis, funciona bem e é bastante rápido.

InoculateIT: http://antivirus.cai.com

Upgrade de G3 para G4 pode ser perigoso

Se você é proprietário de um **G3 bege**, já deve ter pensado em fazer um upgrade para trazer o seu Mac para o mundo dos G4. Porém, tome muito cuidado. Uma pequena peça instalada em seu micro e pode fritar seu processador novo.

Alguns G3 beges possuem um módulo regulador de voltagem fabricado pela Royal Technology. Procure por ele antes de fazer o seu upgrade. Se a sua máquina é uma das “felizardas”, é preciso trocar esse módulo antes de colocar o processador G4, senão correrá o risco de vê-lo derreter se a troca não for feita.

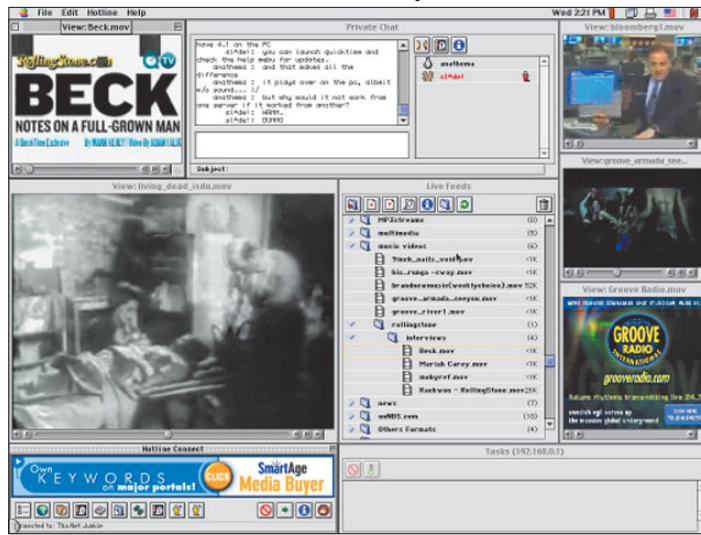
O regulador de voltagem controla a quantidade de energia que o processador do seu Mac recebe. Para processadores mais lentos, o módulo sempre fornece a quantidade correta de energia, mas, quando você troca o processador original por um mais rápido, a quantidade necessária de energia também muda.

Apenas os reguladores fabricados pela Royal é que enfrentaram problema para gerenciar a quantidade de energia fornecida ao processador, literalmente fritando um G4 que foi colocado num G3 bege. A grande maioria dos módulos foi fabricada por outra empresa, a Raytheon, mas não custa dar uma checada na sua máquina antes do estrago acontecer.

Segundo a Apple, não há como saber quantos Macs foram equipados com o módulo da Royal (aparentemente, os primeiros modelos 233 são os mais cotados) e a empresa também afirmou que não faz computadores com a intenção de permitir upgrades. Por isso, ela não se sente responsável se alguém tentar melhorar sua máquina com placas de upgrade e ter problemas. Os componentes usados são testados e funcionam com a configuração original, e isso basta para a empresa de Cupertino.

Hotline suporta stream de QuickTime

Versão 1.8 traz poucas novidades

A **Hotline** – ou a Big Red H ("grande H vermelho"), como gosta de ser chamada – lançou o Hotline 1.8. Quem usa frequentemente esse programa de chat, news e transferência de arquivos já deve estar sabendo disso, pois o Hotline avisa quando está na hora de atualizar o programa e leva o usuário diretamente ao site da empresa, sem deixar que se use a versão antiga, a menos que seja alterada a data do computador. Assim, quem usa o Hotline vai ter que baixar o update mais cedo ou mais tarde.
A principal novidade é o suporte a streaming de vídeo QuickTime, desde que o usuário tenha o QuickTime 4 instalado em sua máquina. Também foi acrescentada a possibilidade de realizar upload de pastas, maior estabilidade e novos ícones para o programa cliente.
A versão servidor corrige vários bugs e oferece maior precisão nas estatísticas de acesso e proteção contra ataques de "serviço negado" *(denial of service)*.
Outra mudança sensível foi o tamanho do arquivo. O download do Hotline Client subiu de 800 KB, na versão anterior, para quase 4 MB. O programa ainda é gratuito.
Hotline: http://HotlineSW.com

Veja os filminhos antes de baixá-los

Adobe faz promoções

A **Adobe do Brasil** lançou duas promoções inéditas no país.
Uma delas dá vídeos tutorias produzidos por aqui e em português, e a outra, um livro que ensina todos os macetes do novo programa de diagramação da empresa, o InDesign.
Numa parceria com a empresa Vídeo Jornal Produções, a Adobe elaborou duas fitas que contêm um tutorial passo-a-passo, tanto do InDesign como também do GoLive 4.0. Os vídeos, de edição limitada, são apresentados por dois consultores especializados, o Carlos Augusto Souza (GoLive) e Vitor Vicentini (InDesign). Quem compra o InDesign ou o Adobe Design Collection leva a fita do InDesign. Já quem comprar ou o GoLive ou o Web Collection leva o outro vídeo. O livro se destina apenas aos usuários do InDesign e foi escrito pelo próprio Vicentini, consultor da Adobe desde 1997.
Depois de adquirir o software numa revenda autorizada (para saber os endereços, visite o site da Adobe), é preciso fazer o registro para ter direito aos brindes. Isso pode ser feito por telefone (0800-161009), fax (11-3154-0301) ou email (brasil@adobesupport.com).
Adobe: www.adobe.com.br

Mudanças no iTools, iReview e iCards

Serviços online da Apple passam por uma recauchutada

Aproveitando toda a agitação causada pelos vários anúncios na Internet World, a Apple resolveu dar uma reformulada em três dos seus serviços online, o iTools, iReview e o iCards, na surdina.
A interface do iReview foi totalmente refeita e subcategorias foram acrescentadas para deixar a navegação mais fácil. O serviço oferece resenhas e um ranking de sites feito pela própria Apple e o macmaníaco pode adicionar sua opinião juntamente com a crítica da empresa.
Já na página do iTools, o Homepage ganhou novos modelos, a maioria deles feitos para quem trabalha com educação. Com o Homepage é possível criar um site pessoal e hospedá-lo nos servidores da Apple. O update é livre e pode ser feito pelo usuário quando ele quiser.
Porém, o que deve chamar mais a atenção são os novos cartões eletrônicos. Foram, inclusive, criados novos modelos com formatos diferenciados. Para quem ainda não conhece, os iCards são os cartões eletrônicos oficiais da Apple que podem ser mandados para qualquer pessoa, seja ela usuária de Mac ou não.

O mistério do disco que encolhe

Bug no Mac OS 9 faz você perder espaço no HD

Cuidado. Você está usando o **Mac OS 9** e tem a desagradável sensação que o seu HD está diminuindo, mesmo que você não tenha criado nenhum arquivo novo? Como pode? A explicação vem da própria Apple, que diz haver uma situação em que isso pode acontecer mesmo.
Existe uma pasta chamada Temporary Items. Antes de sair procurando, já avisamos; ela é invisível. Esse folder é usado pelos aplicativos que precisam de espaço para arquivos não permanentes no seu disco. Exemplo prático: o comando Undo usa esse espaço para desfazer uma ação numa foto que está sendo retocada por um programa gráfico. Quando o software é desligado, esses arquivos temporários desaparecem. Mas se o Mac precisar de um restart depois de uma travada, o Finder libera esse espaço na marra, colocando tudo que estava armazenado nessa pasta no Lixo (o famoso Rescued Items), sabendo que o aplicativo não está conseguindo fazer a limpeza.
Até aqui tudo bem, estamos em terreno firme. Porém (oh, sempre há um porém...) o Finder do Mac OS 9 não está fazendo seu trabalho e os arquivos temporários continuam na sua pasta invisível e ocupando espaço. E, se a tal foto que estava sendo retocada for bem grande, você acabará notando que seu HD está ficando menor a cada travada. A Apple diz que vai corrigir esse problema na próxima versão do Finder. Até lá, a empresa está oferecendo uma correção, na forma de um AppleScript que pode ser rodado como um item de startup. Para saber mais e baixar o AppleScript, vá so site Apple Tech Info.
Apple Tech Info:
http://til.info.apple.com/techinfo.nsf/artnum/n25134

Surfando com Palm e Mac

AvantGo oferece acesso à Internet para usuários de Palm conectados a Macs

Os usuários de Mac que têm um Palm agora podem se sentir mais do que nunca conectados à Internet. Está disponível um novo serviço que permite fazer o download de sites da Web para o seu PDA, já otimizados para a tela pequena. O **AvantGo** oferece, entre outros serviços, o New York Times, TheStreet.com e Hollywood.com. Além disso, é possível acessar 350 canais de conteúdo especialmente desenvolvidos para os portáteis de mão. O software é, na verdade, um mini Web browser que permite o usuário a encontrar ou recuperar informações na Internet usando seu Palm selecionando links com a caneta do portátil de mão. O programa armazena o texto, páginas HTML e imagens em forma comprimida, economizando no tempo de download e na memória do aparelho. A conexão do Palm com o seu Macintosh pode ser sem fios, direta ou quando você faz a sincronização usando o HotSync. Antes disponível apenas em versões não-oficiais ou então, para "aquele outro" sistema operacional, a AvantGo colocou à disposição de alguns usuários versões beta antes do lançamento do produto final, desde janeiro, e poucos problemas foram relatados. Alguns usuários até se desculparam por não estarem encontrando bugs.

Baixe as notícias pelo HotSync e leia durante o dia

AvantGo: http://avantogo.com/setup

O Mac e o WAP

Apple pretende conectar celulares e portáteis

Os ingleses conseguiram arrancar de executivos da **Apple** alguns detalhes sobre o futuro dos portáteis da empresa. Para quem está sempre na estrada, uma boa notícia. A empresa está preparando para um futuro próximo uma maneira de conectar telefones celulares e Macs portáteis. Os participantes de um evento da Apple sobre computação móvel na Inglaterra puderam ouvir também que a nova linha de PowerBooks terá um design bem diferente da atual, contando com elementos de design do iBook; a posição da empresa sobre o Bluetooth (tecnologia de rede a curta distância sem fios); e conhecer um plug-in de FileMaker compatível com o WAP (Wireless Application Protocol, ou Protocolo de Aplicação Sem Fios).

Nokia e Ericsson

A Apple está trabalhando em conjunto com megaempresas do ramo de telefonia móvel, como Nokia e Ericsson, há um ano, e considera essa colaboração essencial para trazer novas funções wireless aos Mac. A princípio, será possível conectar celulares e PowerBooks por infravermelho, para transmissão de dados como agendas e números de telefone (os celulares Nokia já fazem isso com PCs). Os primeiros frutos da união Apple-Nokia devem começar a chegar em breve. O segundo passo será a adoção da tecnologia Bluetooth em placas PCMCIA.

A Apple, no entanto, não deverá embutir placas Bluetooth em seus equipamentos, deixando isso para outras empresas. A empresa deverá continuar investindo no AirPort. Segundo seus representantes, as tecnologias não competem, pois o AirPort – podendo chegar a taxas de transferência de 11 Mbps e com alcance de quase 75 metros – é "dez vezes mais poderoso" que o Bluetooth.

Troca-troca na Rede

iMacs, iBooks e até programas originais são vendidos e leiloados na Internet

Quem é fanático por vídeo, tem um Mac G3 ou G4 e estava morrendo de inveja do pessoal que tem um iMac DV com o novo software de edição de imagens, o iMovie, pode começar a abrir a carteira.
Alguns donos do novo iMac colocaram no eBay (site destinado a venda e leilões de quase tudo) os CDs originais, que são distribuídos apenas com esse equipamento. A Apple decidiu não vender o iMovie sozinho, forçando os proprietários de Macs G3 e G4 que quiserem editar vídeo em suas máquinas a trabalharem com programas como Final Cut Pro ou Adobe Premiere.
Ao que parece, os termos de concessão de licença de uso de software da Apple permitem a venda. Segundo o texto, um usuário pode "transferir os direitos dessa licença de uso, desde que transfira a documentação relacionada, a licença e uma cópia do programa da Apple para outra pessoa que aceite os termos da licença e destrua qualquer outra cópia do programa em sua posse." No site, nós encontramos 13 cópias para serem vendidas, e o preço médio varia de US$ 50 a US$ 125. O iMovie funciona em qualquer Mac G3 ou G4, podendo editar vídeo digital diretamente de câmeras DV se o Mac possuir portas FireWire.
A moda ainda não chegou ao Brasil, mas a Internet brasileira é um bom lugar para procurar ofertas de Mac. Uma das alternativas pode estar em sites de leilão como o Arremate.com, que já possui uma área só paras as ofertas de Macintosh, que contém quase 100 produtos, entre computadores, impressoras, scanners, entre outros. É possível encontrar desde relíquias como um Mac SE até iMacs e iBooks praticamente novos. Os preços variam muito. Alguns usuários "viajam" um pouco e pedem um preço alto demais, principalmente no caso das máquinas mais novas, mas mesmo assim vale ficar de olho, pois sempre pode aparecer uma pechincha. O Lokau.com também tem algumas ofertas para os macmaníacos, mas ainda é muito pouco.
Já quem quer comprar um Mac novo e economizar alguns reais pode visitar o site das Lojas Americanas. Na parte destinada a computadores, é possível encontrar o iMac 333 MHz por R$ 2.650, preço R$ 40 menor do que pode ser encontrado nas revendas tradicionais da Apple. Não é muita coisa, mas já garante o leite das crianças.

G3 a preço de banana? Só na Internet

eBay: www.eBay.com
Arremate.com: www.arremate.com.br
Lokau.com: www.lokau.com.br
Lojas Americanas: www.americanas.com.br

Fuji lança supercâmera digital

SuperCCD atinge resolução de 6 megapixels

A primeira câmera vai custar US$ 4 mil, mas depois vão aparecer modelos mais baratinhos

A fotografia digital acaba de dar um novo salto. A **Fuji** apresentou no Japão a primeira câmera digital com a nova tecnologia Super CCD, que promete alta sensibilidade e resolução perfeita, ocupando menos espaço em disco. Apresentada na feira da Photo Market Association, a **S1 Pro**, uma câmera reflex profissional, tem configuração de 3040 X 2016 e gera imagens de 6,13 megapixels, o equivalente a uma foto do tamanho de uma página de jornal.
Segundo a Fuji, nas câmeras convencionais os pixels (pontos que formam uma imagem) são quadrados e o menor espaço entre eles está na diagonal. Como o olho humano possui uma definição maior na horizontal e vertical, isso causa uma pequena distorção entre o que você vê e o que o equipamento capta eletronicamente.
Já no Super CCD, os pixels são octogonais (formato de colméia), não tendo espaços entre eles e simulando com mais exatidão o funcionamento do olho humano, gerando um incrível aumento na definição sem que seja preciso um proporcional crescimento do espaço que a imagem ocupa na memória.
Com o mesmo número de pixels, o Super CCD promete uma imagem melhor definida. O preço da S1 Pro deve ficar em US$ 4 mil (no mercado japonês). Em maio, a Fuji pretende lançar outra câmera com Super CCD, a FinePix 4700 Zoom. Uma mais barata, para o segmento SOHO, deve chegar em agosto.

Sai ZipCD para Macintosh

O drive de CD-RW da Iomega já entende nossa língua

A **Iomega** acaba de lançar no mercado americano a versão para Mac de seu ZipCD USB, que já podia ser utilizado por usuários de PC desde dezembro. Agora compatível com Mac, o CD-RW USB consegue gravar 650 MB num disco.

A Iomega, porém, não informou qual programa estava incluído neste novo drive.

O CD-RW (gravador para CDs regraváveis) é um dos sistemas de becape que mais cresceu nestes últimos tempos e a Iomega não quer deixar escapar a oportunidade de abocanhar esta fatia do mercado.

Segundo palavras do pessoal da empresa, "todos estamos entusiasmados em abrir a linha de produtos ópticos da Iomega para os usuários de Mac e vamos continuar oferecendo a este importante mercado produtos de alta qualidade".

O drive compatível pra Mac do ZipCD externo está disponível no site da Iomega e vai custar a bagatela de US$ 279,95.

Iomega: www.iomegadirect.com

Xerox anuncia impressoras jato-de-tinta para Mac

A **Xerox** está se preparando para lançar no mercado uma linha de impressoras jato-de-tinta de baixo custo para a plataforma Mac. Esses novos produtos são a primeira investida da empresa no mercado Mac OS.

Para realizar essa tarefa, a Xerox uniu forças com a Sharp e a Fuji para oferecer impressoras baratas. O investimento nessa área será de US$ 2 bilhões, a serem gastos nos próximos cinco anos em pesquisa, desenvolvimento, fabricação, anúncios e marketing.

Por enquanto, a Xerox ainda não anunciou preços ou outros detalhes dos novos produtos, mas seus parceiros já declararam que desenvolveram uma família de impressoras que será no mínimo 50% mais rápida do que as da HP e outras, com uma economia de até 20% no gasto de tinta. Apesar de toda a colaboração financeira, cada uma das empresas irá lançar sua própria versão de impressoras e competirão entre si no mercado. A HP e a Epson, atuais dominantes, não se mostraram impressionadas com o anúncio da Xerox e preferem esperar para ver.

Xerox: www.xerox.com
Sharp: www.sharpelectronics.com
Fuji: www.fujixerox.co.jp

MetaCreations vende tudo

A **MetaCreations**, empresa conhecida pelos programas Kai's Power Tools (KPT) e Photo Soap, começou sua reformulação (anunciada em dezembro) com a venda de um dos seus programas, o Canoma, para modelagem 3D interativa, para a Adobe.

Depois foi a vez da Corel encher o carrinho de compras. Ela agora é a nova proprietária dos principais programas gráficos da MetaCreations, incluindo o Painter, Kai's Power Tools (KPT) e Bryce. Todos eles têm versões para Mac e PC.

O presidente e CEO da Corel, Michael Cowpland, disse que a empresa se compromete a lançar atualizações do Painter, KPT e Bryce, além de oferecer suporte para os usuários das versões anteriores no mundo inteiro.

Tudo isso faz parte das mudanças que começaram a ser implementadas para tentar salvar a empresa, que caminhava para um triste fim, com corte de funcionários (inclusive do presidente da companhia).

Em sua última reestruturação, a empresa havia afirmado que iria se dedicar à popularização de ferramentas 3D na Web, com o licenciamento de seu formato MetaStream. O acordo com a Adobe também anda nesse sentido. A MetaCreations irá providenciar suporte ao formato MetaStream para os vários produtos da Adobe, como Photoshop, InDesign e GoLive.

Além da venda de seus principais softwares, a MetaCreations anunciou também acordos de licenciamento com a Nike e a America Online, que vai passar a usar o MetaStream 3.0 e investir uma grana na empresa. Valores não foram divulgados. Além disso, um update para o Poser, que traz algumas melhorias e corrige alguns bugs da versão 4.0, já está disponível no site da MetaCreations.

MetaCreations: www.metacreations.com

Alegria, alegria

Apple prossegue com lucro crescente e ações em alta, mesmo em meio ao tumulto do mercado

A Apple apresentou em 19 de abril o seu balanço para o último trimestre fiscal e conseguiu empolgar até o mais otimista macmaníaco. O lucro da empresa atingiu a considerável marca de US$ 233 milhões, com faturamento de 1,94 bilhões, quase 27 % a mais do que no mesmo período de 99. As vendas fora dos Estados Unidos representaram 51% desse ganho.

Steve Jobs declarou que tem sido muito grande a procura por Macs G4 (34% do total das vendas) e pelos novos PowerBooks (10%), além do sucesso dos programas para vídeo digital (iMovie para consumidores e Final Cut Pro para profissionais). Enquanto os analistas previam um aumento de rentabilidade para 81 centavos por ação, a Apple conseguiu atingir US$ 1,28. No final de maio, será feito – pela primeira vez em 13 anos – um *stock split* (aumento do volume total das ações públicas).

A resposta ao anúncio foi imediata: as ações subiram de valor, a despeito das sucessivas crises da Nasdaq (a bolsa de empresas de alta tecnologia) e da espiral descendente da Microsoft, que tem arrastado consigo para o inferno as cotações de praticamente todas as empresas de tecnologia norte-americanas, vaporizando fortunas de um dia para outro. Enquanto as ações de todo mundo desabavam, as da Apple se estabilizaram em torno de US$ 120 e, se voltarem a crescer, o atual recorde de US$ 150 deverá ser batido.

Quem está comprando o iMac

Dados do último trimestre fiscal da Apple

Mais desenvolvimento

E as boas novas não param por aí. Fred Anderson, diretor financeiro da Apple, acredita que as vendas, principalmente na AppleStore (o site de vendas diretas da Apple), devem continuar crescendo e o mercado irá se expandir ainda mais, principalmente fora dos EUA. Na Europa, esse aumento chegou a 56%. O próximo semestre, segundo Anderson, continuará sendo bom para a Apple, com um aumento nas margens de lucro já neste trimestre.

Para completar, a Apple anunciou um aumento de 20% nos gastos com pesquisa e desenvolvimento.

AIM para Mac: agora vai!

AOL lança versão 4 do seu *instant messenger* para Mac

Em abril, a **America Online** anunciou o AOL Instant Messenger 4.0 para Macintosh, mas o programa não estava pronto ainda; nem mesmo uma versão beta estava disponível. Quem foi ao site encontrou apenas a velha versão 3.5.x para fazer o download. Mas agora é pra valer. O novo AIM 4 já pode ser baixado da página da AOL e traz boas novidades para quem gosta de bater um papo pela Internet. As duas mais importantes são o AIM Talk, que permite a dois usuários conversarem ao vivo, bastando para isso que o Mac tenha um microfone, e o Instant Images, onde você pode mandar fotos, imagens, sons e até animações, anexadas às suas mensagens. Outras features bacanas são os Alertas Instantâneos: um para avisar quando entra na lista alguém com quem você precisa conversar urgentemente (Buddy Alerts), um que avisa quando as ações da bolsa sofrem modificações, com alertas diferentes para uma mesma ação (Stock Alerts), e um outro que avisa quando você recebe um email, não importando quantas contas você tem. Para completar, agora o AIM tem um histórico que registra tudo o que foi conversado, à maneira do ICQ.

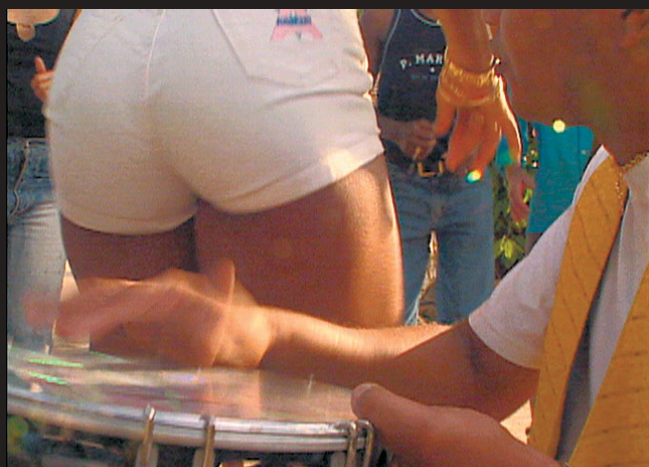
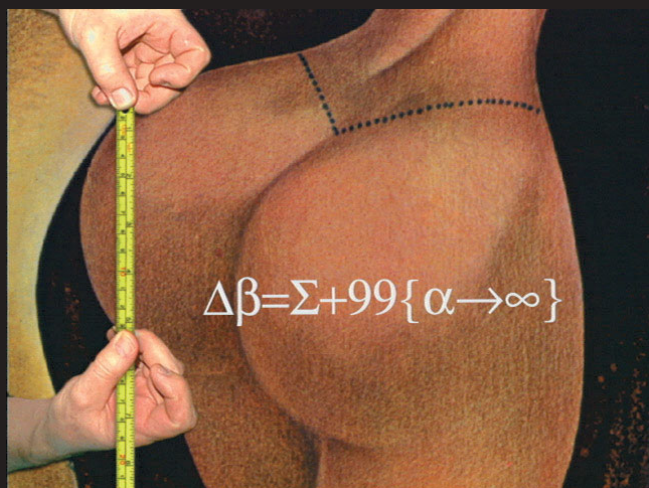
Quem não tem ICQ pode usar AIM

AIM: www.aol.com/aim/macbeta.html

Escritório sem papel?

Adobe completa suíte de produtos "paperless" – mas não para Mac

"O papel não vai acabar nunca. Porém, a evolução normal da tecnologia aponta para novos caminhos." Esse foi o tom do discurso de apresentação do **ePaper**, feito pelo diretor de vendas da **Adobe** para a América Latina, Guillermo Diaz de León. Ele salientou que a Adobe cometeu um erro tático ao acreditar que todo mundo sabe o que é e como se usa o Acrobat. A maioria dos usuários confunde a tecnologia PDF com o Reader, programa gratuito que permite apenas a sua visualização. Daí a necessidade de seminários para apresentar os principais programas e serviços que fazem parte do pacote.

O Acrobat, software criador de arquivos PDF, já é um velho conhecido, porém traz agora uma nova função: captura de páginas da Web. O Capture transforma em PDF qualquer informação impressa em grande escala (como livros ou até bibliotecas), permitindo desde a captura digital até a criação do PDF. O Messenger transmite arquivos eletrônicos via email, intranet, Internet ou fax; o usuário pode fazer modificações e acrescentar comentários no arquivo. Desses programas, apenas o Acrobat tem versão Mac. Tanto o Capture quanto o Messenger são exclusivos para PC com Windows NT ou 2000. "O Macintosh não foi criado para esse tipo de serviço", segundo Alexandre van Meerbeke, gerente de desenvolvimento do ePaper para a América Latina. "Os computadores da Apple estão mais voltados à criação, e não à produção de uma massa grande de arquivos eletrônicos ou ao seu envio por rede. Num escritório, a base instalada em sua maioria é PC". Iiihhh...

Marciano invade a Terra em busca da Coisinha do Pai

Curta-metragem "Os Outros" mostra a visão de um marciano sobre os brasileiros

Cineastas iniciantes ou sem dinheiro no bolso (ou as duas coisas) não precisam mais sofrer tanto para realizar seus filmes, graças às câmeras e as técnicas de edição digitais, cada dia mais acessíveis. O exemplo mais notável disso é, provavelmente, "A Bruxa de Blair" – que, com um investimento minúsculo para os padrões de Hollywood, conseguiu ser um dos grandes sucessos de bilheterias do ano passado nos EUA. O feito do filme acabou inspirando cineastas independentes do mundo inteiro a seguirem a receita.

Dois terços feitos em Mac

No Brasil, onde o incentivo ao cinema é ridículo, a edição digital surge como uma solução ainda mais tentadora. O curta-metragem **"Os Outros"**, de Fernando Mozart, não é sobre jovens improvisando uma caça às bruxas, mas definitivamente é um ótimo exemplo dos benefícios que tecnologia digital pode oferecer para acelerar o processo de edição.

Utilizando três Macs G4 de 450 MHz, o tempo e custo de edição de "Os Outros" foram reduzidos pela metade. Assim, a edição tomou apenas três meses e o orçamento despencou de R$ 90 mil para R$ 40 mil. E o mais interessante é pensar que o curta de Mozart, ao contrário de "A Bruxa de Blair", traz muita animação e computação gráfica, coisa que costuma encarecer bastante a produção.

João Velho, que também é colaborador da Macmania, foi animador e editor do curta-metragem. Para ele, as técnicas digitais são uma ótima forma de democratização da criação cinematográfica, possibilitando que jovens cineastas possam "passar uma rasteira" em Hollywood. "Para o Brasil, isso é a solução ideal, pois com um Mac convencional você faz coisas que antes só eram possíveis utilizando máquinas muito caras. Até pouco tempo atrás, isso era inimaginável para realizadores independentes de vídeo, TV e cinema", diz.

"Os Outros" conta a história de Zoam, um pesquisador marciano que vem para a Terra, mas precisamente para o Brasil, tentar descobrir o que é a "Coisinha do Pai" – música usada para despertar o robô Sojourner, enviado a Marte pela Nasa numa nave para reconhecimento do planeta. A narrativa rola em cima dos relatórios de Zoam, transmitidos diretamente da Terra para Marte, com uma visão inusitada do Brasil e seus habitantes, discorrendo sobre valores absolutos do brasileiro, como o samba, a bunda e o futebol.

Exibição alternativa

Além dos Mac G4, foi utilizado para a montagem do filme o sistema de edição não-linear de vídeo digital Media 100, além de centenas de fotos, pinturas e ilustrações processadas com a ajuda de softwares como o After Effects, Elastic Reality, Photoshop e Commotion, entre outros. Tudo isso fez com que dois terços dos 15 minutos de duração do curta-metragem fossem compostos de animação e imagens feitas em Mac.

"Os Outros" estreou em abril e será distribuído em fita VHS, juntamente com um livro de apoio escrito por educadores e pessoas ligadas ao movimento social, para uma rede de exibição alternativa (ONGs, associações comunitárias, instituições voltadas para a educação e cultura e escolas).

Enfim, um portátil ao alcance de (quase) todos

Por Heinar Maracy

Fotos modelos: Clicio
hardware: Andréx

iBook

esqueça o design, esqueça a tecnologia... o iBook é um marco na história da Apple, mas não por essas qualidades, e sim porque nunca um Mac laptop foi tão acessível

A grande revolução trazida pelo portátil colorido é aquela que mais importa aos consumidores, principalmente aqueles que moram em países com péssima distribuição de renda como o nosso: o preço. Pela primeira vez no Brasil, é possível comprar um portátil da Apple pelo equivalente a pouco mais de R$ 4 mil. Isso é que é revolução: o resto é perfumaria ou marketing. Laptops da Apple sempre foram artigos de luxo, destinados a cair nas mãos de altos executivos, consultores com grandes carteiras de clientes ou milionários excêntricos de bom gosto.

O iBook mudou esse paradigma. Agora web designers, jornalistas e músicos estão tendo sua vez. Toda essa gente, para quem um computador móvel realmente faria uma diferença, pode finalmente pensar em comprar um. E é um produto de linha, não aquele encalhe a preço reduzido da penúltima geração que já não é mais fabricada.

É sempre bom lembrar que esse é um preço promocional. O iBook deve retornar ao seu preço normal, por volta dos R$ 5 mil, quando chegarem aqui os modelos da segunda geração, com mais disco e memória. "Resolvemos testar o mercado e fazer uma promoção para ampliar a base instalada", diz Luciano Kubrusly, gerente geral da Apple Brasil. Ou seja, é melhor correr para pegar o seu.

Jóia de mão: Mirela Wiazowski – 11-210-8775/ 6989-6354

o "Fator Wow"

O iBook foi, com certeza, o produto mais esperado de toda a história da Apple. A culpa, claro, é de Steve Jobs que, durante mais de um ano, mostrou em tudo quanto é feira e evento o famoso quadro dividido em quatro partes representando a divisão de produtos da empresa, onde sempre sobrava um buraco preto destinado a ser preenchido pelo tal "portátil doméstico".

O pulo do gato (e a razão do sucesso do iBook) está aí. Ele é uma classe nova de computador. Até hoje, notebooks e laptops eram convencionalmente computadores para uso profissional, por gente engravatada ou de *tailleur*. São mais caros que os computadores de mesa, devido aos componentes miniaturizados e outros itens valiosos, como as telas de cristal líquido. Por esse motivo, são invariavelmente pretos, cinzas e chatos.

O iBook é um bom modelo para se tentar entender como funciona a dinâmica de desenvolvimento de produtos da Apple, na qual equipes de design e engenharia trabalham lado a lado para inventar produtos que façam cair o queixo de quem os vê pela primeira vez, transformando ferramentas de trabalho em verdadeiros objetos de desejo. Aquilo que se convencionou chamar de "Fator Wow". Toma-se como ponto de partida um conceito básico (portátil doméstico), que é desmembrado em alguns valores: barato, resistente, nem preto, nem cinza, nem chato. As formas e cores precisam seguir o padrão da linha doméstica da empresa, o iMac, ou seja: linhas arredondadas, transparências, cores vivas. Tudo isso já daria um produto fantástico, mas que tal acrescentar uma tecnologia inédita, algo capaz de dar a mobilidade definitiva ao equipamento? Conexão sem fios à Internet. Pronto. Mantenha sua boca fechada diante disso.

As mulheres se apaixonam pelo iBook à primeira vista

Botas: Patricia Sanches – 11-3105-4601
Pulseira esquerda: Spunk – 11-9123-1129
Pulseira direita: Mirela Wiazowski – 11-210-8775/ 6989-6354

Fale a verdade: você nunca viu uma fonte de alimentação externa mais elegante do que essa. Vamos ver se a indústria eletrônica segue o exemplo e acaba com as infames caixinhas pretas

Gargantilha: Luxo – 3667-8824

questão de gosto

A princípio, o design do iBook está restrito aos limites que envolvem qualquer questão relativa a gostos e cores. Tem quem ame, tem quem odeie. Mas basta usar durante um tempo para ser conquistado pelos inúmeros detalhes que fazem dele um produto para ser amado:

- A textura emborrachada do plástico azul dá uma grande segurança na hora de pegar o iBook com uma mão só.
- O espaço generoso para apoiar as mãos é um alívio para quem precisa digitar por horas a fio.
- A luz esverdeada que pulsa calmamente quando ele entra em modo *sleep*.
- O cabo de força em forma de iô-iô prateado, que acaba de vez com os cabos embaraçados e a famigerada caixinha preta.
- O plug de alimentação de força, que fica laranja enquanto a bateria está carregando e verde quando ela está carregada.
- A tampa que abre e fecha sem travas nem fechos de qualquer espécie.

Seria o iBook um "computador de menina"? O venerável colunista de informática John C. Dvorak, um ex-macmaníaco, chegou a dizer em uma de suas colunas que "nenhum homem em sã consciência se deixaria ser visto carregando um desses estojos de maquiagem gigantes". Além de uma idéia para a fotografia de abertura deste artigo, Dvorak forneceu material para uma violenta polêmica. Em uma coisa ele tem razão. As mulheres se apaixonam à primeira vista pelo iBook. Ou seja, mesmo que você ache que um computador coloridinho com alcinha é coisa de boiola, vai ter que dar o braço a torcer. Nenhum laptop cinza ou preto serve tanto para puxar papo com a gata do lado.

A resistência também é um ponto forte do iBook. Diz a lenda que o briefing dado por Steve Jobs a sua equipe de designers é que o iBook tinha de ser "algo para jogar dentro da mochila". Diferente dos novos e superleves PowerBooks (cujas telas tremem quando você aperta a tampa), o iBook transborda resistência. Toda aquela moldura de plástico em volta do LCD dá uma resistência extra. Está na cara que é um computador feito para ser manuseado por adolescentes descuidados.

o dia-a-dia

Apesar da sua configuração de hardware meio tímida (G3 de 300 MHz, 3,2 GB de disco), o iBook é um computador pau-pra-toda-obra. Tirando aplicações como edição de vídeo e games como Quake III Arena ou Unreal, que exigem o máximo em aceleração 3D, ele se sai bem em qualquer tarefa. Dá até para render umas animaçõezinhas no After Effects. ▶

o consumo de energia é um ponto alto: você não precisa desligá-lo nunca

O trackpad prateado do iBook é bastante confortável, mas se você costuma ficar várias horas navegando, é provável que você acabe sentindo a falta de um mouse de verdade. O Intellimouse (R$ 159), da Microsoft, e o iMouse (R$ 99), da MacAlly, são duas boas pedidas.

O tamanho e o peso do iBook se deve, em grande parte, à sua bateria, que, diferente dos modelos para PowerBook, é comprida e ocupa quase toda a largura do portátil. Se, por um lado, ela compromete a portabilidade do aparelho (com 3 kg, o iBook não é nenhum peso-pena), por outro traz um grande conforto. O iBook é o primeiro portátil da Apple a cumprir as promessas da empresa a respeito do tempo de autonomia de sua bateria. Tá bom, a quase cumprir. A Apple promote uma autonomia de seis horas. O iBook não chega a tanto, mas atinge uma marca bem próxima. Em condições de baixo consumo de energia (tela com pouco brilho, sem uso de CD-ROM nem AppleTalk), é possível usar o bicho durante mais de cinco horas sem precisar recarregar. Ou seja, dá para usar o iBook durante uma viagem São Paulo-Miami com uma única bateria.

adeus, startup

O gerenciamento de energia, aliás, é um dos pontos altos do iBook. Você não precisa desligá-lo nunca. Ele consome energia em modo *sleep,* mas é mínimo. E, quando é aberto, ele sai do sleep automaticamente, sem precisar tocar no teclado. É extremamente prático.

Mais prática ainda é a função Save & Shutdown, que salva todo o conteúdo da memória RAM em um arquivo no disco. Quando você liga novamente seu iBook, em vez do desfile de extensões do startup aparece apenas uma barrinha de progresso.

Almofada: Gabriela Pinesso – 11-4224-4487

Seguindo a filosofia do iMac de “não precisa ir até a traseira”, os conectores são posicionados lateralmente, como em um CD player portátil. Da esquerda para a direita: modem, Ethernet, USB e saída de áudio

Em poucos segundos, você está com seu iBook exatamente como o deixou da última vez, com programas abertos e tudo.
O Save & Shutdown depende de outra função, “Preserve Memory Content on Sleep”, que foi considerada responsável por problemas em HDs de iBook, resultando na perda de arquivos e, em casos extremos, até obrigando o usuário a reformatar o disco. Felizmente, o update 9.0.4 do Mac OS acabou com o problema. Entretanto, se você não fez ainda esse update, é recomendável não usar essa função. Mas ela é muito útil. Se a bateria acabar de repente, ele guarda tudo direitinho. Quando você liga o iBook novamente na tomada, tudo volta exatamente ao ponto onde estava.
O maior problema do iBook original era a memória com que vinha de fábrica. Com apenas 32 MB de RAM, ele se arrasta; tudo fica lento. A memória virtual não ajuda muito nesse aspecto. A primeira providência a ser tomada é comprar um pente de memória, preferencialmente de 64 MB. Os modelos fabricados a partir de fevereiro já vêm com 64 MB embutidos e aceitam pentes de até 256 MB (os originais só aceitam até 128 MB). A memória do iBook é SDRAM SO-DIMM de 144 pinos e 31 mm, um pouco menor que a utilizada nas primeiras versões do iMac.
De maneira geral, o iBook se provou bastante estável. Em mais de dois meses de teste, foi preciso utilizar apenas uma vez o botão de reset (na verdade, é o buraco de reset, que fica do lado direito, próximo à alça). A combinação ⌘ Control ◁ funciona muito bem – ao contrário do iMac, no qual quase nunca rola. O reset com clip de papel, no entanto, causa um efeito adverso no iBook: faz a data voltar a 1904.
Quem usa o iBook em casa e no trabalho deve aprender a utilizar o painel Location Manager. Esse é o melhor jeito de mudar rapidamente configurações de modem, TCP/IP, AppleTalk, som e outros itens que precisam ser ajustados quando seu Mac está por trás de uma rede corporativa ou no conforto de seu lar.
O prêmio de “Grande Inovação Furada” vai para as teclas de função programáveis (feature presente em qualquer Mac com teclado USB). Você pode atribuir funções (como abrir programas ou scripts de AppleScript) às teclas F7 a F12. Parece uma coisa muito bacana, até que você começa a esbarrar nas teclinhas e abrir o Netscape ou Photoshop sem querer. Acaba virando uma dor de cabeça. É uma pena, porque a Apple chegou ao requinte de bolar colantezinhos com ícones superfofos para você identificar as teclas do seu iBook. Se for utilizá-los, uma dica: não é para colar as figurinhas nas teclas (elas nem cabem direito), mas acima delas, na base do iBook. ▶

softeca básica

programas que não podem faltar no seu iBook

Mac OS 9.0.4

O último update do sistema é fundamental, porque conserta o bug que não deixa o iBook acordar do modo Sleep se a função Preserve Memory Contents estiver ligada, podendo causar danos ao HD. Também melhora sensivelmente a porta USB.

Virtual Game Station (www.connectix.com)

O emulador de PlayStation da Connectix funciona perfeitamente no iBook. Adicione um joystick USB e pronto! PlayStation para viagem!

Algum programa de segurança

O iBook não é compatível com o Password Security, painel que coloca uma senha de acesso para impedir que estranhos mexam no PowerBook tradicional. Se para você esse tipo de segurança é fundamental, tente utilizar o shareware iEmpower (www.iempower.com) ou o programa comercial OnGuard (www.poweronsw.com). Uma alternativa barata, mas não tão segura, é usar o painel Multiple Users do Mac OS 9.

iBook é coisa de menina

na dúvida, nem coração mole atrapalha a utilidade

Cabo de rede: OK. Mouse bolinha: OK. Extensor: OK. Cabo de força (Ihhhh! Quase!!!): OK. Placa mouse pad: OK. Case de CDs: OK. Peso total da mochila: 8 kg.
Esse é o início de um dia (que pode ser só à tarde, à noite ou madrugada) de trabalho. Muitas vezes, para evitar retoques e alterações levo o Spectro* direto às empresas ou na casa dos amigos, principalmente daqueles que têm hub e conexão ADSL (heheh). Às vezes chego a ouvir umas escapadas dos clientes, como "você vai trazer o iBook?"
Trabalhar com um portátil tem muitas vantagens, e se você um dia pensou muito em ter uma extensão da sua mente em silício, mais ainda.
E bela, o que também é importante: sem aquele cinza mudo.
Mas por que o iBook? "Amor à primeira vista", seguido das palavras "esse vai ser meu". Acostumada com modelos desktop da Apple, e longe da compra de um PowerBook tradicional, vi o iBook como um companheiro de trabalho.
E é assim que estou tratando esse lindinho desde o dia que ele chegou.
Mas não é só de trabalho que o Spectro e eu vivemos. Com alguns softwares de observação astronômica – como o Starry Night Deluxe – passamos horas olhando para as estrelas, vendo galáxias, deitados na grama.
E músicas... Nesse pouco tempo de vida o Spectro já fez músicas em parceria com outras pessoas, coisas muito boas com o Metasynth. Eu ainda estou treinando para tocar com ele, como DJ ou em Live PA. Mas isso é uma história a ser desenvolvida.
Outra coisa legal é que você não tem problema com seu site ou em organizar seus emails: aonde quer que você esteja, está tudo sempre no mesmo lugar. Daí, os computadores maiores ficam sendo mais escravos do trabalho, enquanto o iBook fica entre o trabalho e a diversão. Mas o melhor de tudo é o fato de que, após algumas adaptações ao tamanho da tela e uma leve interação com as paletes dos programas (uso muito o Illustrator), você começa a pensar em viajar o mundo para trabalhar e viver...

Fabíola Kolling, 25, ouve easy listening.
http://spectrogirl.com
Foto André Penteado

*Spectro: Talvez eu me sinta assim próxima desse pequeno porque o ícone do HDzinho é uma tattoo que tenho no ombro, e pelo fato de ele se chamar Spectro – meu nick é spectrogirl :)

um portátil tem muitas vantagens se você um dia quis ter uma extensão da sua mente em silício

Biquínis: Meio Tom – 85-261-3366
Sandálias: Havaianas

iBook é coisa de menino

os iProletários nada têm a perder além dos seus grilhões

Liberte-se do átomo. Não tenho muita certeza quanto ao Negroponte, mas uma ele deu dentro: entre o átomo e o bit, fique com o bit. Trabalhe com a mente, não com a mão, e digitalize o resultado do seu trabalho. (E atenção: esse é o grande poder, mas também a grande desigualdade e a grande sacanagem do novo século; e o seu dever de pessoa que come e pensa e compra computadores, é ao menos pensar em saídas. Para todos.)

Liberte-se da corporação. "Patrão" e "empregado" são palavras que perdem rapidamente o sentido, assim como "senhor feudal" e "vassalo" na época do Renascimento. Trate as corporações de igual pra igual, com cuidado! – pois são feras poderosas. Dê a elas uma dose do seu próprio remédio: a oferta e a procura. Se o trabalho for pentelho, meta a faca.

Liberte-se do tempo e do espaço. Pra que acordar de manhã e bocejar em uníssono com o resto da cidade? Pra que enfrentar congestionamentos só para se deslocar até um cubículo odioso cuja única função é te colocar sob a vigilância de bedéis e babás? O fruto do seu trabalho já é digital; faça-o fluir através dos fios.

Trabalhe nu. Arranje ferramentas para o seu cérebro.

Tom B,
29, está deixando dreads.
http://tom-b.com
(Essa foto é velha)

Outro paradigma: esqueça caixotes estacionários, pense em portáteis baratos e versáteis enfiados numa mochila. Se tiverem a aparência de uma bolha colorida e semitranslúcida, melhor. Se a velha guarda der risada, deixe. Lembre que caixotinhos cinza combinam com divisórias bege, carpetes cinza, luzes fluorescentes e almoço das 12:00 às 12:30. Você pode escolher: é por isso que dreadlocks serão o símbolo de status do futuro.

Por enquanto, você ainda vai estar preso a fios de telefone e Ethernet, à área de cobertura do seu celular. Mas fique esperto: daqui a vinte minutos, o céu vai se coalhar de satélites e você vai poder sair correndo pra praia. Arme-se! Os monolitos do poder não verão com bons olhos esses bandos de freaks semi-nômades correndo por aí, vivendo da venda de propriedade intelectual pura, cagando pras regras do passado industrial. Fique ligado em criptografia, em redes de contatos, em formas alternativas de pagamento, em jurisdições financeiras offshore.

A época é de transformação. Caos e oportunidade. É a nova fronteira – laptops estão para os anos 00 assim como os clássicos Colts de seis tiros estão para o Velho Oeste!

> entre o átomo e o bit, fique com o bit. trabalhe com a mente, não com a mão, e digitalize o resultado

O cartão AirPort vai encaixado de cabeça para baixo

airport

A VIDA SEM FIOS

O mais bacana é que dois Macs com placas AirPort podem se comunicar, trocar dados e até jogar games em rede sem a necessidade de uma base

Senhores passageiros, o AirPort funciona! A Apple realmente está na crista da próxima onda da informática: a comunicação sem fio. Agora que todos os modelos de Mac saem de fábrica prontos para serem conectados via AirPort, ninguém segura!

O AirPort é um sistema que permite transmissão de dados via rádio, seguindo um padrão da indústria conhecido como IEEE 802.11. É um dos primeiros aparelhos a seguirem esse padrão, mas muitos outros deverão aparecer em breve. A tecnologia foi criada pela Apple em conjunto com a Lucent.

O AirPort é composto de dois itens: a base, um objeto em forma de disco voador, com modem e placa Ethernet embutidos; e uma plaquinha que precisa ser instalada no Mac. Instalar a placa AirPort no iBook é "dois palito". Você desliga o bicho (a Apple recomenda tirar a bateria), pluga a placa em uma fenda semelhante à de um cartão PCMCIA e conecta nela o cabo da antena do iBook. Pronto. Seu iBook já está apto a conversar sem fios.

É fundamental que você baixe da Internet a última versão do software do AirPort, a 1.2. Ela traz grandes modificações e novas capacidades, inexistentes na primeira versão. O software do AirPort é dividido em três partes:

- *O AirPort propriamente dito é um programa que pode ser acessado tanto pelo Control Strip quanto pelo menu Apple. É nele que você executa as operações básicas: ligar a rede e se conectar à Internet sem fio.*
- *O segundo programa é o AirPort Utility, usado para configurar a Base Station. Para facilitar essa tarefa, existe o AirPort Setup Assistant. Configurar a base não requer prática nem habilidade. O Assistant pega automaticamente sua configuração de acesso à Internet e a joga para a base. Plugue a base em sua rede Ethernet e você terá acesso total aos outros computadores e impressoras, a uma velocidade que, se não é exatamente o que a Apple promete, pelo menos dá pro gasto.*

O maior problema é que, se você pegar uma base já configurada e sem a senha de acesso (o que aconteceu conosco), vai ter que passar por um processo de reset manual realmente chato, envolvendo clipes, buraquinhos de reset e download de firmware *via Ethernet. Leia com atenção a documentação que vem com o AirPort antes de começar. Se o seu AirPort acabou de sair da caixa, você provavelmente estará pronto para desfrutar do maravilhoso mundo wireless em poucos minutos. Vai surfar a Internet do banheiro, da rede na varanda, da cama, de onde quiser.*

O AirPort não é exatamente tudo o que a Apple fala, mas chega bem perto. A distância de 50 metros da base pode ser reduzida a menos de 20, caso haja algumas paredes no caminho. A velocidade de 11 Mbps, equivalente à de uma rede Ethernet, também não foi comprovada. Uma transferência de arquivos pode demorar o dobro do tempo na rede sem fio. Mas o acesso à Internet funciona perfeitamente. É só plugar a base na linha telefônica, ligar o AirPort ao seu iBook e abrir um browser ou qualquer programa que utilize a rede para se conectar. Se você tem em casa um Mac não compatível com o AirPort, plugue-o na base pela Ethernet e crie sua própria rede wireless doméstica.

O mais bacana dessa tecnologia se chama "rede computer-to-computer". Dois Macs com suas respectivas plaquinhas AirPort instaladas podem se comunicar, trocar dados e até jogar games multiplayer sem a necessidade de uma base. É o fim do cabo crossover! A versão atual do software do AirPort ainda não permite, mas em breve será possível que um dos Macs "sirva" Internet para o outro, dividindo uma mesma conexão à rede.

O software do AirPort ainda não está totalmente "redondo". Alguns erros ainda acontecem, principalmente se é preciso mudar a configuração da base. É normal ela "esquecer" sua senha de acesso, obrigando-o a "resetá-la" ou entrar novamente com os dados. Mas, fora esses probleminhas (que devem ser resolvidos em um update próximo), a coisa toda funciona perfeitamente. A Apple Brasil ainda não está vendendo o AirPort por aqui, mas já entrou com um pedido de regulamentação do produto junto à Anatel. A expectativa é de que as primeiras unidades comecem a ser vendidas em meados do ano. Os preços ainda não estão definidos, mas devem ficar em torno de R$ 300 (placa) e R$ 1.000 (base).

iBook 1.0

Mesmo com todas as inovações que traz, o iBook tem o jeitão de um produto 1.0. Assim como no revolucionário iMac original, muita coisa pode (e deve) ser refinada e melhorada em uma próxima versão. O erro mais grave – a memória abaixo do limite necessário para a máquina funcionar direito – já foi resolvido na revisão de fevereiro, cujos primeiros exemplares devem estar chegando ao Brasil quando você estiver lendo esta matéria. O disco rígido também foi ampliado para 6 GB e, no caso do modelo grafite (Special Edition), o processador foi acelerado para 366 MHz. É provável que até o final do ano saia uma nova revisão com novas e excitantes features (alguém falou DVD?).

O iBook atual tem suas limitações, a maioria delas por causa dos esforços da Apple em cortar custos para fazer uma máquina barata. A tela é uma delas. Embora seja brilhante e bem definida, ela é relativamente pequena e presa à resolução de 800 x 600, que pode não ser confortável para alguns. O máximo que o iBook permite é escalar a resolução para 640 x 480, mas a imagem fica borrada, impossível de ser utilizada. Essa resolução extra só existe para permitir que games e programas que exigem a resolução de 640 x 480 possam ser rodados no iBook.

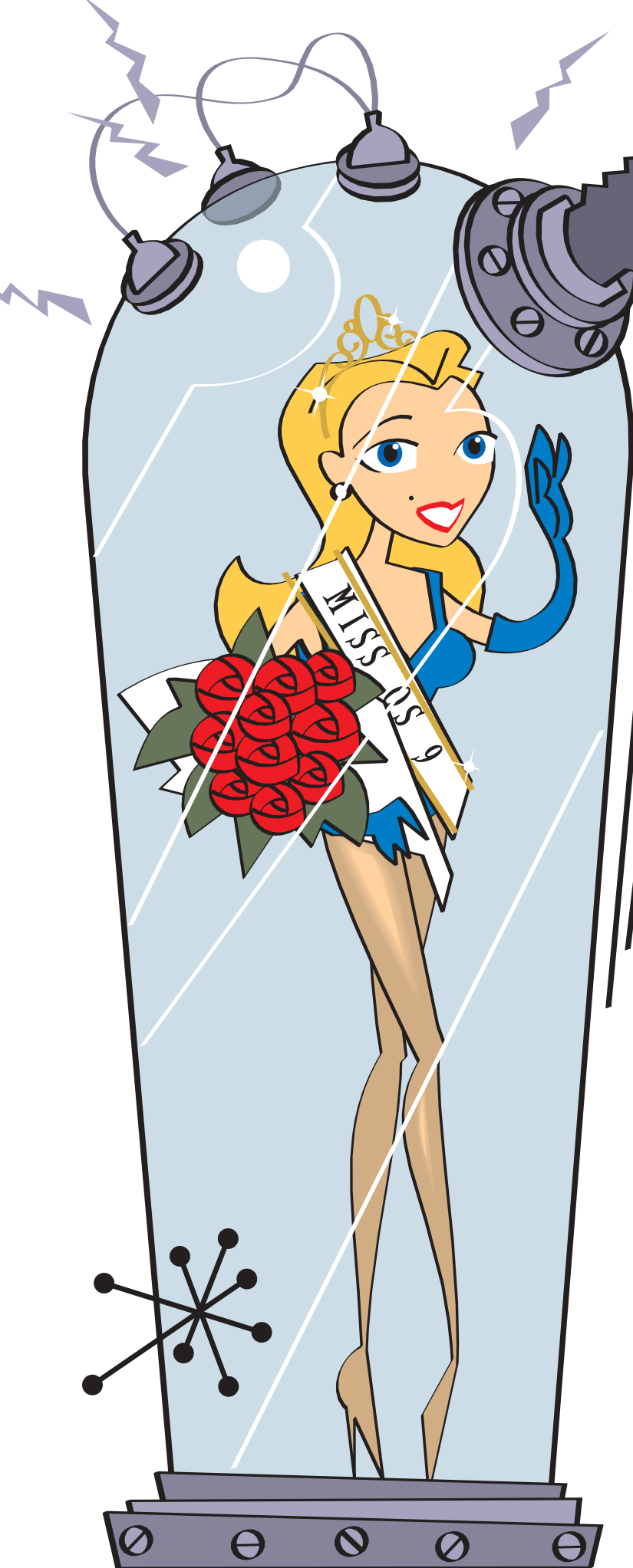
A existência de apenas uma porta USB também pode incomodar alguns. Mas, se você pensar um pouco, como uma das portas do iMac também é tomada pelo teclado (e vários aparelhos simplesmente não funcionam se plugados na porta USB do teclado), mesmo os Macs de mesa também só possuem uma porta USB útil; no máximo, uma e meia.

A falta de entrada de áudio também pode inviabilizar seu uso por músicos que costumam apelar para o plug "bananinha" para gravar sons. Mas sempre há a possibilidade de ir atrás de um microfone USB. E a aceleração 3D pemitida pelo chip ATI Rage Mobility é básica, não sendo suficiente para animar uma partida wireless de Quake III Arena. Mas já dá para jogar Racer, o que é um grande ponto a favor.

É óbvio que a próxima revisão do iBook deverá resolver esses e outros problemas. Por enquanto, temos que nos virar com o modelo atual. Pelo mesmo preço, dá para comprar um iMac DV, que é muito mais máquina e ainda permite ver filminhos DVD. Mas não dá para levar na mochila.

HEINAR MARACY

O iBook é o primeiro laptop com fechamento sem encaixes ou ganchos e uma alça de carregar integrada, com uma mola de retração automática

Bata e calcinha: Meio Tom – 85-261-3366 Almofada: Gabriela Pinesso - 11-4224-4487

Yes!

Você saberia realizar as seguintes tarefas em seu Mac? Abrir o Seletor, dispensar um arquivo, puxar a Barra de Controle, verificar o Estado do Acesso Remoto, abrir o Álbum de Recortes e ajustar o Gerenciador de Lugares.

Se a versão do Mac OS que você usa for em inglês, talvez nem saiba do que estamos falando.

A Apple finalizou a versão em português do Mac OS 9. Embora seja uma boa notícia, a simples possibilidade de usar um sistema em português chega a causar arrepios em alguns macmaníacos. A tradução do Mac OS sempre foi motivo de

Mac OS 9 agora falar português fluente!

Por **Márcio Nigro***
Ilustrações **Silvio ajr**

polêmica, envolvendo pontos positivos e negativos. De um lado, temos um imenso mercado potencial, Brasil afora, que não sabe inglês e certamente gostaria que seu computador "falasse" a língua do povo. Além do mais, o Windows há muito tem versão completa em português, que a grande maioria dos pecezistas brasileiros usa sem reclamar (muito). Porém, por outro lado, levante a mão quem é que está a fim de instalar o Mac OS em português em seu computador. Vamos lá! Ninguém? Ah, lá no fundo, tem uma pessoa com a mão levantada... Tudo bem, pode ir ao banheiro.

Arquivo Editar Visualizar Especial Ajuda

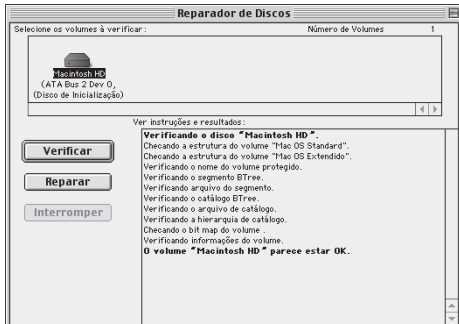
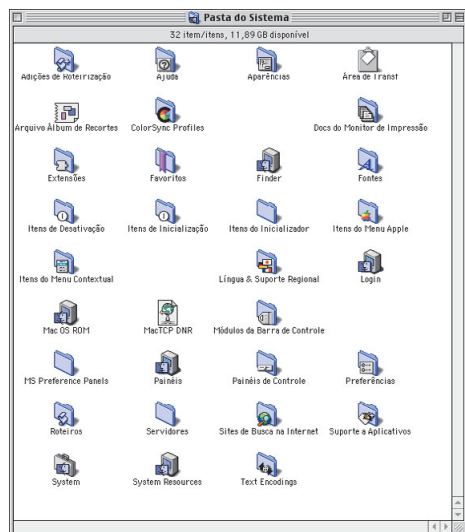
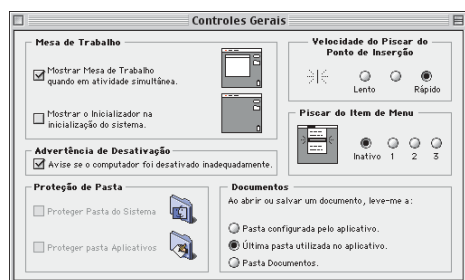
Menu Apple

Use este menu para abrir um item na pasta Itens do Menu Apple, ou para ver informações sobre o aplicativo ativo. Você pode personalizar os itens neste menu, incluindo ou removendo itens da pasta de Itens do Menu Apple.

Minucioso

A tradução do Mac OS 9 não é completa, mas é a mais extensa feita até hoje. Até as obscuras descrições das extensões, o conteúdo do help de balões e quase todos os acessórios do sistema estão em português. É um trabalho de fôlego

Extensões para valer

No novo sistema, deverão diminuir os conflitos entre aplicativos e extensões e as instalações acidentais da mesma coisa com nomes diferentes

Usar ou não?

A verdade verdadeira é que grande parte dos usuários brasileiros de Mac tem o sistema norte-americano em suas máquinas e, bem ou mal, se acostumou a lidar com os comandos em inglês. Só mais recentemente é que alguns iMacs passaram a ser vendidos com o Mac OS 8.5 em português pré-instalado. Foi mais um passo em direção à nacionalização do Mac, mas sem muito êxito.

Os motivos? Primeiro: a tradução de alguns menus e painéis de controle sempre deixou a desejar, gerando uma certa confusão para quem está acostumado com os comandos em inglês. Segundo: alguns programas apresentavam problemas na hora da instalação. Quem tentou instalar o Office 98 em cima do sistema brasileiro viu que o programa simplesmente se recusava a ser instalado, pois não encontrava o System Folder (só existia a Pasta do Sistema). Era preciso seguir alguns macetes (publicados aqui na revista) para instalar o programa. Tudo bem, é culpa da Microsoft e dos outros fabricantes que não previram essa situação, mas também é culpa da Apple Brasil, por não ter testado o sistema com os softwares mais populares.

Problemas resolvidos

O Mas OS 9 BR (à venda em todas as revendas Apple, por R$ 260) melhorou muito em relação às versões anteriores. Aparentemente, a Apple resolveu os problemas que impediam que alguns programas fossem instalados ou executados. Os da Microsoft, por exemplo, agora podem ser instalados sem qualquer artimanha. Outro software que costumava não rodar no Mac OS BR era o QuarkXPress, que não criou problemas na nova versão. Porém, o programa não funciona com o layout de teclado Brasil-Português (se a versão do Quark for americana), funcionando somente com o layout dos EUA ou os da Macmania (baixáveis em nosso site). A Apple informou, no entanto, que os layouts de teclado que virão na versão final do Mac OS 9 BR serão os mesmos da versão americana e que o teclado brasileiro vai estar disponível para download no site da Apple Brasil. Até utilitários como o Conflict Catcher e o Action GoMac (aquele que cria uma barrinha similar à do Windows, entre outras coisas), que estão intimamente ligados ao sistema operacional, funcionaram perfeitamente e não estranharam nenhuma das extensões ou pastas com nomes traduzidos. Enfim, não

constatamos reclamações específicas por parte dos programas, o que é uma ótima notícia. Estranhamente, uma das poucas coisas que não funcionou direito está relacionada com o próprio Mac OS. Sempre que tentávamos acessar um computador em uma rede baseada em servidor Linux, a partir de um alias (ops, réplica – é difícil se acostumar) do mesmo, o Finder (em português, é Finder mesmo) invariavelmente era fechado e uma mensagem de erro aparecia. O jeito foi ficar abrindo o Navegador da Rede (Network Browser) ou o Seletor (Chooser) para acessar alguma máquina na rede.

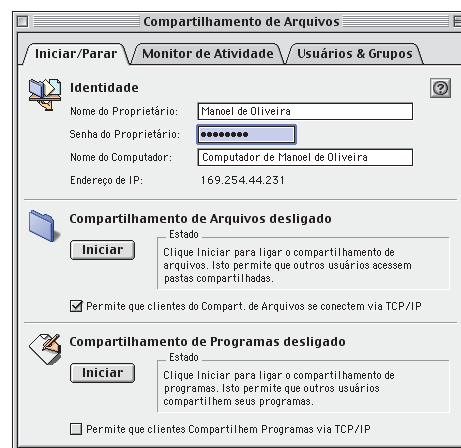
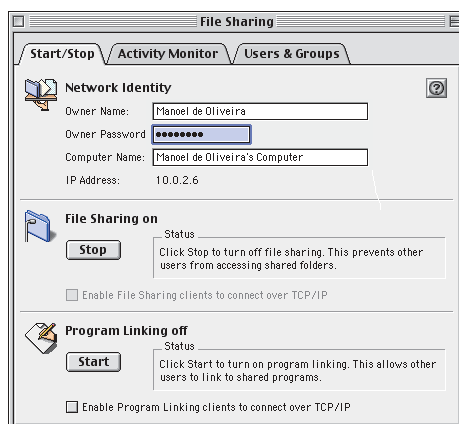
A Apple disse que não conseguiu reproduzir o mesmo erro em seus testes internos, que foram feitos no iMac DV, iMac 233, iBook, PowerBook G3, PowerMacs série 6/7/8xxx, G3 e G4. Faltou só o iMac DV SE, que foi a máquina que utilizamos para teste.

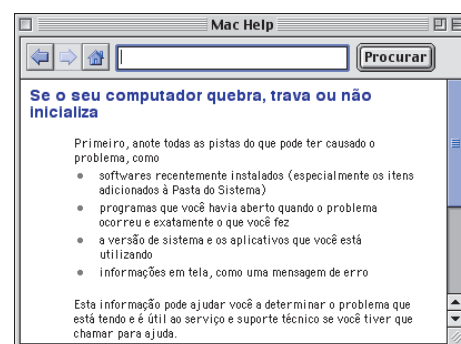
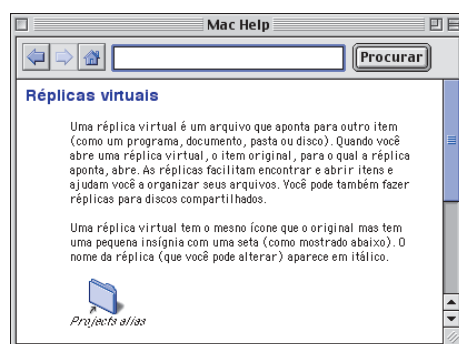
Outra ótima notícia é que o gigantesco Help (Ajuda) do Mac OS 9 foi inteiramente traduzido. Isso já é um avanço enorme, pois uma coisa é o usuário ter que se virar com menus em inglês; outra é ele ter inglês afiado o suficiente para entender o Help. Assim, ninguém precisa mais se sentir como Pitta no meio de uma enchente.

E não é só o Help: praticamente tudo está traduzido, com exceção dos nomes de algumas extensões e painéis de controle. Se você for ao Gerenciador de Extensões, vai ver lá as descrições em português de cada item instalado pelo sistema; se for na Visão Geral do Sistema (Apple System Profiler), também. Até as mensagens de erros e bombas (apesar de raras, conseguimos uma) estão falando a língua de Camões (se bem que, às vezes, tanto faz ser informado de um pau em inglês ou em português).

Quase todos os utilitários instalados pelo sistema também estão em português, com exceção do QuickTime, que ficou de fora certamente porque não haveria como fazer rapidamente a tradução de cada update que é lançado. Destaque especial merece o Sherlock, que além de estar todo traduzido ainda inclui o plug-in de procura da Macmania.

I beg your pardon

Ver um sistema traduzido é, com certeza, ótimo para quem está se iniciando na arte do Macintosh. Mas, para o bom *connoisseur*, não adianta: é como comparar um Shakespeare original com qualquer tradução. Por melhor que seja, não é a mesma coisa. É

Mais inteligível = mais prolixo

Um dos problemas de se traduzir para o português algo originalmente escrito em inglês é que a tradução sempre fica mais extensa. Isso não costuma ser problema em elementos de interface modernos, que podem ser redimensionados. como no exemplo acima. O bicho pega em outros lugares do sistema, cujo espaço disponível é fixo, tornando muito mais difícil encaixar os textos

Se o seu computador quebrar...

Um problema frequente em traduções ocorre quando o resultado não soa como linguagem natural. No caso à esquerda, inventou-se um termo – "réplica virtual" – para designar *alias*, o qual no Windows é traduzido simples e elegantemente por "atalho". À direita, a palavra "quebrar" para *crash* criou um efeito cômico involuntário

Ops!

À esquerda, o painel manda "dragar" (por que não "arrastar"?) um "ítem" (com acento?).
À direita, aonde está escrito "Gerenciador Moderno" leia-se "memória virtual".
O "gerenciador moderno de memória" é um feature antigo que nem existe mais

Pequeno dicionário inglês-brazuquês

Com os principais termos técnicos do Mac OS 9 brasileiro

Sleep	Repousar	Keychain	Keychain
Shut Down	Desativar	Finder	Finder
Shutdown Items	Itens de Desativação	Desktop	Mesa
Restart	Reinicializar	Chooser	Seletor
Launcher	Inicializador	Help	Ajuda
Launcher Items	Itens do Inicializador	Label	Etiqueta
Startup Items	Itens de Inicialização	Scroll	Rolamento
Startup Disk	Disco de Inicialização	General Controls	Controles Gerais
Clipboard	Área de Transf *(sic)*	Remote Access Status	Estado do Acesso Remoto
Select All	Mostrar Tudo	AppleCD Audio Player	Toca-Discos de Áudio AppleCD
Put Away	Dispensar	Apple System Profiler	Visão Geral do Sistema
Built-in	Integrado	File Sharing	Compartilhamento de Arquivos
Spring-Loaded Folders	Pastas Automáticas	File Exchange	Intercâmbio de Arquivos
Web Sharing	Compartilhamento Web *(sic)*	Control Strip	Barra de Controle
Location Manager	Gerenciador de Lugares	Energy Saver	Economizador de Energia
Script	Roteiro	Stickies	Lembretes
Scripting Additions	Adições de Roteirização	Scrapbook	Álbum de Recortes
AppleScript	AppleScript	Network Browser	Navegador da Rede
Speech	Speech	Apple Menu	Menu Apple

Cadê?
Devido à ordenação alfabética, os itens do menu da maçã dão um pouco de trabalho de achar a quem costuma usar o sistema em inglês

Help que realmente ajuda
O inédito Mac Help traduzido é uma arma a favor da difusão da plataforma entre usuários novos

Como é que é?
A frase "Clicar duas vezes para fechar janela" é ininteligível como está. Deveria ser "Dar duplo-clique no título da janela para minimizá-la"

óbvio que o Mac OS está longe de ser uma obra literária, e traduzi-lo não é algo tão difícil quanto traduzir *Finnegan's Wake* de James Joyce. Por isso mesmo, é difícil entender por que a Apple insiste em manter ou criar traduções esquisitas ou inapropriadas para alguns comandos e itens de menu.
Por exemplo, por que o usuário não pode apenas "reiniciar" o computador em vez de "reinicializar", que é uma palavra horrorosa e tem outras conotações (você pode reinicializar um disco, por exemplo)? Ou então, por que "desativar" o Mac, se você poderia simplesmente executar um comando "desligar", muito mais simples e claro? É só para não ficar igual ao Windows? Ou porque a Apple considera isso uma tradução mais fiel de Shut Down? Nesse caso, por que Spring-Loaded Folders viraram Pastas Automáticas (que é uma tradução interessante), em vez de "pastas impulsionadas por molas"? Por que o painel de controle Keychain Access não foi traduzido junto com os demais? E por que traduzir Put Away como Dispensar (seria difícil alguém "dispensar" um arquivo)? E o pior: por que Select All, que claramente significa "selecionar tudo", está traduzido como Mostrar Tudo? Aliás, como assim, mostrar tudo? E na frente dos outros?
São todas perguntas que não querem calar.
A impressão passada por muitas pessoas que

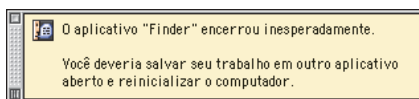
usam Mac e PC é de que o Windows pode ter lá seus termos esquisitos, mas não joga na cara do usuário coisas tão bizarras – especialmente quando se trata de conceitos do cotidiano que são iguais nas duas plataformas, como “atalho” e “réplica virtual”. Tudo bem, talvez isso sejam apenas encanações de macmaníaco puritano. Além do mais, sabemos que muitas dessas traduções datam da época do System 7 e que a equipe atual da Apple não tem muita responsabilidade sobre isso. É legal que a empresa tente manter o mesmo padrão, para não confundir aqueles que já vêm usando o sistema em português. Mas é preciso fazer uma ressalva: deve dar para contar nos dedos as pessoas que têm acompanhando a história do sistema brasileiro. Não seria a hora de rever essas traduções tortas? Quem sabe para o Mac OS X, que já vai mudar tudo mesmo...

Cadê os programas?

Tudo bem, talvez ainda existam algumas arestas para serem aparadas, mas o fato é que o Mac OS 9 BR está funcionando bem e deve chegar às prateleiras em maio, por R$ 260. Temos, finalmente, o Mac OS integralmente na nossa língua nativa. Demais! Porém, isso é apenas uma parte do processo de abrasileirar o Mac. E os programas em português, onde estão? A Apple está fazendo sua parte: afirmou que já está trabalhando na tradução do iMovie e do AppleWorks 6. O fato é que o usuário de Mac não tem muitas opções de softwares em português. A Adobe e a Macromedia têm alguns de seus principais produtos traduzidos, mas é praticamente só isso que existe (com exceção dos programas criados aqui no Brasil, é claro). Não existe nenhum desses pacotes de produtividade do estilo Office que fale nossa língua. E isso é tão importante quanto ter o sistema em português, pois os usuários compram um computador com o intuito básico de rodar aplicativos.

Se não surgir um número maior de programas traduzidos, o Mac OS provavelmente será a única coisa em português dentro do Mac, que continuará a ser um desafio para quem não tem intimidade com o inglês. Afinal, tudo o que o usuário quer é ficar numa “náice” com sua máquina. **M**

MÁRCIO NIGRO mnigro@mac.com
Está com o inglês cada dia mais OK, mas já apresenta dificuldades em falar Portuguese.

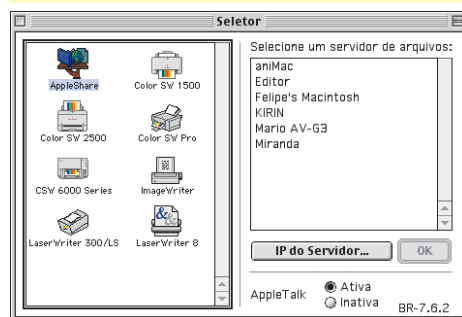
O aplicativo "Finder" encerrou inesperadamente.
Você deveria salvar seu trabalho em outro aplicativo aberto e reinicializar o computador.

Inesperadamente...

Para quem está cansado de ver um programa “unexpectedly quit” devido a um “unknown error”, essas telas são um refresco para a vista

“Roteiro-Maçã”?

Foi traduzida a pasta “Adições de Roteirização” (Scripting Additions), mas não alguns arquivos relacionados ao ApplScript, incluindo o próprio

Menino ou menina?

Chooser foi sabiamente traduzido por “Seletor”. Mas você sabia que, segundo a Apple, diz-se “*a* AppleTalk” e não “*o* AppleTalk”?

Sei lá, põe “reinicializar” aí

Uma mesma palavra, “inicializar”, é empregada com três significados: “inicializar” (*launch*, lançar programa); “inicializar de...” (*start up from*, dar boot); e “inicializar um...” (*format*, apagar disco)

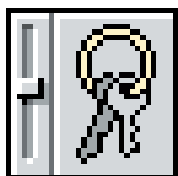
Mac Help
Procurar
Como inicializar de um disco diferente
Se você usar mais do que um disco rígido ou deseja inicializar a partir de um disco de CD-ROM ou DVD-RAM, você pode selecionar qual disco você deseja que o computador use como o disco de inicialização.
Para escolher um disco de inicialização, use o painel de controle Disco de Inicialização.
Abra o painel de controle Disco de Inicialização para mim.
Nota: Você pode inicializar a partir de um disco de DVD-RAM se ele tiver sido inicializado pelo aplicativo Disco de Inicialização com formato Mac OS Padrão ou Mac OS Extendido.

Elementar!

O único plug-in de busca brasileiro que vem com o Sherlock 2 é o da Macmania. Leia a matéria do MacPRO deste mês e saiba como fazer o seu

Chaveiro eletrônico

Guarde suas senhas num lugar seguro

A Internet invadiu a sua casa trazendo com ela banco, correio, música, literatura e até sexo para o seu computador, tudo isso possível com alguns cliques do mouse. E junto com todas essas mordomias, trouxe

um interminável amontoado de senhas para entrar nesses lugares maravilhosos. Como ficar decorando um monte de letras e números não é pra qualquer um e usar a mesma senha para tudo não é hábito saudável (sem falar em ficar escrevendo todas elas num arquivo de texto), a Apple inventou o Keychain, um painel de controle do Mac OS 9 que pode armazenar todas as suas senhas num único arquivo.

Mas você, que foi picado pelo mosquito da paranóia eletrônica, já está se coçando todo e faz a indefectível pergunta: mas esse negócio de manter todas as senhas num mesmo lugar é seguro? A resposta você vai ver já!

Guardando e trancando

Vamos partir do princípio de que você ainda não tem um Keychain. Ao acessar esse painel de controle, uma janela se abre perguntando se você pretende criar um "chaveiro". Depois, aparece uma tela pedindo um nome, uma senha e a confirmação. Essa é a única senha que você terá que memorizar daqui pra frente, por isso pense bem antes de escrevê-la. Ao clicar no OK, automaticamente será criado um chaveiro. Uma outra maneira de fazer isso é usar um programa que pergunta se você quer adicionar a senha ao Keychain. Se você não tiver criado sua senha-mestra, ele vai criá-la na hora. Quando o Keychain abre pela primeira vez, ele está destrancado (*unlocked*). Mas, quando o computador é ligado, ele estará trancado (por motivos óbvios de segurança). Se algum programa tentar acessar o Keychain, você será avisado e uma janela pedirá a senha para destrancar. Quando não estiver usando, o melhor é trancar o programa para evitar aborrecimentos.

Você tem muitas senhas, mas sua memória é fraca? O negócio é encarar o Keychain

Com apenas uma senha-mestra, o Keychain guarda todas as suas senhas e certificados para a Internet

Chaves no chaveiro

O maior problema em relação ao Keychain é que, mesmo seis meses depois do lançamento do Mac OS 9, poucos programas são compatíveis com essa tecnologia: nem o Internet Explorer 5.0 nem o Netscape 6 trazem compatibilidade com o Keychain. Infelizmente, a aplicação mais bacana dele seria poder armazenar senhas de sites de Web (o site da Apple até diz que isso é possível, mas na prática não funciona).

Alguns dos poucos programas que já estão adequados ao novo sistema são o Anarchie (FTP) e o Eudora (email). Em ambos, o uso do Keychain facilita bastante tarefas como fazer updates de sites e baixar emails, eliminando a necessidade de lembrar várias senhas.

Mesmo sem a cooperação dos browsers, você pode usar o Keychain para guardar suas senhas de Web, de uma forma menos automática que o ideal, mas ainda assim útil.

Para isso, siga os seguintes passos:

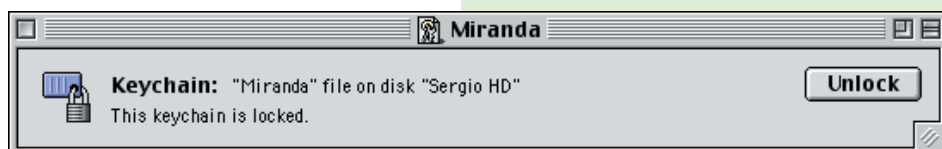
1 Crie um documento qualquer (um arquivo de uma palavra no SimpleText).

2 Dê ao seu documento o nome do serviço que você quer guardar a senha (exemplo: Hotmail)

3 No menu File, escolha a função Encrypt. O Apple File Security irá encriptar o documento. Cheque se o quadradinho "Add to Keychain" está selecionado.

4 Coloque como senha o *login* e a senha do serviço (por exemplo, Silva/12345). Pode jogar fora o arquivo original.

Pronto, agora toda vez que você precisar lembrar sua senha, basta abrir o Keychain e dar um

Uma vez trancado, o Keychain só abre se você quiser

Get Info no arquivo Hotmail. Isso não aproveita a praticidade que o Keychain permite, mas pelo menos é um lugar seguro para guardar suas senhas. E com a vantagem de que você pode transportá-las para outras máquinas. Com apenas um disquete (tá, você tem um iMac, não tem floppy… pode usar Zip ou o que quiser, falou?) é possível carregar suas senhas para qualquer outro computador com o Mac OS 9 e o Keychain instalado. Isso é possível porque as senhas ficam armazenadas em arquivos dentro da pasta Keychains, no System Folder. Carregue este arquivo para outra máquina, dê um duplo-clique sobre ele e pronto! Ele abrirá o Keychain. Aí é só colocar sua senha-mestra para ter acesso a todas as suas senhas secretas.

Segurança

Você continua se coçando todo, querendo saber se esse negócio é seguro ou não. Calma. Já vamos explicar.

Se você não contar para ninguém a sua senha, não há como outra pessoa abrir o seu Keychain. Isso é possível graças a um sistema de criptografia de 128 bits, o que significa que se alguém pegar sem querer (ou tiver roubado, mesmo) o seu chaveiro de senhas, será praticamente impossível usá-lo sem a senha-mestra.

E se você foi dar uma saída para arejar a cuca e esqueceu o seu Keychain aberto? Bem, não há muitos problemas, porque para fazer qualquer alteração nos settings do programa, inclusive modificar a senha principal, será preciso digitar a senha-mestra. Quem tentar mexer no seu chaveiro não poderá visualizar nenhuma das senhas guardadas, também.

Porém, muito cuidado ao desabilitar a opção de aviso toda vez que um programa ou site for utilizar os arquivos do Keychain. Se alguém fuçar no seu Mac e tentar acessar qualquer um das suas senhas, o programa ou o browser vai apenas procurar se aquela senha está armazenada e vai

Aqui você vê a senha que esqueceu

email Zine
Kind: Internet password
Where: pop.sao.zaz.com.br
Account: zine10
Created: 18 de abr de 2000, 3:08 PM
Modified: 18 de abr de 2000, 3:12 PM
View Password
Comments:

Dicas para uma boa senha

Muito cuidado na hora de escolher sua senha-mestra. Aqui vão algumas dicas:

1 Não repita uma senha já existente (como a da conta do seu webmail, por exemplo).

2 Misture letras e números, mas não use datas que podem ser facilmente adivinhadas (seu aniversário, essas coisas).

3 Não componha sua senha com informações pessoais, como por exemplo o nome do cachorro, da namorada.

4 Não use palavras tiradas a esmo do dicionário.

5 Não conte para ninguém nem a escreva num papel escreva num papel ou num arquivo no desktop.

6 Use letras maiúsculas e minúsculas aleatoriamente, porque ela terá sempre de ser digitada dessa maneira.

7 Use a "Língua do Prince", trocando letras por números com formas parecidas (A por 4, E por 3, I por 1, S por 5, G por 6). Dessa forma você obtém combinações esdrúxulas, mas facilmente memorizáveis, tal como M4CM4N14 ou 8R4S1L.

8 Pegue as primeiras letras das seis primeiras palavras de uma música. No caso do Hino Nacional, seria ODIAMP.

9 Crie combinações de tecla que podem ser lembradas pela maneira como são digitadas, não pelo conteúdo. Exemplo: 7u8i9, que forma um W na hora em que você digita. Experimente várias combinações.

embora. Se muita gente gosta de mexer no seu computador, é preferível digitar aquela única senha algumas vezes a correr o risco de alguém descobrir o que você anda escondendo.

Mas o seu caso é que você é um cara bacana e resolveu deixar aquele seu irmão (ou irmã, cunhado, vizinho…) usar o seu querido Mac. Como você não é bobo nem nada, criou um usuário para ele (com algumas restrições) nos Múltiplos Usuários. Será que ele vai poder mexer no seu Keychain? A resposta é não. Com múltiplos usuários, cada um deles ganha um chaveiro diferente, com senhas diferentes e tudo mais. Agora, se você já tinha um Keychain com o seu nome e depois transformou seu Mac em multiusuário, você vai acabar com dois Keychains com o mesmo nome. Se, depois, quiser jogar fora um deles, basta arrastar o arquivo da pasta Keychains, apagar tudo e restartar a máquina.

Tenha em mente uma coisa importante: o Keychain não é para manter arquivos protegidos ou escondidos, mas sim uma conveniência para o usuário, que é não ter de ficar lembrando tantas senhas diferentes. Há outros meios de proteger seus arquivos dos olhos alheios. Vamos falar de um deles agora.

Arquivos confidenciais

O **Apple File Security** é um programa que transforma arquivos comuns em confidenciais. Com um sistema de algoritmos extremamente complexos, criado por Richard Crandall, que trabalhava na NeXT, esse programa era o que faltava para esconder textos importantes (ou aquele "nu artístico" que você baixou da Internet) de bicões. Todo o processo é muito simples e intuitivo. Você pode simplesmente clicar num arquivo (observação: não é possível encriptar aplicativos ou pastas, apenas arquivos), ir ao menu File e escolher Encrypt. Quer mais? Clique segurando a tecla Control e escolha Encrypt no menu contextual. Escolha uma senha (chamada aqui de *passphrase*). Ninguém além de você poderá acessar esse arquivo. Mais fácil, impossível.

Encriptar é outra solução rápida e fácil

Se você quer encriptar vários arquivos de uma só vez, a única maneira é usar o StuffIt para comprimi-los em apenas um arquivo e depois encriptá-los com o Apple File Security. O AFS, além de encriptar, também comprime os arquivos, economizando espaço em disco. Como já dissemos, é possível colocar esse arquivo encriptado no seu Keychain; assim, não será preciso ficar lembrando qual senha você colocou nele.

Agora, os pequenos problemas…

Toda vez que você encripta um arquivo, ele é deletado e transformado num arquivo do AFS. Até aqui tudo bem, pois por medidas de segurança é melhor ficar apenas com o arquivo encriptado. Porém, qualquer mané pode, com um Unerase da vida, encontrar seu arquivo original e recuperá-lo. Daí, meu amigo, não tem choro nem vela, sua privacidade foi pro saco. Mas, calma, rapaz! Não há motivo para pânico. Para isso existem programas que podem limpar definitivamente os arquivos deletados do seu HD, como por exemplo o WipeInfo do Norton Utilities – que além de deletar, grava "brancos" sobre o arquivo (de maneira que, mesmo que o documento seja "ressuscitado", seu conteúdo estará vazio).

Haqueando seu Mac

Programas que mexem com as entranhas de seu computador

Por acaso você alguma vez teve vontade de ultrapassar a fina linha que divide os simples mortais usuários de computador dos *heavy users*? Já teve aquela vontade de entrar dentro dos computadores e dos programas e alterar e descobrir tudo? De ser alguém como o herói de "Matrix" ou algo assim? Pois fique sabendo que existem ferramentas que permitem esse contato mais íntimo entre você e o submundo do seu computador e dos programas, transformando você em um pokaprátika um pouco mais esperto. É claro que não vamos ensinar você a ser um hacker profissional capaz de entrar em sistemas superprotegidos e começar uma guerra nuclear, mas vamos mostrar uma ou outra ferramenta que entra fundo no seu Mac e pode ajudar no seu dia-a-dia.

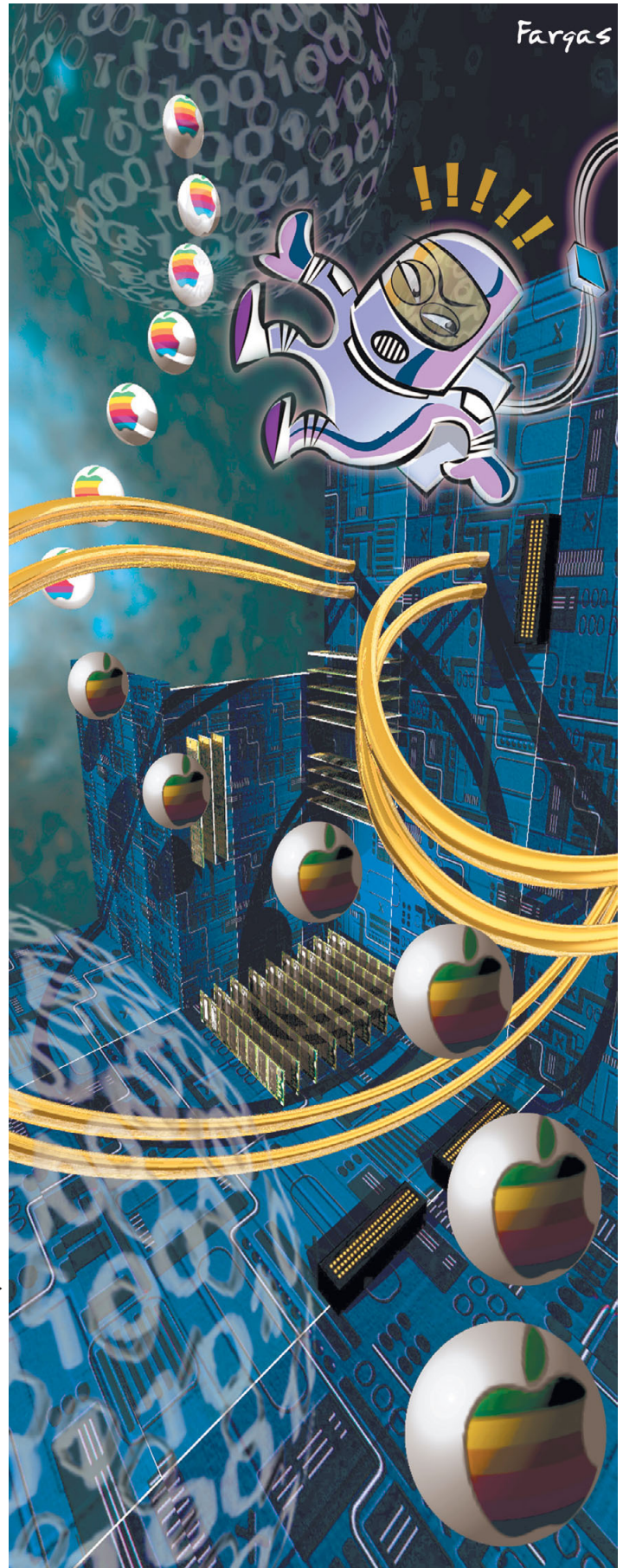
Aviso importante! A central de orientação aos pokaprátikas e sempistas informa: alguns desses softwares são "tarja preta" total! Não os use sem ter alguém experiente por perto, ou não faça nada de que você não tenha absoluta certeza e entendimento. A regra geral é: nunca altere o arquivo original, faça sempre uma cópia para brincar. Senão, a vítima provavelmente será você, seus dados e sua máquina. Não vá dizer depois que não avisamos...

Keychain Unlocker

Um AppleScript para evitar que você tenha que colocar a senha todas as vezes que abre um programa com senha armazenada no Keychain, o "chaveiro" do MacOS 9. Ele muda o estado default do Keychain de trancado para aberto. Só é recomendado para quem tem certeza absoluta de que ninguém mais tem acesso ao seu Mac e não quer ficar colocando a senha do Keychain toda vez que dá restart. De graça.

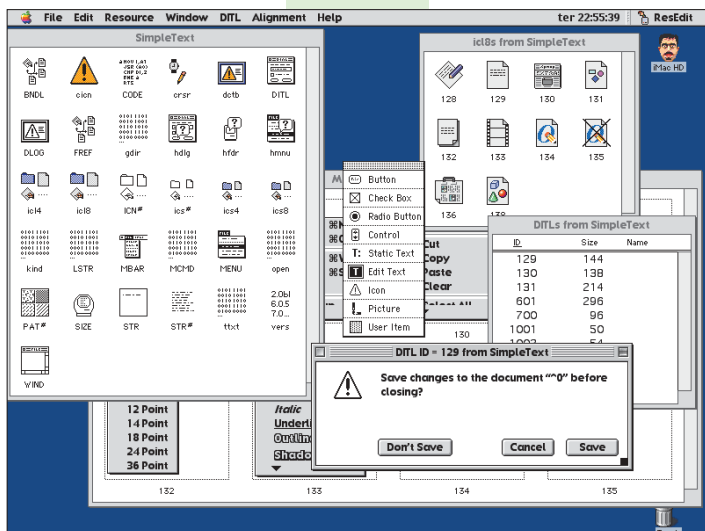
The keychain information was saved. The default keychain will now be automatically unlocked on all future system startups.

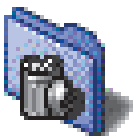
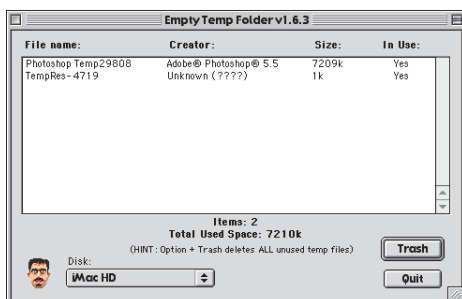
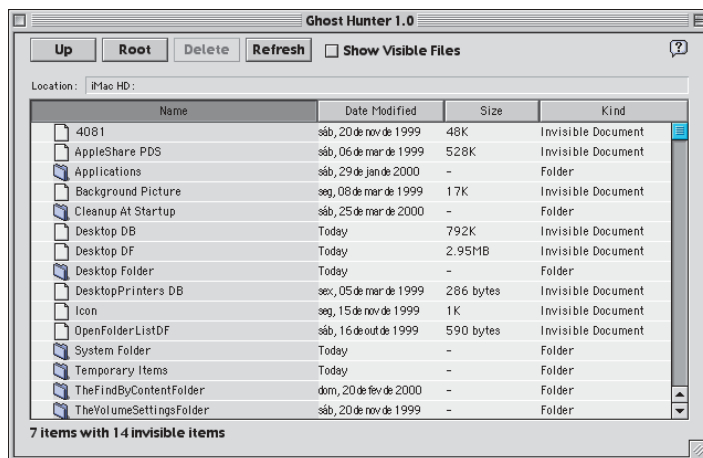
OK

É o equivalente a deixar a chave do apartamento na portaria

ResEdit

Um clássico, ferramenta indispensável no Mac de qualquer macmaníaco hardcore. A Apple criou esse programa para tornar mais fácil a vida de quem precisa alterar *resources* (recursos) de programas e arquivos. Resources são os pedaços dos programas onde ficam armazenadas especificações de interface, como cores, tela de abertura, ícones, cursores, menus, avisos e caixas de diálogo. Com o ResEdit você pode editar tudo isso e traduzir os menus, extrair sons de um jogo, alterar atalhos de teclado, redesenhar ícones, mudar os botões das caixas de diálogo e várias outras coisas que até podem estragar seus programas. Infelizmente, a Apple parou de soltar novas versões em 1994. Vale lembrar que com ele é muito fácil fazer algo de errado e danificar alguma coisa – ainda mais se você mexer no arquivo System, por exemplo.

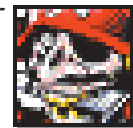
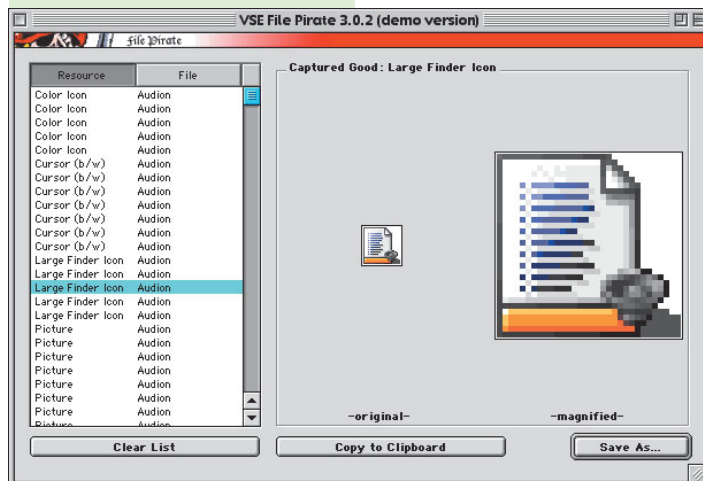
O tom do programa é dado logo de cara, quando ele abre e mostra a animação de um "jack in the box" (caixa de surpresas com um boneco, que serve para assustar as pessoas).

Com o ResEdit, você pode mudar a cara de um programa ao ponto da irreconhecibilidade

EmptyTempFolder

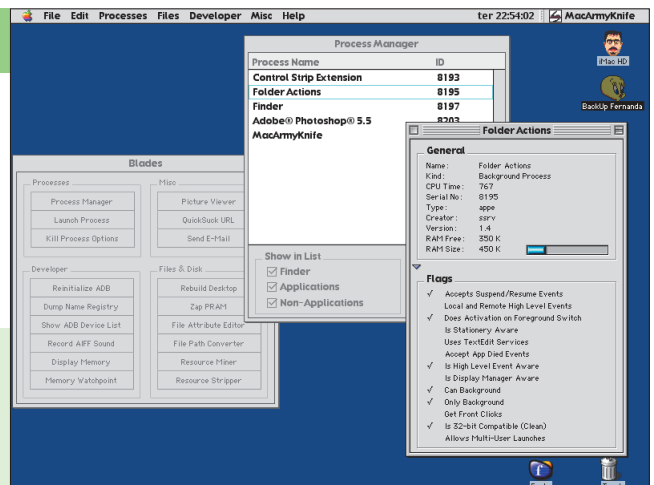
Na verdade, esse freeware serve para corrigir uma falha do Mac OS, quando este deixa alguns programas criarem arquivos dentro de uma pasta invisível chamada "Temporary Items". Tudo o que o Mac OS deveria fazer era deletar os arquivos dessa pasta depois que você usou certos programas, mas nem sempre ele o faz, e você acaba com espaço no disco ocupado por lixo invisível. Com esse programinha, você consegue deletá-lo, e isso é mais do que uma dica: é necessário tê-lo e usá-lo bastante, ainda mais se você usa programas enormes, como o Photoshop.

Delete aquele scratch disk gigante que o Photoshop deixou "de lembrança" no último crash

Ghost Hunter

Sharewarezinho para localizar rápida e facilmente arquivos invisíveis dentro do seu computador e descobrir com que programas eles foram criados. Explicando: certos programas utilizam a capacidade do Mac OS de tornar arquivos invisíveis, para gravarem e esconderem certas informações. Mas aí, um dia você apaga um programa e os seus arquivos invisíveis ficam espalhados pelo computador. Com o Ghost Hunter (belo nome, hein?) fica fácil achar esses arquivos e apagá-los (coisa que não dá para fazer com o Sherlock, por exemplo). Bom também para achar e apagar vírus que ficam invisíveis (como o cavalo de tróia AutoStart). Mas cuidado: existem arquivos invisíveis importantes para o funcionamento do seu Mac! Apagá-los por engano pode lhe render muita dor de cabeça.

Você se surpreenderia de saber quantas coisas gravadas na sua máquina são invisíveis

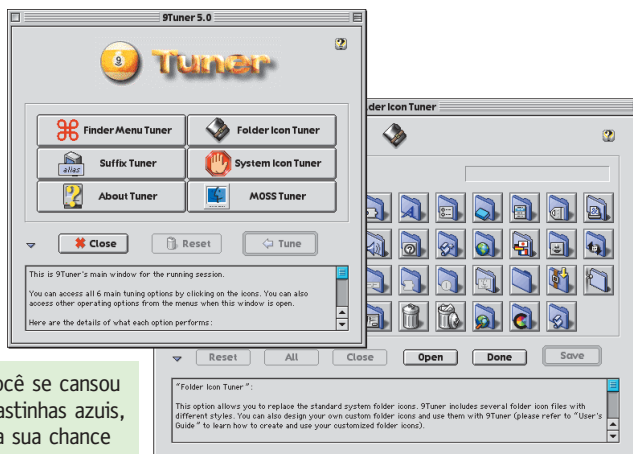
File Pirate

Não se empolgue com o nome; não dá para piratear programas com ele. O File Pirate é um programa que faz algo que o ResEdit faz, de uma maneira mais simples e direta: encontra dentro de um programa todos os resources de imagens e sons e deixa você salvá-los ou copiá-los para o Clipboard. Ideal para tarados por imagens e sons de joguinhos.

Se o que você realmente gostava em um certo jogo eram os sonzinhos, faça a festa

MacArmyKnife

Como o nome diz, é um canivete com várias funções para o seu Mac. Com ele, você pode fazer coisas simples como dar um *rebuild* no desktop ou dar um "zap" na PRAM sem desligar a máquina; ver a lista de processos que o seu Mac está executando (você vai se surpreender ao ver quantos programas estão funcionando no seu Mac, mesmo quando parece que não há nenhum aberto); ver o mapa da memória; baixar sites inteiros da Internet; ver imagens e gravar sons; e ver quantos e quais acessórios estão ligados na porta ADB (a mesma do teclado e do mouse dos Macs não-coloridos).
Também pode fazer coisas complicadas (e perigosas!) como interromper processos, reinicializar a porta ADB, tirar resources de arquivos e mudar a localização de documentos dentro do disco. Dá a impressão de que o autor foi enfiando em um programa só tudo o que ele foi aprendendo a fazer, e o resultado é um aplicativo que pode ser bastante útil, mas também é bastante perigoso, uma vez que ele não explica muito bem todas as funções. Assim como um canivete pode salvar sua vida, ele pode também cortar o seu dedo.

Saiba sobre seu Mac coisas que nunca imaginou, usando este "canivete". A palete chamada "Blades" (lâminas) dá acesso a funções extremamente variadas, justificando o apelido

Onde encontrar

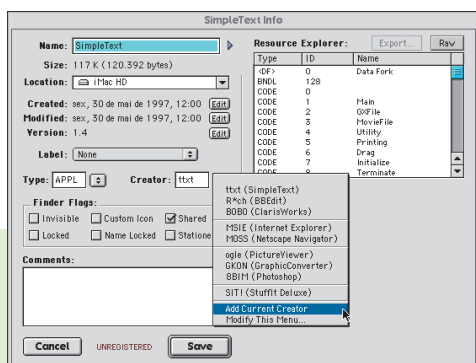
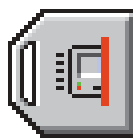
ResEdit	465 K	http://asu.info.apple.com/swupdates.nsf/artnum/n10964
EmptyTempFolder	514 K	www.users.uswest.net/~johnnycat/StimpSoft/stimpsoft.html
File Pirate	786 K	http://vse-online.com/file-pirate/download.html
File Whacker	670 K	www.blackmagik.com/filewhacker.html
Ghost Hunter	715 K	www.mb-software.net/pages/software/ghost_hunter.html
G3 Throttle	15 K	www.246.ne.jp/~kykz/g3throttle-e.html
Keychain Unlocker	15 K	www.carnation-software.com/carnation/keychainunlocker.html
9Tuner	558 K	www.dragonone.com/pages/macos/9tuner.htm
MacArmyKnife	684 K	www.chaoticsoftware.com/chaoticsoftware/productpages/macarmyknife.html
VPC Helper	1,3 MB	www.infamus.com/vpchelper/index.html

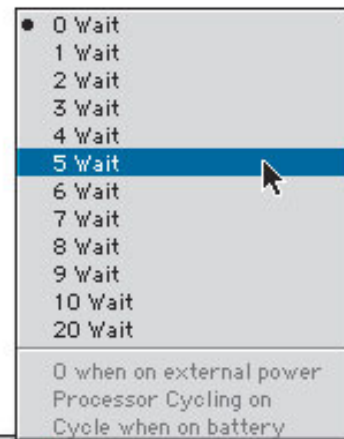
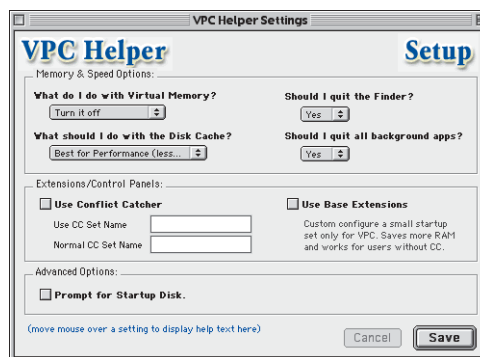
9Tuner

Se você se cansou das pastinhas azuis, eis a sua chance

Assim como os seus antecessores (8Tuner e 7Tuner), esse shareware faz várias coisas que o ResEdit faz, mas de uma maneira muito mais automática, simples e muitíssimo bem explicada. Suas funções para o Mac OS 9 são: definir teclas de atalho para comandos dos menus, mudar ou eliminar os sufixos "alias" e "copy" que o sistema põe nos aliases e cópias, mudar os ícones padrão das pastas do sistema e das caixas de diálogo, e mudar a tela e as mensagens de abertura.
Ou seja: se você não manja e nem quer manjar de ResEdit, use sossegado esse programinha, que até faz um becape dos dados do sistema caso você faça algo errado com ele. Bem legalzinho.

File Whacker

É um File Typer vitaminado. Esses dois programas (e vários outros que existem por aí) servem para você ver e editar algumas características de um documento ou programa, como a data de criação e de modificação e as extensões embutidas (Type e Creator) que mostram qual programa originou qual arquivo. Se você não entendeu, eis a explicação. Os arquivos do Mac contêm códigos para identificar cada tipo de documento. Só que, diferente do Windows, eles não usam uma única terminação, como .tif ou .doc, mas dois códigos: um para o tipo de arquivo (Type) e outro que identifica o programa que o criou (Creator).
A utilidade de um programa como esse é extensa. Por exemplo: se você recebe um attach de email que sabe que é um arquivo de Photoshop, mas ele não o reconhece como tal, pode copiar os códigos de Type e Creator de um arquivo intacto para o danificado e, assim, forçar o seu reconhecimento.
Ou pode esconder arquivos, tornando-os invisíveis. Além disso, o File Whacker permite que você veja e exporte *resources*.

Este cobre algumas funções do ResEdit, mas vem com algumas coisas "mastigadas"

G3 Throttle

Modulozinho de Control Strip para "mudar a marcha" dos processadores G3 e G4. Mas calma: ele não deixa você usar uma velocidade mais alta no seu processador, e sim velocidades mais baixas. Mas por que você precisaria de um programa que deixa a máquina mais *lenta*? Segundo o fabricante, isso torna o seu Mac mais compatível com programas que necessitam de uma velocidade mais baixa para funcionar melhor (Apple GeoPort Telecom Adapter, Avid Cinema, Visioneer PaperPort Strobe, PalmPilot HotSync). É interessante por interferir diretamente no processador.

O menu do Throttle estabelece intervalos extras de espera entre um ciclo de processamento e o seguinte

VPC Helper

Isso deveria ser um feature do próprio sistema

Mão na roda para quem tem o Virtual PC e precisa do máximo de memória disponível e do mínimo de programas abertos. Você pode pedir para ele desligar a memória virtual, dar um Quit no Finder, sair de todos os outros programas, estabelecer a melhor performance para o cache de disco e carregar a melhor configuração de extensões possível. Claro que você pode usá-lo em conjunto com outros programas, mas o mais interessante é o esforço que ele faz para liberar um monte de espaço que coisas como o sistema ou os aplicativos ocupam, deixando nossas máquinas mais lentas. Bem melhor do que aquela dica, que volta e meia aparece, de colocar o Virtual PC no lugar do Finder.

Se você gosta de sofrer emoções fortes, pode baixar esses softwares e mais um monte por aí, todos bem perigosos. Tome cuidado com o tipo de programa que você encontra, leia sempre os arquivos "Read Me" e faça cópias dos seus programas antes de brincar de ResEdit ou similares. E lembre-se: nunca use o seu Mac para o mal. **M**

DOUGLAS FERNANDES douglasf@mac.com
Nunca usou seu Mac para o mal. Bem… mais ou menos…

Artec 1236

Scanner de Mac a preço de scanner de PC

Andréx

A aposta da Apple no USB cada vez se mostra mais certa. Uma das maiores reclamações dos usuários, a de que periféricos para Mac custam mais caro, está cada vez mais rara. Veja o caso dos scanners, por exemplo. Até bem pouco tempo atrás, eram artigos de luxo. Como os macmaníacos são um povo com raízes na editoração eletrônica, só se encontravam scanners bons e caros no mercado, enquanto os pecezistas se viravam como podiam com scanners bagaceiras, mas baratinhos.

Com o iMac e o USB, o usuário de Mac agora conta com o melhor de dois mundos. Os fabricantes mais espertos de periféricos para PC estão crescendo o olho para o mercado Mac e trazendo para a plataforma produtos de boa qualidade e com preço arrasador. O scanner Artec 1236 é um bom exemplo disso. Bolado especialmente para o mercado Mac, ele bate qualquer scanner para PC no quesito preço/qualidade.

Não basta ser barato para cair nas graças dos macmaníacos: tem que mostrar serviço. O scanner da Artec é posicionado como um modelo doméstico mas, com uma resolução óptica de 600 x 1200 dpi, não faz feio em trabalhos profissionais. Se você trabalha com Web, por exemplo, não há o que pensar. Ele consegue capturar cores com boa fidelidade ao original. Não é dos scanners mais rápidos, mas o tempo que leva para escanear uma página não é nenhuma eternidade torturante.

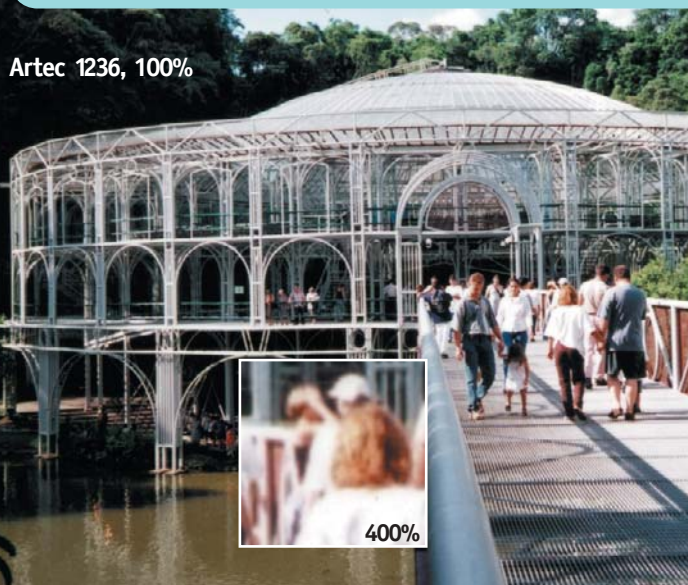
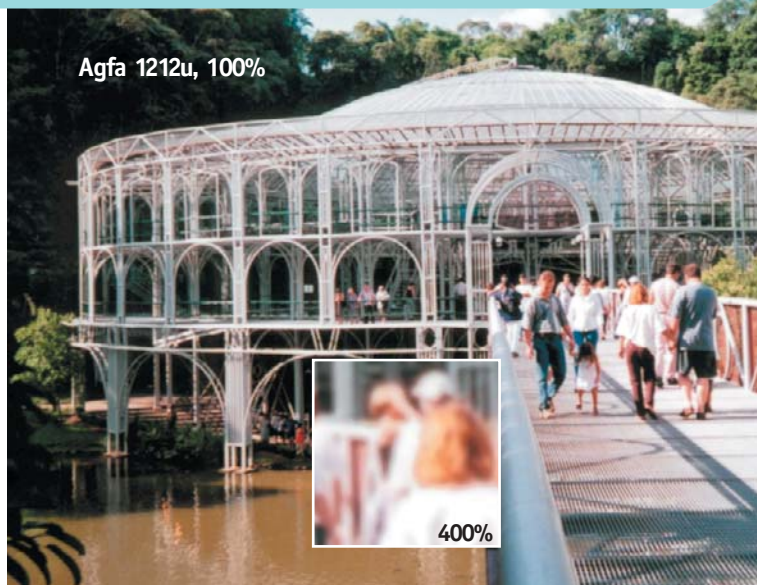
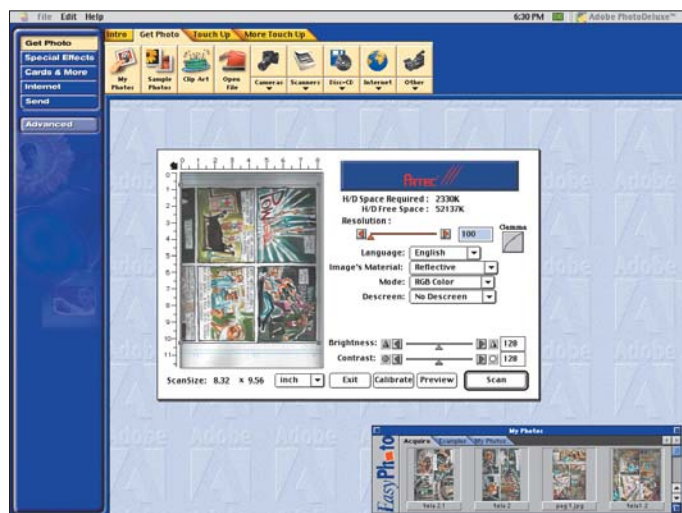
O Artec 1236 traz uma grande vantagem em relação à concorrência: é o primeiro scanner para o iMac que não precisa de fonte de força,

Tira-teima dos scanners baratos

Tempos de scan de uma foto de 15 x 10 cm a 600 dpi

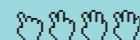
Scanner	Até acabar a barra de progresso	Até surgir a foto completa na janela	Tempo de preview da área de scan
Artec 1236	1'31"	1'50"	33"
Agfa 1212u	1'25"	1'45"	15"

Mario AV

O scanner vem com o Adobe PhotoDeluxe como bônus

tirando a energia necessária ao seu funcionamento diretamente da porta USB. Isso o torna extremamente leve, quase portátil. Como todo equipamento que exige muito do USB, não deve ser ligado ao teclado, somente direto na segunda saída do iMac. Ou seja: se você já tem algum aparelho USB, provavelmente terá que comprar um hub para evitar ter que ficar plugando e desplugando sua parafernália.

O Artec também traz de brinde o Adobe PhotoDeluxe, um excelente programa para usuários domésticos que querem brincar com imagens, mas péssimo para usuários profissionais, que devem aproveitar a grana que economizaram no scanner para dar de entrada num Photoshop. Felizmente, o plug-in do scanner funciona tanto no PhotoDeluxe quanto no Photoshop, se bem que deu alguns paus com este último.
O PhotoDeluxe é um programa bem intuitivo, com recursos muito bons para manipular, editar e retocar imagens. Só não estranhe ter que acessar o scanner pelo ícone da câmera de vídeo e não pelo do scanner. Tudo bem; afinal, o programa veio de brinde.

O software do scanner não é dos mais completos, mas traz os recursos básicos para quem precisa fazer um bom scan, como o *descreening*, para evitar o *moiré* (efeito de interferência em imagens escaneadas de revistas).
Como cereja na ponta do sorvete, a Artec se gaba de ter o único scanner disponível nas cinco cores dos iMacs *tutti-frutti* e também no azul Bondi original. Até o fechamento desta matéria, ainda não havia o scanner grafite. Mas ele não deve demorar...

ARTEC 1236 USB

Pró: relação custo/benefício incrível; não precisa de fonte de força; disponível em seis cores do iMac

Contra: Adobe PhotoDeluxe é muito fraco e não se dá bem com o plug-in de scan

Artec: www.artecusa.com
MacMouse: 11-884-7799
Preço: R$ 233

SyncMaster 750 ST "Fashion"

Não é só a Apple que faz monitores classudos

Veja só o que você fez, Steve! É certo que a tendência dos equipamentos eletrônicos diáfanos começou antes do iMac. Talvez o precursor tenha sido um aparelho de televisão completamente transparente, feito nos EUA especificamente para celas de prisão (de modo que os detentos não pudessem ocultar nada no gabinete). Depois veio uma bem-sucedida geração de relógios Swatch e pagers Motorola translúcidos, e também os CD players portáteis da Casio – estes não apenas translúcidos, como também disponíveis em várias cores. Sem falar nas ótimas panelas coreanas com tampa de vidro fumê (não é preciso destampar para ver se o arroz ficou pronto). Tudo isso veio antes do iMac.

Só que o iMac foi o ponto decisivo para essa tendência ser considerada *cool* e imitada em praticamente tudo o mais, e não necessariamente eletrônico. Agora já está um exagero. Que mais deve ser translúcido e colorido, além de celulares, outros CD players e micros de mão? Lapiseiras, utensílios de cozinha, escovas de dentes... (Lixeiras, pastas de documentos e estojos de mão translúcidos, em particular, são a mania do momento.)

A tendência da estação

Depois de uma série de periféricos imitando a aparência do iMac, estava na hora de surgir um produto da nova tendência com porte maior do que uma impressora. A Samsung é a primeira marca a apresentar um monitor no novo estilo, além da própria Apple. (A empresa já tem feito câmeras digitais e – pasme – aparelhos de videocassete transparentes!)

O 750 ST "Fashion", uma nova versão do extremamente popular monitor de 17 polegadas da Samsung para o mercado SoHo (pequeno escritório e doméstico), não é realmente translúcido. Seu interior é cuidadosamente embrulhado em uma carapaça metálica de isolamento magnético, e esta é coberta do tal plástico. As três cores em que é disponível – laranja, verde (ainda não trazido para cá) e azul – não são exatamente as mesmas usadas pela Apple; o azul aparentemente é derivado da "cor corporativa" da empresa, que aparece como uma faixa no topo de quase todos seus monitores beges.

De frente, a cor do monitor quase não é visível, e sim uma superfície branco-gelo. Esse detalhe, que também ocorre nos iMacs e nos monitores Apple atuais, certamente deve ter sido pensado para não alterar a percepção visual de quem trabalha com edição de imagens.

A começar pelas cores diferentes, por todo o lado há detalhes inovadores que provam que é, sim, possível fazer algo que não possa ser acusado de plágio da Apple. O monitor é cheio de personalidade. Desde os furinhos laterais (que evocam o finado Acer Aspire, o primeiro PC com design mais bem cuidado) até os pezinhos de bolas, que podem ser rosqueados para ajustar a elevação da tela.

Pró: Estiloso; com personalidade própria (não tenta imitar os produtos da Apple); relativamente barato

Contra: Caixas de som não impressionam; sem as costumeiras novidades no departamento da imagem

Som

As caixas de som anexas, auto-amplificadas e com reforço de graves, são construídas de tal forma que o monitor pode ficar com ou sem elas instaladas. Tanto melhor, pois, se você já tem um par de caixas especializadas, mais parrudas, as que vêm com o monitor não fazem muito sentido, porque seu som não é particu-

SYNCMASTER 750 ST "FASHION"

Samsung: www.samsung.com.br/produtos/produtos_mon_fashion.htm

0800-124-421

Preço: R$ 797

Fotos Andréx

O botão de ligar fica na parte superior. Testamos o modelo azul, mas também existe a versão laranja

O monitor é cheio de formas, ângulos e detalhes interessantes, misturando partes translúcidas e opacas

larmente impressionante. Uma característica curiosa das caixinhas é que, devido à sua posição lateral, são invisíveis para quem está trabalhando (de frente para a tela). A sua alimentação de energia vem do próprio monitor, via um inteligente plug na traseira. Por falar em plug, o sinal de vídeo vem por um conector VGA, com o adaptador para Mac sendo fornecido como item opcional.

Ergonomia e imagem

Os controles *on-screen* do 750 ST são os mesmos que construíram a ótima reputação dos demais modelos da marca. Completos e cômodos. Quanto à forma de acionamento, desta vez, nada de gaveta deslizante, e sim uma fileira de botões prateados (prateados? Deixa ver... é, o iMac não tem nada prateado). Aliás, o botão de ligar fica em cima, o que é justificável pelo fato de, hoje em dia, não se ficar mais ligando e desligando os monitores à mão (eles o fazem sozinhos, acompanhando o computador).

No quesito imagem, nada de inovador, pois o 750 ST usa o mesmo tubo de imagem da linha SoHo tradicional; se fosse um IFT (tela absolutamente plana), aí sim, seria arrasador, mas este modelo é destinado ao mercado de massas (como o próprio iMac), e não dá para querer tudo em algo que *precisa* custar mais barato.

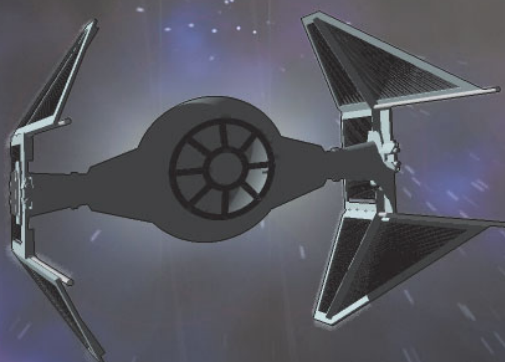
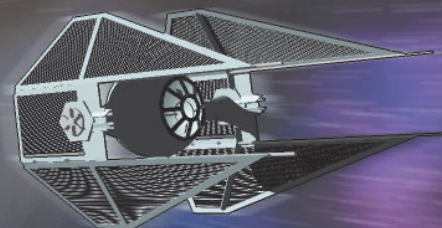
A resolução máxima é de 1024 x 768 pixels, o que ainda não é muito alto para um tubo de 17" (os modelos mais profiças atingem 1152 x 870). Mas o *dot pitch* (densidade dos pontos luminescentes coloridos da tela) é de ótimos 0,24 mm.

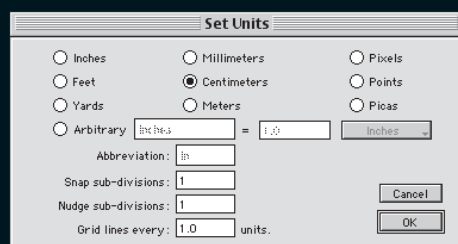
Questão de estilo

Só restou fazer uma colocação a respeito do SyncMaster 750 ST. Eu gostei do visual dele (OK, os pés-bolinhas são um pouco demais pro meu gosto), mas você pode odiar. Tudo bem. O que ele realmente significa é que outro bastião do tradicional caixotão bege foi derrubado, e por alguém que não a Apple. É mais uma prova de que é possível e até desejável "viajar" no design de tudo – desde televisões para cadeias até monitores. M

Faça seu próprio TIE Fighter

Modelando no Strata

No tutorial de texturas do Strata StudioPro na Macmania 66, prometemos continuar o tema falando sobre modelagem. Demorou, mas chegou. Além dos motivos mais comuns de falta de tempo e paciência para escrevê-lo, havia o problema de não possuir uma idéia boa o bastante sobre o que escrever. Minha idéia era fazer um tutorial que conseguisse falar das diversas ferramentas que podem ser utilizadas no StudioPro, o que por si só não é exatamente uma tarefa fácil, mas também deveria ser interessante o bastante para que as pessoas tivessem vontade de segui-lo.

Foi por puro acaso, remexendo nos livros de minha irmã, que encontrei algum material sobre "Guerra nas Estrelas", e pensei: "Taí o que eu estou procurando". A princípio, considerei a hipótese de fazer um modelo de um Pod Racer, mas havia alguns impedimentos psicológicos (achei o Episódio 1 um completo lixo), então voltei para os livros mais velhos, da série antiga, e a escolha foi óbvia: um TIE Fighter – mais precisamente, um TIE Interceptor, que tinha os painéis solares mais impressionantes. Então, sem mais delongas... mãos à obra!

Preparação do terreno

Após lançar o programa, crie um novo documento e ajuste o grid Edit ▸ Set units... – não se preocupe com escala, não estamos tentando ser precisos nem gerar um modelo muito rebuscado: a intenção aqui é meramente didática. Tente um resultado como o abaixo, usando as unidades que lhe sejam convenientes. Em um próximo workshop tentaremos fazer algo com mais precisão, mas a filosofia do StudioPro não é essa...

No menu de ajuste, é aconselhável trabalhar com unidades conhecidas, tais como metros ou centímetros. Logo abaixo, defina as subdivisões da grade (Grid lines every) de modo que a imagem fique confortável para trabalhar *(fig.1)*.

As linhas do grid servem como referência para a modelagem; é aconselhável não sobrecarregar a tela com elas *(fig.2)*.

Vamos iniciar com a criação do corpo do nosso TIE Interceptor (apenas para sua informação: TIE significa motor iônico duplo, Twin Ion Engine). Começaremos selecionando a vista direita na janela de trabalho e desenhando um círculo que servirá de referência (se você tiver uma vista lateral de um TIE, poderá utilizá-lo como *backdrop*, o que facilitará as coisas). No meu caso, fiz um círculo com 8 cm de raio, utilizando a ferramenta de desenho 2D, desenhando um círculo aberto e pressionando Shift para que o aspecto deste se mantivesse nos dois eixos, caso contrário teríamos uma elipse.

No canto superior direito aparecem as dimensões da peça desenhada.

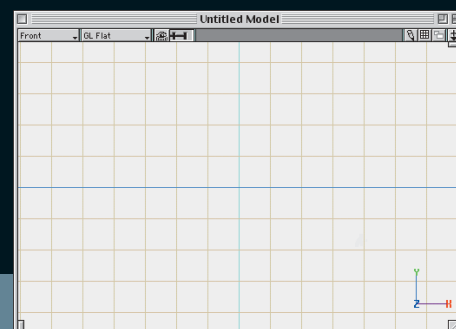



Figura 1

Figura 2

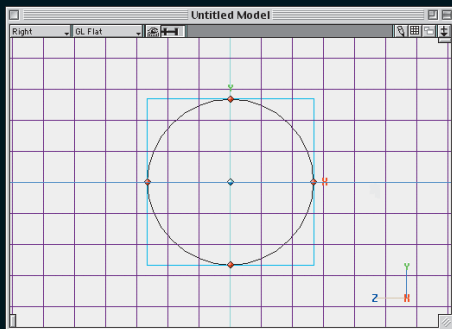



Figura 3

Pode ser difícil de acertar, mas não esquente: já explico a maneira fácil.
Segure o Shift apertado enquanto desenha o círculo (isso manterá o seu aspecto); em seguida, centre-o com o centro do grid (isto ajudará a visualizar o desenho mais tarde) *(fig.3)*.
Agora vamos ajustar o círculo. Na palete Object

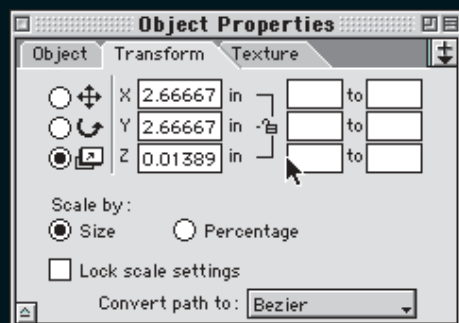



Figura 4

Properties, selecione o tab Transform e expanda a palete (clicando na seta no canto inferior esquerdo). Aí é possível modificar o objeto, tanto em movimento quanto em rotação e escala, utilizando os ícones no lado esquerdo. O ícone do cadeado, ao lado do campo de entrada de valores, fará com que todos os campos se alterem da mesma forma. Clique sobre ele para deixá-lo "fechado" *(fig.4)*.
Para facilitar a nossa vida, clique também nas caixinhas Lock Scale Settings e Lock Positions Settings. Isso fará com que o objeto não possa ser movido nem reescalado.
Feito isto, vamos desenhar mais dois círculos que definirão a carlinga do caça. Selecione a vista frontal e desenhe dois círculos da mesma forma, um com 1/3 do tamanho do que já temos desenhado e outro com 2/3 do cículo de referência. Se quiser, cheque o modelo final para saber se está no caminho certo.
O desenho dos círculos, devidamente alinhados... calma, já explico como fazer *(fig.5)*.
Para alinhar os objetos, basta selecioná-los, ir até o menu Modeling e selecionar o comando

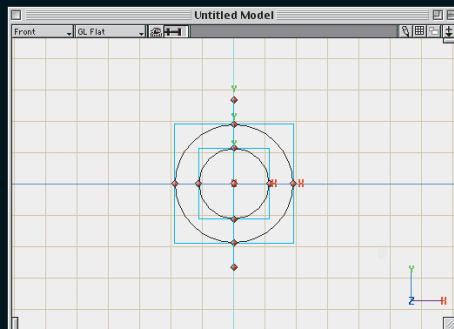



Figura 5

Align, que traz opções para ajustes na horizontal, vertical e profundidade. Como o círculo de referência está com seus movimentos restritos, os outros irão se alinhar com ele. Este é o procedimento para alinhar objetos que será seguido em todo o tutorial *(fig 6)*.

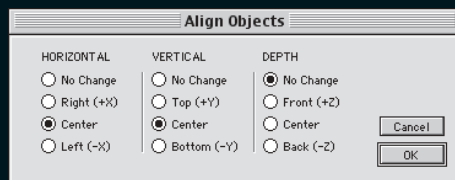



Figura 6

Vamos agora colocar os objetos em suas devidas posições, em relação à profundidade. Selecione a vista lateral direita, e mova os dois círculos menores até que estes toquem o maior. Arraste-os pelo *handle* do centro para que eles se desloquem apenas na horizontal. O processo é feito no olho, por isso aproxime a visão o máximo que puder. Aqueles que possuírem a extensão Snap poderão fazê-lo de forma mais precisa, mas isto não será necessário *(fig.7)*.

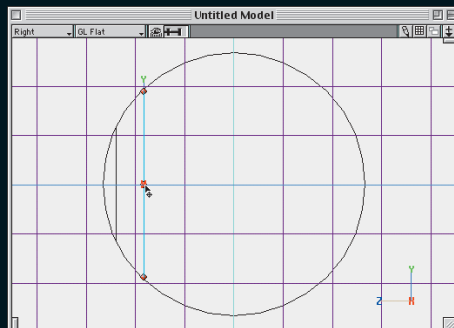



Figura 7

Os pontos vermelhos são chamados *handles* e, como seu nome diz, servem para manipular os objetos, restringindo seu movimento em determinada direção. Isso é útil para se conseguir movimentos mais precisos sem precisar utilizar a palete Properties.

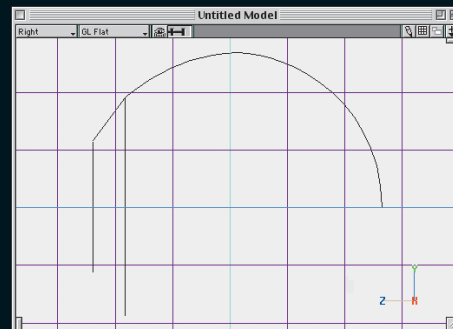



Figura 8

OK! Feito isto, desenharemos as linhas que prenderão os dois círculos e farão o corpo do objeto. Isso será feito com a ferramenta Pen Tool, que permite o desenho de curvas Bézier a mão livre. Não precisa se preocupar em ser preciso, elas podem ser ajustadas *(fig.8)*.
Aqui cabe uma explicação mais detalhada. Ao lado, foram desenhadas duas linhas, uma que liga as duas extremidades dos dois círculos, vistos de perfil, e a outra que acompanha o contorno do círculo de referência (já apagado). Foi utilizada a ferramenta Pen Tool (ícone da caneta, na palete de ferramentas).
Para fazer o primeiro traço, clique no início, leve o cursor ao ponto desejado e clique no fim; feito isso, tecle Return para finalizar.
Para a segunda linha, clique no início, depois no topo do círculo de referência dando uma pequena arrastada, o que fará uma linha com *handles*. Clique e tecle Return. Selecione as linhas e escolha o comando Reshape, no menu Modeling, para ajustá-las. Para adicionar novos pontos, clique sobre a linha mantendo a tecla Option pressionada.

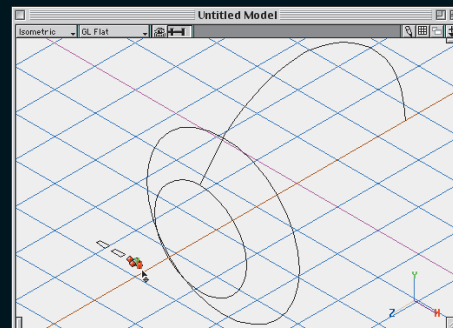



Figura 9

Desenhe as seções transversais da carlinga com a ferramenta de desenho de retângulos *(fig.9)*.
As seções transversais são os pequenos retângulos abaixo – vamos precisar de três deles.
Desenhe um e o arraste segurando Option para copiá-lo.

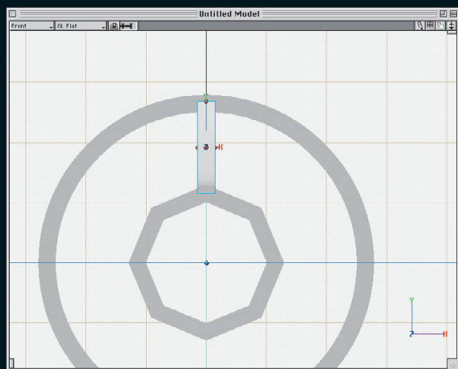



Figura 10

Agora virá a parte interessante. Na palete Extension, selecione o comando Path Extrude; clique em uma das seções transversais e, mantendo o botão pressionado, arraste-a sobre o círculo menor; quando este se "acender", solte o botão. Repita com o outro círculo e com o segmento de reta. O segmento de reta precisa ser replicado para que você tenha oito segmentos nas posições certas. Desloque o seu centro de rotação (o *handle* azul) até o centro do desenho

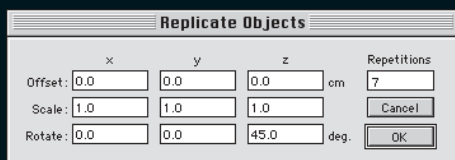



Figura 11

(clique sobre o *handle* com ⌘ apertado). Isso será necessário para que possamos reproduzir a haste de fixação mais sete vezes em torno da barra com o comando Replicate *(fig. 10)*.
Com a palete replicate Edit ▸ Replicate, entre os seguintes valores: 7 repetições e rotação de 45 graus em torno do eixo Z. Verifique se não existem outros valores nos outros campos *(fig.11)*.

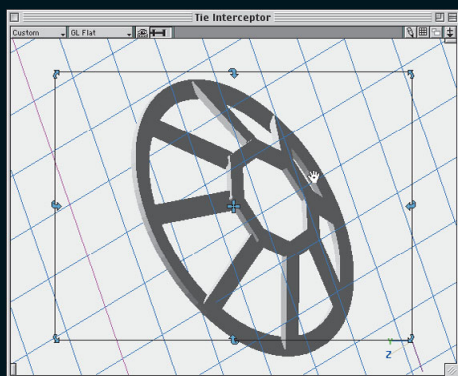



Figura 12

Por fim, reduza a complexidade do círculo menor na palete Object Properties. Modifique o número de seções por segmento das quatro originais em apenas duas, para dar esse aspecto "octogonal" a ela *(fig. 12)*.

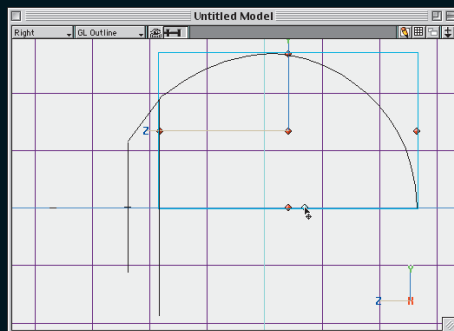



Figura 13

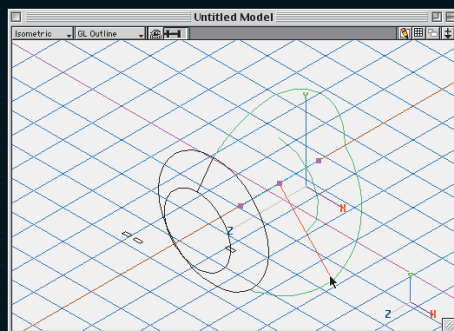
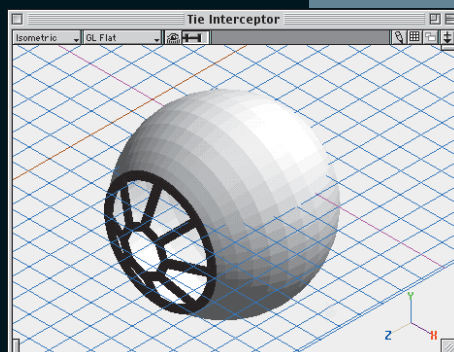
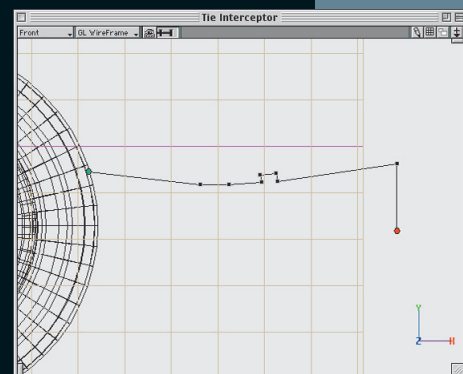



Figura 14

Agora faremos o resto do corpo utilizando a ferramenta Lathe. Selecione o segmento de curva desenhado anteriormente e desloque o *handle* até o centro do desenho (clique sobre o *ele* com ⌘ apertado). O ponto azul define o centro de rotação do objeto; coloque-o na linha de centro da figura, como no exemplo ao lado. Aproxime a visão o máximo possível para maior precisão *(fig.13)*.
Com a ferramenta Lathe, dê uma volta completa em torno do eixo de rotação *(fig.14)*.
Ajustes mais precisos podem ser obtidos na patette Object Properties. Em Rotations, insira 1. Apague qualquer informação que esteja no item Degrees. As outras opções desta ferramenta não serão utilizadas, mas valem a pena ser conhecidas. Experimente com outros objetos para gerar espirais, parafusos etc.
Se tudo deu certo, o que você obterá será parecido com isso *(fig.15)*. Se não ficou muito parecido, paciência. A prática conduz à perfeição.

Figura 15

Desenho dos suportes dos painéis solares

Até que enfim um novo título! (você não esperava que este tutorial se arrastasse tanto, não é? Nem eu. O objeto levou 15 minutos para ser concluído; esperava demorar o mesmo tempo para escrever o tutorial... ha-ha).
Utilizando a ferramenta Pen Tool, desenhe o contorno, na vista frontal *(fig. 16)*.
Você poderá editá-lo, portanto não precisa se preocupar em ser tão exato na hora de inserir os pontos (o StudioPro é meio chatinho nessa hora). Após devidamente ajustado, arraste o centro de rotação (não esqueceu como se faz, não é mesmo?) para o centro da figura.
Com o comando Lathe, rotacione o objeto em 360 graus, no eixo X.

Figura 16

Presto! já temos alguma coisa... *(fig.17)*
Na parte de cima do suporte eu desenhei uma haste de fixação. Isto foi feito desenhando um retângulo, convertendo-o para Polygon Mesh Modeling ▸ Convert, o que o torna editável Modeling ▸ Reshape *(fig.18)*.

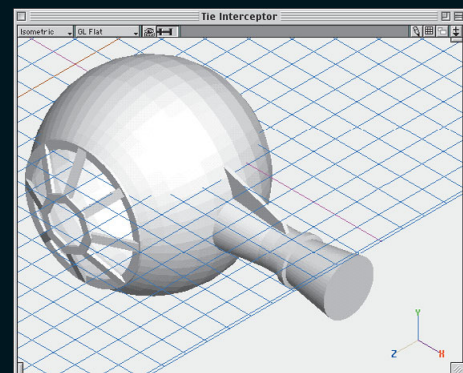



Figura 17

Com a ferramenta Extrude, você pode dar o volume adequado à haste, ajustando-a em sua devida posição. Faça o mesmo com a barra de suporte, que poderá ser feita com a ferramenta Align como no início de nosso tutorial *(fig.19)*.
Como anteriormente, posicione o *handle* azul no centro da barra de suporte. Com a palete

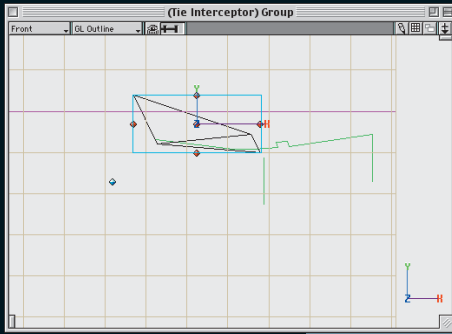



Figura 18

replicate (Edit ▸ Replicate), entre com os seguintes valores: 3 repetições e rotação de 90 graus em torno do eixo x. Verifique novamente se não existem outros valores nos outros campos *(figs. 20, 21)*.

Figura 19

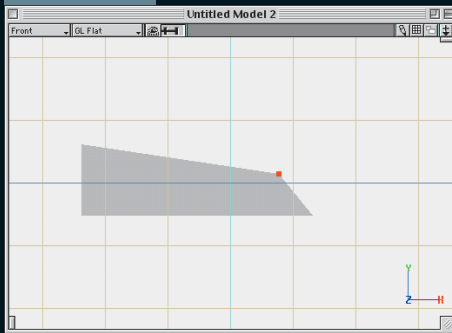



Figura 20

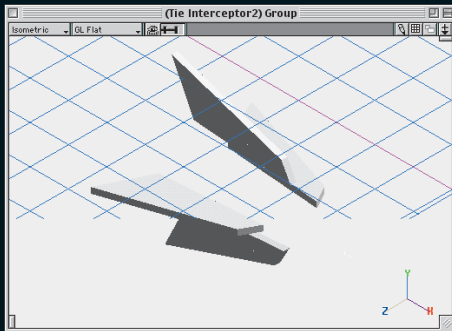
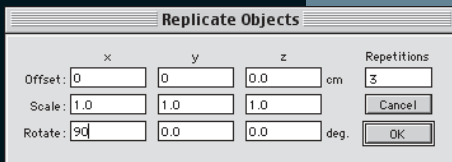



Figura 21

O desenho dos painéis solares

Os painéis solares serão desenhados da mesma forma que desenhamos a carlinga, ou seja, desenhando um *path* (como os círculos da carlinga) e uma seção transversal (a ilustração abaixo ajuda a compreender). Por fim, com a ferramenta Path Extrude, finalize o trabalho, da mesma forma que foi feito com a carlinga.

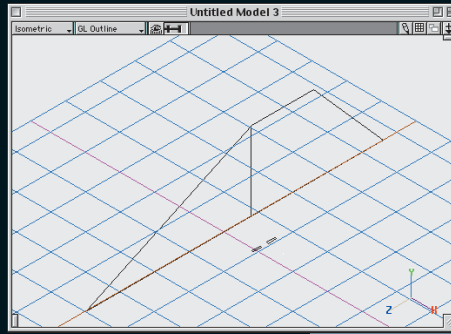



Figura 22

Na vista lateral direita *(right view)*, faça o desenho do contorno do painel solar. A linha vertical é um segundo *path*, as duas seções transversais são os dois retângulos próximos ao cursor *(fig. 22)*. Aplique o comando Path ▸ Extrude em ambos os *paths*, como foi feito com a carlinga. Pronto: o centro dos painéis foi feito com simples retângulos, que foram convertidos para polygon mesh e depois editados com reshape, como no caso das hastes fixadoras do suporte dos painéis solares.
Depois eu acrescentei uma textura simples, de cor preta, que pode ser criada na palete resources *(fig.23)*. É uma boa idéia reduzir a complexidade dos *paths* ao seu mínimo, o que garantirá segmentos perfeitamente retos.
Isto pode ser feito na palete Object Properties *(fig.24)*.
Painel esquerdo completo, rotacione a parte

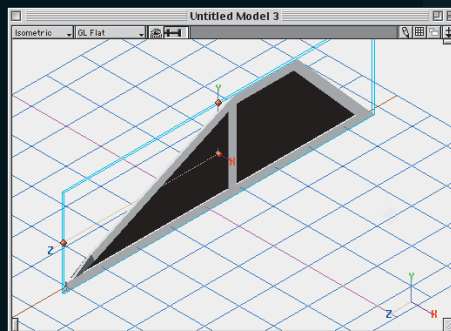



Figura 23

superior, depois de selecionar e agrupar todos os objetos Modeling ▸ Group. Para obter a parte inferior, que é idêntica, dê um Mirror (ferramenta Mirror, na palete Extensions).
A parte central foi feita de forma similar à parte superior, com a adição de alguns primitivos para lhe darem mais detalhes *(fig. 25)*.

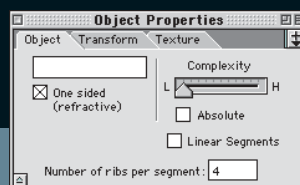



Figura 24

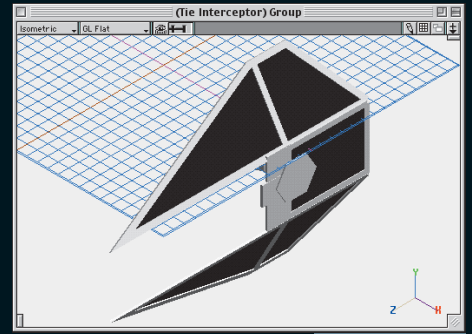



Figura 25

Final

Dando um Mirror no grupo suporte de fixação e no painel solar (agrupe todos os objetos juntos), obtemos o outro lado do TIE Interceptor. O que nos dará um modelo final *(fig. 26)*.
Com isso, chegamos ao fim do nosso tutorial. Temo não ter sido detalhista o suficiente, mas, infelizmente, o espaço na revista é pequeno demais para que eu pudesse desenvolver todos os detalhes passo a passo. No entanto, terei o

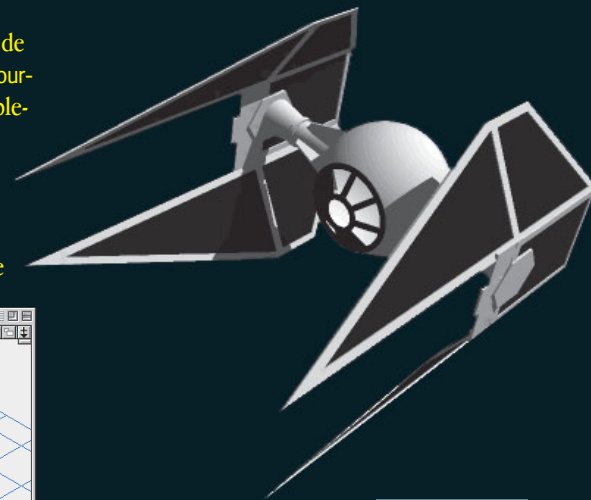



Figura 26

maior prazer em responder a quaisquer dúvidas que surjam no meu endereço de mail. Também mantenho uma página sobre Macintosh (www.macintoshos.com.br), na qual procuro manter algumas informações sobre StudioPro. Você poderá encontrar informações mais detalhadas sobre cada uma das ferramentas de modelagem do programa da Strata. M

LUÍS CARLOS ZARDO
razor@westodissey.com.br
É engenheiro civil, mas também vende sapatos em uma loja, tem uma página de Web sobre Macintosh (mais uma sobre sapatos e uma sobre histórias em quadrinhos, mas não posso me orgulhar destas ainda...) e está atualmente desenvolvendo secretamente um jogo em Java (a parte gráfica) e tentando escrever uma história em quadrinhos que já tem umas cinco páginas prontas.

IE no 8.6 BR

Se você instalar o Internet Explorer 4.5 no Mac OS 8.6 em português, poderá ver caracteres desconexos nas páginas acessadas. Não adianta reinstalar o IE, nem apagar extensões, preferências ou dar zap na PRAM.

Soluções:

• Você pode pedir socorro para o AppleLine, que eles enviam uma atualização para o sistema operacional pelo email (para mim não funcionou, o arquivo veio corrompido...)

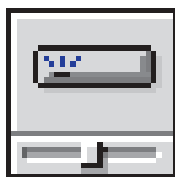
• Você pode reformatar o HD como HFS+ (essa solução o AppleLine não conhece...)

Osvaldo Schaukoski Junior
111sch@brasilnet.net

Aderindo ao Teflon

Uma dica para quem se acostumou "mal" a usar o freeware Teflon para abrir o menu automaticamente (sem clicar o mouse) antes do Mac OS 8.6: para ter de volta a funcionalidade desse painel de controle é só fazer um downgrade. Em vez de usar a última versão (2.2, não atualizada para o Mac OS 8.6 nem para o 9) é só baixar e instalar a versão anterior (2.1), escolher "Menus automatically stick" e pronto. Você vai economizar suas preciosas articulações e tendões.

Dr. Estevan F. Kirschner
ekirschner@creativenet.com.br

Diga adeus ao DiskLight

A Apple afirma que o DiskLight – aquela luzinha que pisca no canto da tela e que é instalada pelo Norton Utilities para indicar atividade de disco – pode fazer com que o iBook e os novos PowerBooks travem na hora de colocar esses portáteis para dormir. O modo mais fácil de evitar esse pau é desabilitar o DiskLight, mas se você depende desse utilitário desative a opção "Preserve Memory Contents On Sleep" nas configurações avançadas (Advanced) no painel de controle Energy Saver.

Unreal super real

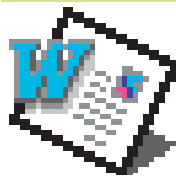
Você adora Unreal e Unreal Tournament, mas não gosta do estilo retrô-futurista. Então, baixe um MOD e ganhe um jogo inteiramente novo. Dentre os disponíveis na Internet, os mais legais são os militares. Quem tem o Tournament irá encontrar mais opções: centenas de mapas, além de texturas e *skins*. Nesta hora você teve estar pensando que tudo isso é para PC (o que é verdade), mas, para nossa alegria, os MODs são apenas arquivos em forma de texto, aceitos no Macintosh. Vale a pena, tente. Detalhe: para jogar alguns MODs, como o Serpentine, é preciso baixar o UMOD Install.

Rodrigo Scotti
scotti@elena.com.br

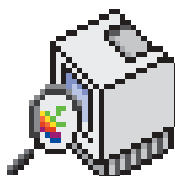
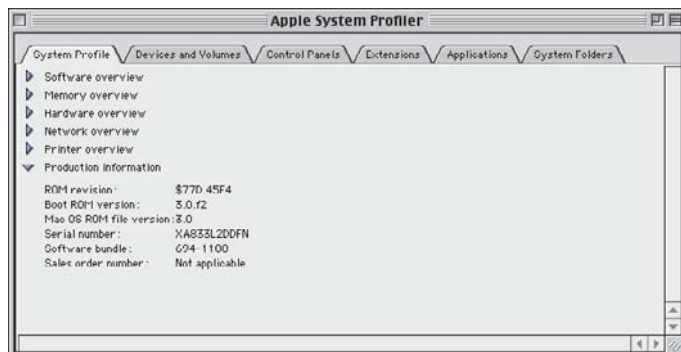
Sites com MODs legais:
www.planetureal.com
www.planetunreal.com/infiltration
www.unrealized.com/serpentine

Mapas:
www.planetureal.com/nalicity

UMOD Install:
http://members.aol.com/westlaketn/UmodInstall.sit.bin

Tabelas do seu jeito

Essa é para o pessoal que usa tabelas no Word: quando estiver dimensionando uma coluna/célula ou a altura de uma linha para ter um controle mais preciso, você pode dimensionar livremente as bordas apertando Option juntamente com o botão do mouse quando o ponteiro do mouse estiver sobre a borda selecionada. Nas réguas que contornam o documento aparecerão os valores em centímetros entre elas. Assim é possível redimensionar as bordas da tabela como quiser. Se você utiliza o Word for Windows no escritório poderá utilizar este recurso clicando primeiro no botão esquerdo do mouse e depois no direto, mantendo os dois selecionados ao mesmo tempo. Funciona também, mas no Mac é melhor!

Alexandre Victor
alexvictor@uol.com.br

Segurança ou invasão de privacidade?

Quer saber o número de série de seu iMac ou iBook e está com preguiça de ir olhar lá atrás? Abra o Apple System Profiler e olhe no item Production Information. Desde o lançamento do iMac, todos os computadores da Apple mostram aí o seu número de série. Por um lado, isso é bom, pois impede que alguém tente passar para a frente uma máquina roubada simplesmente arrancando a plaquinha que mostra o número. Por outro, significa que um fabricante pode embutir em seu programa um mecanismo que verifique se ele realmente está rodando na máquina em que foi instalado originalmente, para evitar pirataria. Não há notícia de que algum software já esteja vindo com essa capacidade. Mas OS paranóicos de plantão já estão ficando preocupados.

Mande sua dica para a seção **Simpatips**. Se ela for aprovada e publicada, você receberá uma exclusiva camiseta da Macmania.

Ano 2 - Nº19
Parte integrante da revista **Macmania**
Não pode ser vendido separadamente

MacPRO

o suplemento dos power users

ProNotas

Update do InDesign grátis

Quem comprou a versão 1.0 vai receber a nova na faixa

Primeiro, a Adobe anunciou uma atualização do **InDesign**, o 1.5 (para Mac OS 8.5, 8.6 e 9; Windows 98, 2000 e NT). Isso deixou os usuários felizes, pois a nova versão trazia correções para alguns bugs do programa. Mas a empresa afirmou que todo mundo teria que pagar US$ 99 pelo upgrade, pois o InDesign 1.5 não seria só uma correção de problemas, mas sim também um conjunto de novas funções. Daí o caldo engrossou. Queixas começaram a pipocar na Internet, com muitos usuários profundamente irados com a Adobe, exigindo que o novo software fosse de graça para quem já tinha adquirido a primeira versão.

Agora, ao que parece, a situação parece ter finalmente sido contornada: o presidente da Adobe, Chuck Geschke, disse que aqueles que compraram o InDesign 1.0 (e pagaram US$ 699) terão a nova versão de graça. A decisão foi tomada depois que o próprio Geschke leu as declarações raivosas dos consumidores em listas de discussões na Web.

Juntamente com o anúncio, a Adobe aproveitou para revelar que teve o melhor primeiro trimestre fiscal de sua história, com lucros de US$ 64 milhões – um aumento de 57% em relação ao mesmo período do ano passado.

As principais novidades do InDesign 1.5 são: maior integração com os outros produtos Adobe; novas ferramentas para melhorar a criatividade e a produtividade; e um controle melhor e mais preciso do produto final. Essa integração servirá como atrativo para a adoção do programa pelos profissionais, graças ao refinamento no fluxo de trabalho de quem já usa vários outros produtos profissionais da Adobe, como o PressReady (ferramenta de impressão) e o InProduction (pacote com cinco programas, que são uma extensão do Adobe Acrobat no que tange à conversão de cores e definição de parâmetros de trapping em arquivos PDF).

Outras inovações são: texto em um path, *trapping* embutido, impressão de PDF, ferramenta lápis, um gerenciador de plug-ins e uma ferramenta de *free transform*. Vários desenvolvedores já estão providenciando plug-ins para o InDesign para melhorar a funcionalidade da nova versão.

Além disso, a Adobe lançou a versão em japonês do InDesign durante a Macworld de Tóquio, e as versões alemã e internacional devem sair logo depois que o novo InDesign chegar às lojas norte-americanas e canadenses, o que deve acontecer em abril.

Adobe: www.adobe.com

Crie o seu plug-in de Sherlock

Parte 1 de 2

por Tiago Gimenez Ribeiro

Um dos recursos mais interessantes introduzidos no Mac OS 8.5 foi, sem dúvida, o Sherlock. Com ele, você pode realizar sofisticadas buscas por informações na Internet, através de uma interface amigável e descomplicada. Mas, a despeito do poder dessa ferramenta, muitos desenvolvedores brasileiros de conteúdo na Internet ainda não descobriram o quanto podem se beneficiar dessa tecnologia. Por essa razão, nesta série de duas matérias tentarei fornecer os subsídios necessários para que você entenda o funcionamento do Sherlock e possa desenvolver os seus próprios plug-ins de busca.

Como funciona o Sherlock?

Antes de sair por aí escrevendo plug-ins, é importante entender como o mecanismo funciona. Basicamente, a idéia consiste em passar para o aplicativo de busca (o Sherlock propriamente dito) os seguintes parâmetros:

1) O texto ou dado a ser encontrado.

2) As informações sobre o mecanismo de busca (*search engine*) que você irá usar para realizar a busca.

O primeiro parâmetro (o texto a ser encontrado) é de responsabilidade do usuário. Ou seja, ele deverá digitar no campo de texto apropriado qual é a informação que ele deseja procurar. Já o segundo tipo de informação (os dados da máquina de busca) irá, conforme você já deve ter adivinhado, variar conforme o serviço de busca pelo qual o usuário deseja fazer a pesquisa. Os dados de um determinado serviço de busca poderão mudar ao longo do tempo, exigindo a atualização constante dos dados.

Por essas razões, a Apple modularizou o Sherlock, de modo a tornar possível ampliar sua capacidade através de plug-ins de terceiros. Cada desenvolvedor pode escrever um arquivo de configuração de seu serviço de busca (o tal do plug-in), que é colocado na pasta de plug-ins do Sherlock (Internet Search Sites, localizada no System Folder) e

Informações sobre o Sherlock na Web

Página oficial do Sherlock:
www.apple.com/sherlock

Plug-ins de Sherlock:
www.apple.com/sherlock/plugins.html

Technote 1141 – "Extending and Controlling Sherlock":
http://developer.apple.com/technotes/tn/tn1141.html

Tutorial – "Writing a Sherlock Plugin", por Gord Lacey:
www.apple-donuts.com/sherlocksearch/howto.html

Lista de discussão sobre o Sherlock (não-oficial):
www.mdg.com/Sherlock/Sherlock-Talk.html

ProNotas

continuação

Macromedia apresenta UltraDev

Parecido com o Dreamweaver, ele foi concebido criar aplicativos na Web

Nem só de Flash vive a Macromedia. Na Internet World, a empresa mostrou para os desenvolvedores de páginas da Internet um novo programa que vai oferecer outra alternativa para construção de sites. O **UltraDev** está direcionado ao *e-commerce* (comércio eletrônico), uma das áreas na Rede que está em franca ascensão. Ele é uma nova tecnologia para criar aplicativos Web mais dinâmicos e atrativos (isto é, com animação).

Versão revista e melhorada do Drumbeat 2000, o software traz um visual muito parecido com o do Dreamweaver. Assim, quem já trabalha com ele não vai encontrar problemas na para se adaptar. Segundo os executivos da empresa, o UltraDev serve, por exemplo, para criar uma loja virtual com um visual mais movimentado e convidativo, usando o que há de mais moderno em produção de sites. O lançamento está previsto ainda para este semestre, tanto para Mac quanto PC.

A Macromedia também deixou claro, na sua apresentação na feira da Internet, que não deixará de dar suporte aos usuários dos computadores da Apple, principalmente no que diz respeito ao Mac OS X. De acordo com a empresa, antes do final do ano a grande maioria, senão todos os seus programas, já estarão sendo adaptados para o futuro sistema operacional.

Macromedia: www.macromedia.com

Suas fotos de família, na Web

Novo compactador de imagens comprime muito melhor que o JPEG

Durante a Internet World em Los Angeles, a LizardTech, uma empresa especializada em compactação de imagens para Windows, vai lançar um produto para Mac que vai permitir comprimir fotos com qualidade superior à do JPEG.

O **MrSID Photo Edition** pode transformar uma foto digital de 9 MB num simples arquivo de 200K (uma compressão de 40:1)! Criado para usuários profissionais que precisam mandar imagens gigantescas pela Internet, o MrSID agora vai ter uma versão de “consumo”. Na verdade, são duas versões: uma grátis, com recursos limitados, e outra, comercial, que custa US$ 49.

Segundo John Grizz, presidente da empresa, o fluxo de imagens pela Web – algo em torno de 7 bilhões de arquivos digitalizados – deve crescer 50% nos próximos cinco anos. A lenda diz que a idéia surgiu quando a mãe de Grizz pediu um programa para mandar fotos do neto para toda a família, mas que não ficassem apenas com a resolução da tela. A partir desse simples pedido, a LizardTech teria começado a adaptar seu software profissional para o mercado amador. A versão para Mac terá um plug-in para o Photoshop.

Grizz afirmou também que está feliz de voltar a produzir programas para Mac. “A empresa era exclusivamente voltada para Macintosh quando surgiu, em 1990. Estamos ansiosos em voltar”.

LizardTech: www.lizardtech.com

Crie o seu plug-in de Sherlock

continuação

permite o acesso do Sherlock aos serviços.
E mais: o desenvolvedor pode especificar em seu plug-in um site no qual o Sherlock irá procurar por atualizações. Desse modo, se eventualmente a sua máquina de busca for modificada de um modo tal que o seu plug-in exija uma revisão, basta que você coloque a nova versão no endereço especificado e, automaticamente, o Sherlock irá baixar a atualização para as máquinas de seus clientes.

Por onde começar

Muito bem: digamos, então, que desejamos escrever um plug-in para o Sherlock. Por onde começar? Em que linguagem? Quais as ferramentas necessárias? Vamos responder a essas perguntas passo a passo...

Muitos desenvolvedores para a Web não sabem o que estão perdendo com o Sherlock

Parte 1: Obter ferramentas para a criação do plug-in

Antes de mais nada, precisamos de ferramentas para a codificação e criação de nossos plug-ins. Como iremos ver adiante, já existem hoje algumas ferramentas visuais que auxiliam na tarefa de criar plug-ins para o Sherlock. Mas, na maior parte dos casos, você somente precisará de um navegador Web (Netscape, Explorer etc.), de um editor de resources (ResEdit, Resorcerer etc.) e de um editor de textos (SimpleText, BBEdit, Tex-Edit etc.).
Com exceção do editor de resources, que você pode comprar (no caso do Resorcerer) ou baixar de graça no site de FTP da Apple (ftp.apple.com/developer), todas as outras ferramentas são gratuitas. Muitas vezes, elas já vêm pré-instaladas no seu Mac!

Parte 2: Obter informações sobre seu serviço de busca

Agora, precisamos de informações relativas ao serviço de busca.
Usando o seu navegador da Web predileto, vá até a página de busca desejada e salve, em formato HTML:

1) O código HTML da página que contém o formulário de busca.
2) O código HTML de uma página desse serviço de busca que apresente os resultados de uma busca qualquer (de preferência, com mais de um resultado).

Essas páginas contêm informações que iremos extrair para confecção do plug-in. É importante notar, principalmente em páginas com muitos frames, que você deverá sempre salvar o código (e o link) do frame no qual estiverem os campos de texto, menus e botões do formulário. Não salve os demais frames, pois eles não irão interessar.

Listagem 1

```
01  # © 1998 Apple Computer, Inc.
02
03  <search
04      name = "AltaVista"
05      action = "http://www.altavista.com/cgi-bin/query"
06      update="http://si.info.apple.com/updates/AltaVista.src.hqx"
07      updateCheckDays = 3
08      method = get>
09
10  <input name="pg" value="q">
11  <input name="kl" value="XX">
12  <input name="user" value="sherlock">
13  <input name="q" user>
14
15  <interpret
16      bannerStart="<!— BANNER START —>"
17      bannerEnd="<!— BANNER END —>"
18
19      resultListStart="<!— RESULT LIST START —>"
20      resultListEnd="<!— RESULT LIST END —>"
21
22      resultItemStart="<!— RESULT ITEM START —>"
23      resultItemEnd="<!— RESULT ITEM END —>"
24
25      relevanceStart="<!— RELEVANCE START —>"
26      relevanceEnd ="<!— RELEVANCE END —>"
27      >
28  </search>
```

Parte 3: Partir de um modelo

Agora que temos as informações necessárias, vamos usá-las para construir o nosso plug-in. Primeiramente, experimente abrir em um editor de texto um plug-in de Sherlock já escrito, para facilitar seu trabalho. A pasta de plug-ins do Sherlock no System Folder contém uma porção deles.
Na listagem 1 temos o código do plug-in do AltaVista. (Os números à esquerda não fazem parte do código, servem apenas como numeração a fim de facilitar a localização dos trechos.)
Como você pode ver, um plug-in de Sherlock é bastante parecido com um arquivo HTML. Ele é composto, essencialmente, por *tags* (<input>, <search> etc.), que irão definir as diferentes áreas de dados do nosso plug-in. Em um plug-in de busca do Sherlock, as tags devem fornecer

as informações necessárias para:
1) A execução das operações de busca no serviço em questão.
2) A interpretação dos resultados das buscas propriamente ditas.
As linhas de texto iniciadas pelo caractere # são ignoradas pela máquina de busca; normalmente, utilizamos esse caractere quando desejamos incluir um comentário em um determinado trecho de nosso código, ou quando desejamos desativar parte de nosso código durante a fase de testes do plug-in.
Por ora, basta salvar o documento que você abriu com um outro nome. Escolha algo que identifique o seu plug-in; por exemplo: "MeuPlugin.src".

Listagem 2

```
<FORM NAME=buscanaweb
ACTION=http://www.meusite.com/cgi-bin/
        buscanaweb METHOD=GET>
```

Parte 4: Entender como o plug-in é organizado

A tag <search>, assim como a tag HTML encontrada em arquivos .html, é o principal delimitador de seu plug-in de busca. Ela deve ser declarada no início do seu código (linhas 03 a 08), assim como no final (linha 28). Você deve fornecer para esta tag os seguintes parâmetros:

Listagem 3

```
10   <input name="pg" value="q">
11   <input name="kl" value="XX">
12   <input name="user" value="sherlock">
13   <input name="q" user>
```

• `name` (linha 04): Nome identificador do seu plug-in, que o Sherlock irá apresentar ao usuário quando solicitado. Você pode, desse modo, dar o nome que quiser para o arquivo do plug-in ("TiagoPlugBeta2v4.src" e assim por diante) e, simultaneamente, fornecer um segundo nome, mais explicativo, para ser apresentado para o usuário na lista de plug-ins ("Plug-in do Tiago", por exemplo).
• `action` (linha 05): URL onde se encontra a máquina de busca que você irá utilizar em seu plug-in. No código em HTML do formulário que você baixou da Internet, essa informação deve estar dentro da tag <form> (veja o exemplo).
• `update` (linha 06): URL onde você irá disponibilizará as atualizações de seu plug-in. Esse parâmetro é opcional, mas recomendado.
• `updateCheckDays` (linha 07): Usado em conjunto com o parâmetro `update`, ele especifica com que frequência (em dias) o Sherlock deverá procurar por atualizações de seu plug-in.
• `method` (linha 08): Especifica qual é o método que o formulário usa. Da mesma forma que o parâmetro `action`, você encontrará esta informação na tag <form> do código HTML que você baixou da Web (veja um exemplo na listagem 2).
Uma vez que você tenha aberto o seu código com a tag <search> e tenha entrado todos os parâmetros relativos ao site de busca, você deve especificar para o seu plug-in os componentes do formulário (campos de texto, menus pop-up etc.) envolvidos no envio das informações para a máquina de busca, bem como os seus respectivos valores. No exemplo do plug-in do AltaVista, temos:
• `name`: Nome do componente do formulário especificado; deve ser igual ao nome existente no código HTML que você baixou.
• `value`: Valor atribuído ao componente em questão. Essa é a informação passada como parâmetro para o servidor realizar a busca na Internet.
• `user`: Esse parâmetro informa ao Sherlock que essa é a informação a ser passada para a máquina de busca.
Note, na listagem 3, que você pode ter mais de uma tag <input>; o número de tags irá variar conforme a quantidade de componentes existentes no formulário de busca. Alguns desses componentes podem ser invisíveis, mas, ainda assim, eles devem ser especificados em seu plug-in, pois poderão estar, por exemplo, fornecendo à sua máquina de busca parâmetros de funcionamento.

O código do plug-in de Sherlock não é muito diferente do HTML

E agora?

Depois que o seu plug-in tiver realizado a busca, será necessário interpretar os seus resultados, separando cada resultado individual de modo a apresentá-lo em uma lista e processando informações. Essa é a parte mais trabalhosa do processo, pois não depende apenas de você, mas também da forma pela qual a máquina de busca organiza as informações.
As dicas sobre como proceder para interpretar os dados e – eventualmente – tornar a formatação da sua máquina de busca mais integrada com o Sherlock serão vistas na segunda e última parte desta matéria.
Até lá! **M**

TIAGO GIMENEZ RIBEIRO
tiago.r@apple.com.br
Trabalha no DRC da Apple Brasil.

O mistério da pasta que copiava

Curso de AppleScript, parte 11

por Maurício L. Sadicoff

Era uma tarde cinzenta e chuvosa. O telefone vermelho tocou no momento exato em que eu ensaboava minhas costas no chuveiro. Molhando a sala por completo, corri a atender. O problema era sério. Dona Mirtes gritava desesperada ao telefone, completamente estupefata.
– A pasta! A pasta copia! – gritava ela.
Imediatamente, tomei controle da situação. Pessoas naquele estado têm que ser tratadas com autoridade, ou não respondem.
Mandei que D. Mirtes procurasse uma cadeira e sentasse. Depois do providencial copo d'água com açúcar e das abanadas com seu leque de filó, D. Mirtes parecia mais calma e, entre soluços, desabafou:
– O Oscar, meu marido, saiu hoje de manhã como sempre faz, depois de checar o email. Fui trabalhar tranquilamente depois do café da manhã, preciso terminar de digitar a receita do bolo de laranja pra mandar pra Cotinha, o senhor sabe, a D. Cotinha do 301, pra ela fazer pra neta dela que vem este domingo visitá-la. Escrevi tudo diretinho e gravei no desktop como sempre, porque essas pastas são tão complicadas... Porém (D. Mirtes é uma das poucas pessoas que ainda usam "porém" no dia-a-dia), quando fechei o programa, não consegui encontrar o arquivo, porque estava por detrás de uma janela aberta com um nome esquisito, que começava com B. Tirei a pasta da frente para colocar meu querido arquivo na pasta de documentos, e arrastei o documento para lá, movendo-o. Qual não foi minha surpresa quando – cáspite! – um arquivo com o mesmo nome do meu apareceu na pasta de nome esquisito! Concluí que a pasta estava copiando sozinha, o que só pode significar que tenho assombrações no meu computador!
– O nome da janela esquisita era Backup? – perguntei, já desconfiando do problema.
– Sim!, exclamou D. Mirtes, levantando os braços de euforia e acertando em cheio, com o leque de filó, a cara de D. Cotinha, que entrava para ver que agitação toda era aquela.
Naquele momento se resolvia o mistério da pasta que copiava. Acalmei D. Mirtes e me congratulei em silêncio por ler a série de artigos sobre AppleScript na Macmania. A solução foi simples. Seu Oscar, o marido de D. Mirtes, notório macmaníaco, provavelmente lia a mesma coluna. Arregacei as mangas (tarefa difícil quando se está vestindo apenas uma toalha) e pus mãos à obra... Expliquei para D. Mirtes que Seu Oscar provavelmente tinha criado uma Folder Action para proteger os arquivos..."

Trecho exclusivo para a MacPRO do livro em progresso **"Mistérios que Assombram Bits!"**, por Estêvão Trabalhos

Quantas vezes você não pensou que seria uma ótima ter uma maneira mágica de criar uma cópia de backup de um arquivo qualquer, no mesmo momento em que ele é criado? Todos que alguma vez tiveram a infelicidade de perder todos os dados numa falta de luz sabem do que estou falando.
Com as Folder Actions, usuários do Mac OS versão 8.5 (ou superior) têm essa função a seu dispor.
Uma das ações que vêm pré-programadas e guardadas na pasta Scripts dentro do System Folder tem o pomposo nome de `add-duplicate to folders`. No caso acima, Seu Oscar tinha associado a ação em questão à pasta Documentos. Colocou também, dentro da pasta, um alias para a pasta de Backup, com um til (~) na frente do nome. Como resultado, tudo que é jogado dentro da pasta Documentos é imediatamente copiado para a pasta de Backup, residente no desktop.
Essa pasta poderia estar residente em outro lugar (um disco na rede, um disco Zip ou até um CD-R), que o procedimento aconteceria da mesma forma. Assim que algo é colocado em Documentos, o sistema imediatamente o copia para a pasta Backup.

Esse script é o maior!

Se você vem acompanhando esta coluna assiduamente, compreender o script ao lado (que continua na página seguinte, por evidentes motivos de espaço) não será uma tarefa muito difícil (apesar do tamanho), graças à enorme quantidade de comentários previamente colocados pela equipe da Apple, que guiam a leitura do código. Portanto, vou apenas comentar as novidades desse script.
É bom notar também a quantidade de loops `try...else` para proteção e tratamento de erro, que raramente são tão detalhistas. É um excelente exemplo a ser seguido.

Linhas 15-18 – Aparece um verbo `property`, do qual nunca falamos. Está ali para definir propriedades, que podem ou ▶

add - duplicate to folders

```
(*
ADD - DUPLICATE TO FOLDERS
Sal Soghoian @1998 Apple Computer

This Folder Action script containing two Folder Actions handlers is designed for use with Mac OS 8.5 and higher.

The first folder action handler will activate when items are added to the attached folder.  The routine will scan the attached folder
for folder aliases whose names begin with a pre-defined prefix. It will then check to see if the original folders belonging to  those
alias files exist.

Next the script will duplicate the added items to the indicated folders.  By default there will be
timed error dialogs if problems occur.
*)

property destination_folder_prefix : "~!" -- the prefix indicating that the folder alias points to a backup folder   ——15
property auto_replace : false -- set to true to automatically replace existing files with the same name as the item to duplicate
property show_dialogs : true -- set to false to not have any error dialogs
property dialog_timeout : 30 -- set the amount of time before dialogs auto-answer   ——18

-- THIS PROPERTY IS USED TO INDICATE WHETHER THE SCRIPT CHECKS THE INCOMING FILES FOR COMPLETED TRANSFER
-- SET THIS PROPERTY TO TRUE FOR FOLDERS SHARED VIA FILE SHARING
-- NOTE THAT ITEMS DROPPED IN SHARED FOLDERS WILL HAVE THEIR LABEL SET TO 7
property copy_checks_indicator : false

-- THESE PROPERTIES ARE FOR THE STATUS CHECKING ROUTINES
property item_check_delay_time : 2
property folder_check_delay_time : 3
property special_label_index : 7

on adding folder items to this_folder after receiving added_items
	try
		if copy_checks_indicator is true then
			-- CHECK THE FILES TO MAKE SURE THEY'RE COMPLETELY AVAILABLE
			set the added_items to my check_added_items(the added_items)
			if the added_items is {} then return "no vaild items"
		end if
		
		tell application "Finder"
			--STEP #1: Find the folder aliases that begin with the destination folder prefix
			set the alias_list to every alias file of this_folder
			if alias_list is {} then return "no copy folders"
			
			--STEP #2: Get a list of the folders pointed to by the alias files
			set destination_folder_list to {}
			repeat with i from 1 to the number of items in the alias_list
				set this_destination_folder_alias to item i of the alias_list
				try
					-- this line will fail if there is no linked folder
					set the destination_candidate to the original item of this_destination_folder_alias
					
					if the class of the destination_candidate is in {disk, folder} then ¬
						set the end of the destination_folder_list to the destination_candidate
				on error
					--label the items which were not duplicated successfully
					if show_dialogs is true then
						set alias_filename to the name of this_destination_folder_alias
						set the error_message to "Can't locate the original item for the copy folder alias file: " & alias_filename
58——					set the user_choice to my notify_the_front_application(error_message, {"Stop", "Delete Alias & Continue"}, 2, dialog_timeout, 2, true)
						if the user_choice is "Stop" then return "user canceled"
						-- put the alias file in the trash
						delete this_destination_folder_alias
					end if
				end try
			end repeat
			
			--STEP #3: Try to copy the added items to each destination folder
			set the number_of_destination_folders to the number of items in the destination_folder_list
			repeat with i from 1 to the number_of_destination_folders
				set this_destination_folder to item i of the destination_folder_list
				if auto_replace is true then
					--if the auto-replace property is true then try to duplicate all added items together
					try
						duplicate the added_items to this_destination_folder with replacing
					on error error_message
						if show_dialogs is true then
							if i is the number_of_destination_folders then -- last folder in list
								set the button_list to {"Stop"}
							else
								set the button_list to {"Stop", "Continue"}
							end if
							set the user_choice to my notify_the_front_application(error_message, button_list, "", dialog_timeout, 1, true)
							-- if the dialog timeouts, the script will continue
							if the user_choice is "Stop" then return "user cancled"
						end if
					end try
```

▼

AppleScript

continuação

não ser usadas como variáveis. Propriedades, no entanto, podem ser relacionadas a objetos e pré-definidas no dicionário do aplicativo que criou o objeto – no caso, um alias. Esse é um conceito relativamente avançado em programação; portanto, basta saber que pastas, aliases, arquivos e que tais têm propriedades que podem ser definidas no começo de um script, como variáveis ou que são definidas previamente, quando da criação do objeto.

Linha 58 – Repare que estamos definindo o valor de uma variável, `user_choice`, baseado no valor da resposta que recebemos da função `notify_the_front_application`, que por sua vez é definida mais tarde no programa. Essa técnica é fundamental na organização de qualquer programa.
É sempre bom criar funções para fazer algo que será repetido várias vezes, ou para diminuir a confusão que acontece quando o código vira uma sequência ininterrupta de caracteres. Note que, para mostrar que a função era definida no próprio programa, usamos a keyword `my` antes do nome da função.

Linha 95 – Aqui há uma variação no uso do `try` – desta vez utilizado sem o `else`, mas com a opção `on error`. Aqui definimos um número de erro, a ser usado mais tarde para o caso de estarmos tentando copiar um arquivo já existente. Por que um número tão esquisito, aproximadamente -200000? Porque não queremos confundi-lo com os números de possíveis erros do sistema. Esse é um erro do script: serve para sairmos do `try` sabendo a causa do problema e possibilitando avisar-nos do que está acontecendo.

Linha 135 em diante – A partir daqui, várias funções são definidas para ajudar o programa principal, o qual analisamos acima. Essas funções são ferramentas que você provavelmente poderá usar em programas futuros. Vou comentar a única que não tem uma razão muito aparente.
Uma das minhas funções favoritas, `notify_the_front_application`, é uma função padrão em várias Folder Actions, porque quase todos os programas têm que, uma vez ou outra, mandar informação para o usuário, e às vezes esses programas estão rodando em *background* sem que o usuário se dê conta. Essa função existe para chamar a atenção do usuário quando há algum problema sério. Outra razão para ser uma função separada e não apenas um display dialog no meio do script é a facilidade de se copiar a rotina básica para vários scripts e depois modificar essa rotina básica adicionando código para resolver problemas específicos de um ou outro script.

Estude bem esse código que publicamos, se você quer ficar fera em AppleScript. Isso é código escrito pelos papas da linguagem, e às vezes é bem obscuro. Então, não se incomode se não pegar tudo da primeira vez. Só ter contato com esse nível de script já levanta a capacidade de qualquer um. No mês que vem vamos listar alguns scripts simples, mas úteis, para fazer coisas básicas como transformar um grupo de arquivos em *read-only*, por exemplo. **M**

MAURÍCIO L. SADICOFF
Cria websites na horta do fundo do seu quintal na Flórida, entre uma prova e outra do mestrado de Engenharia da Computação.

```
                else -- try duplicating the items one at a time to catch any errors
                    set the number_of_added_items to the number of the added_items
                    repeat with q from 1 to the number_of_added_items
                        set this_added_item to item q of the added_items
                        -- extract the item name from the file path
                        set this_item_path to this_added_item as text
                        set added_item_name to my extract_name_from_path(this_item_path)
                        try
                            -- check to see if file already exists, if so then error
95 ———                      if exists item added_item_name of this_destination_folder then error number -200152
                            -- duplicate the item
                            duplicate this_added_item to this_destination_folder
                        on error error_message number error_number
                            if show_dialogs is true then
                                if the error_number is -200152 then -- file already exists (-15267)
                                    set the error_message to "The item: "" & added_item_name & ¬
                                        "" already exists in folder "" & the name of this_destination_folder & ""."
                                    -- ask if the user wants to replace the existing item
                                    set the user_choice to my notify_the_front_application(error_message, {"Stop", "Replace", "Skip"}, 3, dialog_timeout, 1, true)
                                    if the user_choice is "Stop" then
                                        return "user cancled"
                                    else if the user_choice is "" then -- > dialog timeout
                                        return "dialog timeout"
                                    else if the user_choice is "Replace" then
                                        try
                                            duplicate this_added_item to this_destination_folder with replacing
                                        on error error_message
                                            set the user_choice to my notify_the_front_application(error_message, {"Stop", "Continue"}, 2, dialog_timeout, 1, true)
                                            if the user_choice is "Stop" then return "user canceled"
                                        end try
                                    end if
                                else
                                    set the user_choice to my notify_the_front_application(error_message, {"Stop", "Continue"}, 2, dialog_timeout, 1, true)
                                    if the user_choice is "Stop" then return "user canceled"
                                    if the user_choice is "" then return "dialog timeout"
                                end if
                            end if
                        end try
                    end repeat
                end if
            end repeat
        end tell
    on error the error_message
        set the user_choice to my notify_the_front_application(error_message, "", "", dialog_timeout, "", true)
        if the user_choice is "Cancel" then return "user canceled"
    end try
end adding folder items to

-- STANDARD FOLDER ACTIONS VERISON
on notify_the_front_application(alert_message, button_list, default_button_name_or_index, dialog_timeout, icon_index, beep_indicator) ——— 135
    set the alert_message to "Folder Actions Alert: " & return & return & the alert_message
    if the button_list is "" then set the button_list to {"Cancel", "Stop"}
    if default_button_name_or_index is "" then set default_button_name_or_index to the number of items in the button_list
    --      tell application (path to frontmost application as text)
    if the beep_indicator is true then beep
    try
        if the icon_index is "" then
            display dialog alert_message buttons button_list default button default_button_name_or_index giving up after dialog_timeout
        else
            display dialog alert_message buttons button_list default button default_button_name_or_index with icon icon_index giving up after dialog_timeout
        end if
        set the user_choice to the button returned of the result
    on error
        -- a Cancel button was passed in the button list and chosen by the user
        set the user_choice to "Cancel"
    end try
    return the user_choice
    --      end tell
end notify_the_front_application

on extract_name_from_path(this_item_path)
    set this_item_path to this_item_path as text
    set AppleScript's text item delimiters to ":"
    set this_item_name to last item of the text items of this_item_path
    set AppleScript's text item delimiters to ""
    return this_item_name
end extract_name_from_path

on remove_labels(the added_items)
    tell application "Finder"
        repeat with this_item in the added_items
            set the label index of this_item to 0
        end repeat
    end tell
end remove_labels

on check_added_items(the added_items)
    -- check the transfer status of every added file to determine
    -- if each file has completed being moved into the attached folder
    set the notbusy_items to {}
    repeat with i from 1 to the number of items in the added_items
        set this_item to (item i of the added_items)
        if my check_busy_status(this_item) is false then
            set the end of the notbusy_items to this_item
        end if
    end repeat
    return the notbusy_items
end check_added_items

on check_busy_status(this_item)
    -- a folder can contain items partially transfered
    -- this routine will wait for all the folder contents to transfer
    if the last character of (this_item as text) is ":" then
        set the check_flag to false
        repeat
            -- look for any files within the folder that are still transferring
            tell application "Finder"
                try
                    set the busy_items to the name of every file of the entire contents of this_item ¬
                        whose file type begins with "bzy"
                on error
                    set the busy_items to {}
                end try
            end tell
            if the check_flag is true and the busy_items is {} then return false
            -- pause for the indicated time
            delay the folder_check_delay_time
            -- set the flag and check again
            set the check_flag to true
        end repeat
    else -- the passed item is a single file, suitcase, clipping, etc.
        -- check the label of the item. If it is the marked label, then it's already been processed so ignore.
        tell application "Finder"
            if (the label index of this_item) as integer is the special_label_index then
                return "ignore"
            end if
        end tell
        set the check_flag to false
        repeat
            tell application "Finder"
                set the item_file_type to the file type of this_item
            end tell
            if the check_flag is true and ¬
                the item_file_type does not start with "bzy" then
                tell application "Finder"
                    set the label index of this_item to the special_label_index
                end tell
                -- allow the Finder time to change the label
                delay the item_check_delay_time
                return false
            else if the item_file_type does not start with "bzy" then
                -- set the flag and check again
                set the check_flag to true
            end if
            -- pause for the indicated time
            delay the item_check_delay_time
        end repeat
    end if
end check_busy_status


--HANDLER FOR KEEPING THIS FOLDER OPEN
-- To activate the handler, remove the comment markers (the parens and asterisks) at the beginning and end of the following handler and save this script.
(*
on closing folder window for this_folder
    beep
    tell application "Finder"
        open this_folder
    end tell
end closing folder window for
*)
```

AppleScript

Internet Explorer 5

Microsoft adere ao visual do Mac OS X

Já não é de hoje que se fala em Guerra dos Browsers. A história sempre foi a Microsoft e seu Internet Explorer contra o Netscape Navigator, hoje propriedade da America Online. Durante o último ano, porém, esta foi a batalha de um browser só. O Explorer 4.5 começou a dominar o mercado, enquanto seu concorrente direto passou por meses de inatividade, sem lançar uma nova versão oficial.

Correndo por fora, o iCab conseguiu conquistar uma pequena legião de fãs ardorosos e se fixa como uma alternativa aos dois grandes.

No final de março, porém, a Microsoft lançou a versão do seu browser para Mac que acredita ser o tiro de misericórdia no Netscape.

O Explorer 5.0 vem com novidades técnicas e visuais, sendo o primeiro navegador da empresa a ser construído totalmente em Mac e não portado do Windows, como seus antecessores. Tudo isso para agradar os macmaníacos, muitos deles reticentes em usar produtos da Microsoft.

Toda a estratégia de marketing da turma de Bill Gates está centrada em três pontos: ele é mais bonito, mais rápido e mais intuitivo. Aliás, este último tema foi o preferido para promover o Explorer 5, sempre lembrando que o Mac é um computador também intuitivo e coisa e tal. Quanto ao quesito rapidez, um novo sistema de visualização de páginas da Web na tela promete transformar o Explorer no mais veloz de todos os browsers em todos os tempos. Será?

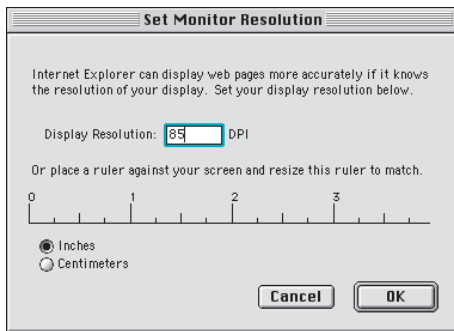
A nova interface é mais bem-acabada e cheia de truques. Os pequenos ícones "@" podem ser arrastados para qualquer lugar. Para transformar o URL corrente em favorito, basta arrastar seu ícone para a área de favoritos logo abaixo. As pastinhas contêm outros links, acessíveis por um menu, tornando a área de favoritos muito mais útil

O que você vê

Para o internauta, as mudanças que mais aparecem estão no visual do Explorer 5, que está muito mais "Macintosh" do que as versões anteriores. Ele até se antecipa um pouco ao Aqua, com fundos texturizados, transparências e janelas mais atraentes. Procurando seguir a tendência atual da Apple, os botões, ícones e as cores (com opções para todos os "sabores" dos novos Macs) têm um apelo diferenciado para cativar o usuário. Mas não fica só nisso.

Uma gama de novas ferramentas estão presentes no Explorer 5. Algumas delas não parecem grande coisa, outras são bastante úteis, e existem aquelas que são apenas uma forçada de barra da Microsoft, como o Search Assistant (Assistente de Busca), que usa o site da própria empresa como referência para procura na Web – é possível mudar isso apertando o botão Customize na aba Search.

Entre as novidades que são benefícios reais para o usuário estão os Related Links (Links Relacionados), o AutoComplete (que já existia no 4.5, mas foi melhorado, agora num menu pop-up com todos os endereços anteriores em ordem alfabética), o Internet Scrapbook (que gera uma "foto" da página naquele exato momento para referência futura), mais atalhos de teclado, organização dos favoritos por pasta e uma barra

O recurso de auto-completar os URLs, que incomodava muita gente, foi substituído por algo bem melhor: um menu instantâneo com as opções similares do histórico, ao estilo da versão Windows. A Microsoft não podia perder a oportunidade de tornar esse menu translúcido...

O Explorer 5 traz uma função avançada muito útil, que é a possibilidade de determinar com precisão a resolução do seu monitor para que os textos das páginas apareçam no Mac com o mesmo tamanho pretendido pelos designers

de ferramentas que pode ser modificada ao sabor do cliente usando *drag and drop*. Para colocar um botão novo ou remodelar completamente a Toolbar, basta ir em View ▸ Customize Toolbar e escolher os botões que irão compor a sua barra de ferramentas.

Os Links Relacionados usam uma ferramenta de navegação gratuita chamada Alexa, que já existia há algum tempo como programa separado. Quando você está visitando um site e deseja ver o que mais pode existir sobre aquele assunto, selecione o item de menu Tools ▸ Related Links e as informações vão aparecer na aba Search, ao lado da janela principal. Então, basta ir clicando para encontrar as informações complementares.

Para quem gosta de tela cheia no browser, o Explorer 5 traz uma modificação bem bacana: teclando ⌘B ou clicando na seta que fica em cima das abas do lado esquerdo da janela, desaparece a barra de ferramentas e a de endereços, ampliando o espaço da janela. Porém, os botões básicos (voltar, ir para frente, atualizar e parar) permanecem, em versão minimizada, dando mais praticidade à navegação. Para acessar a barra de endereços, basta usar ⌘L e ela aparece na tela. Depois de digitar a URL, ela some novamente. Mas, como nem tudo são flores, nesse modo de visualização a barra de status também desaparece e você fica sem saber como anda a sua conexão.

Outra função pra lá de interessante é o Cycle Through Windows, que permite ficar passeando entre as várias janelas abertas apenas apertando ⌘~. Acabou aquele negócio de ir até o menu Windows ou deixar as páginas abertas em cascata para poder abrir uma janela específica. Mas esse recurso não funciona tão bem com o teclado brasileiro. Neste, o til tem que ser apertado duas vezes. De qualquer forma, é uma função que sempre existiu no Navigator (com o atalho ⌘1) e sempre fez falta no Explorer.

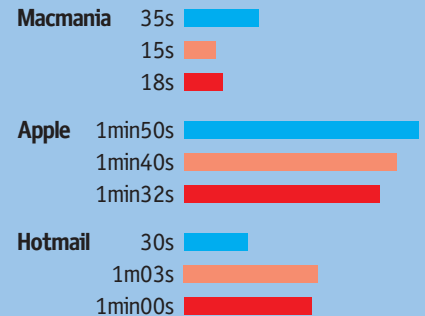
Entre as mudanças que não pertencem ao rol das essenciais estão o Track Auction e o Auction Manager. Essas duas funções só interessam quem não vive sem participar de um leilão na Internet, pois ele fica gerenciando os leilões online e avisa quando um deles já terminou ou o seu lance foi superado. Além disso, o menu Tools (Ferramentas) traz links diretos para o MSN.com, o Hotmail e a enciclópédia Encarta Online.

Não é um feature muito sério, mas vale: os elementos coloridos da interface podem combinar com o seu iMac

Mais rápido? Nem sempre

Tempos de renderização de páginas

■ Netscape 4.6 ■ IE 4.5 ■ IE 5.0

Site	Netscape 4.6	IE 4.5	IE 5.0
Macmania	35s	15s	18s
Apple	1min50s	1min40s	1min32s
Hotmail	30s	1m03s	1min00s

Barras mais curtas = mais veloz

No que diz respeito a ser mais rápido (a promessa da Microsoft fala em 25 a 50% a mais de velocidade em relação à versão 4.5), um teste feito num iMac 233 usando o modem de 56K embutido mostrou que no final das contas, a vitória do Explorer 5 só pode ser medida no olho eletrônico. As diferenças para carregar uma página ou salvá-la no HD estão na casa dos 4 a 5 segundos. Num acúmulo diário, pode até ser significativo, mas para o usuário casual fica difícil sentir alguma melhora.

Propaganda do próprio umbigo (mas se fosse do umbigo, sei lá, da Luana Piovani...).

A principal promessa do Explorer 5 é ser mais rápido do que qualquer browser disponível no mercado, inclusive a versão anterior. Para isso, foi desenvolvido um novo *render engine* (mecanismo de geração na tela de páginas da Web), o Tasman, que ficou em desenvolvimento durante mais de um ano. Essa tecnologia é a soma de todos os principais conteúdos-padrão definidos pelo W3C (World Wide Web Consortium), que rege o comportamento da Internet. Agora, o browser da turma do Bill Gates dá suporte total para HTML 4.0, Cascading Style Sheets (CCS) 1.0, Document Object Model (DOM) 1.0 HTML, Extensible Markup Language (XML) e Portable Network Graphics (PNG). É fato que muitas dessas tecnologias ainda não são usadas em larga escala pelos programadores, mas ▶

Pró: Interface muito melhorada; mostra as páginas Web mais corretamente
Contra: Não é necessariamente mais rápido, como andam dizendo

agora essa situação pode se inverter.
Para os desenvolvedores e web designers, isso quer dizer que o Explorer 5 de Mac mostra mais fielmente as páginas criadas no PC, sem a necessidade de se reescrever o código-fonte para o Mac. Antes, o que ocorria era o seguinte: na hora de projetar uma página, o programador era obrigado a escolher o browser mais popular para o sistema operacional mais usado (adivinhe qual) e depois ficava imaginando se ela iria aparecer corretamente na versão Mac (ou nem isso). Assim, no Mac muitas páginas apareciam truncadas ou nem apareciam, transformando o macmaníaco em um pária da Internet.

Aumentando e diminuindo

Essa padronização ("por baixo", dirão os macmaníacos) já resultou em uma grande discussão na Web. Nos PCs, o padrão de tamanho de visualização dos textos é com corpo 14 em uma tela a 96 dpi (pixels por polegada); no Mac, é corpo 12 a 72 dpi. Ao adotar essa fórmula de apresentação, as páginas no Explorer 5 ficam com o texto enorme. Quem tem um monitor de 14 polegadas com resolução 800 x 600 vai enfrentar problemas se mantiver o padrão Mac. Mas essa configuração pode ser aletrada na seção Language/Fonts das preferências do Explorer, que possibilita mudar a resolução de tela presumida pelo browser. Melhor ainda: é possível medir a resolução real do seu monitor, selecionando a opção Other Resolution. Você faz o teste e escolhe a que melhor se adapta ao seu monitor em particular. Esse processo não é nada "intuitivo": você precisa digitar um valor e colocar uma régua na frente do monitor para acertar a calibração. Mas resolve. A partir daí, as páginas terão uma aparência muito similar à da versão 4.5. Se os textos parecerem pequenos ou grandes demais, é só teclar ⌘+ e ⌘–, à maneira do Photoshop, para (respectivamernte) aumentá-los ou diminuí-los.

A Apple é sábia

A Microsoft adotou no Explorer 5 algumas tecnologias criadas pela Apple. É exatamente aí que o seu browser ganha mais pontos em relação ao Netscape, que pelo jeito deve continuar cada vez mais "supraplataforma".
Quem costuma fazer Internet banking em seu Mac provavelmente já descobriu que o Netscape é o browser mais compatível com essa tarefa. Agora a situação não está tão clara. Mesmo suportando as APIs Java da Apple, o JManager

Navegue diferente

Netscape Navigator 6: o browser que quer ser plataforma

O Navigator rendeu-se ao estilo de barra lateral introduzido pela Microsoft

O Netscape 6 é... diferente! E como todo produto novo, que quebra tradições, ele atrai inicialmente opiniões inflamadas, geralmente para o lado ruim. Mas tudo bem, não dizem que a verdadeira arte leva tempo para ser compreendida? A primeira vantagem, logo de cara, é a instalação. Existe a opção de fazer o download de um pequeno Installer, com cerca de 200K. Nele, você seleciona somente as opções que deseja instalar, como por exemplo só o browser (Navigator), sem os outros itens (AOL Instant Messenger, Mail & News etc.). Uma vez escolhido o que você deseja instalar, ele faz o download dos componentes desejados da Internet. Se você optar só pelo browser, são pouco mais de 5 MB de download – mais aceitável para conexões via modem.
Ao abrir o Netscape, primeira surpresa: que interface do capeta! Mas acostume-se logo; ao que parece, tudo daqui para frente vai seguir essa linha. A boa nova é que, pelo menos, caso você não goste do visual, basta mudar para uma nova "pele" (*skin*), como nos camaleônicos tocadores de MP3.

O novo Netscape parece inicialmente um pouco lento. Dizem por aí que é todo escrito em Java, uma linguagem que, pelo menos por enquanto, é mais lenta do que as tradicionais C e C++. O consolo é que, graças a isso, talvez seja a primeira vez que um browser aparece ao mesmo tempo para Windows e Macintosh. Lembra? Pelo Explorer 5 você teve de esperar mais de um ano! Mas a lentidão parece ser mais uma impressão inicial. A medida que você usa o programa, essa sensação desaparece. Mesmo porque a velocidade de *rendering* das páginas HTML é muito rápida, parecendo superar até a do Explorer 5. E a estabilidade em geral é muito inferior à do concorrente. Mas é melhor não levar isso em conta: essa versão é apenas um "Preview Release" e as avaliações para valer só poderão ser feitas com a versão final.
O Navigator 6 traz novidades interessantes. Uma barra do lado esquerdo permite que você "se mantenha informado sobre as coisas importantes para você", nas palavras da Netscape. É um canal de informações onde você recebe dados sobre seus amigos que estão online, notícias etc. É como um pager, mas capaz de usufruir de todas as vantagens do HTML. Além disso, o Netscape suporta vários padrões novos, como XML e CSS nível 1, tudo isso com muita velocidade, graças ao "motor" Gecko – uma tecnologia *open source*, desenvolvida pela Netscape com o pessoal do projeto Mozilla.
O Netscape vale um download. Até porque o mundo precisa de um segundo browser, e de uma empresa que não nos faça esperar um ano a mais por um produto incompleto.
CARLOS EDUARDO WITTE

O browser que tudo vê

Um dos "features" do Internet Explorer 5.0 está deixando alguns usuários com uma pulga atrás da orelha. Graças à sua integração com o Internet Config, o Explorer 5 consegue capturar automaticamente informações sobre as contas de email ou servidores FTP visitados, mostrando-as numa lista na janela do Preferences (Edit ▸ Preferences ▸ Network ▸ Site Passwords). A função supostamente serve para facilitar o armazenamento de senhas múltiplas em um lugar só (será que eles não ouviram falar num tal de Keychain?), mas parece que a Microsoft extrapolou um pouquinho. O Explorer consegue pegar dados não só de sites navegados por ele, mas também de outros programas que não têm nada a ver com a Microsoft, como Eudora e Anarchie. Também não há como desligar essa função tão "útil".

A setinha misteriosa sobre as abas laterais serve para ocultar as "gorduras" da janela. Ótimo para fazer capturas das páginas da Web

2.0, o Explorer continua apresentando problemas com alguns sistemas que usam criptografia para garantir a segurança de dados. Mas já houve casos em que ele apresentou um desempenho melhor que o rival. Na dúvida, teste os dois.

Como todos sabem (e apenas os desenvolvedores de browsers pareciam querer ignorar), existem certos comportamentos básicos no uso de Macs. *Drag and drop* (arraste-e-solte) é um deles. Ao que parece, o pessoal da Microsoft finalmente se apercebeu disso. No Explorer 5 você pode selecionar um texto (ou parte dele) numa página da Web, arrastar até um processador de texto ou para o desktop e soltar, e o texto é salvo com a formatação original para ser usado sem problemas, evitando os cansativos procedimentos de copiar e colar da página ou vasculhar o *source code*.

O Explorer 5 utiliza mais eficientemente o Open Transport, a infra-estrutura de rede do Mac OS, o que aumentou a velocidade do browser em ambientes de rede. Ele traz também suporte ao ColorSync, que traz maior confiabilidade à representação das cores, facilitando a vida dos designers de sites de comércio eletrônico; e ao Internet Config, o que acabou se revelando uma faca de dois gumes *(ver box)*.

Um recurso matador é a possibilidade de personalizar a barra de ferramentas tirando e pondo funções a seu bel-prazer. Basta clicar com o botão direito – perdão, Control-clicar – na barra e selecionar "Customize". A página HTML que aparece permite acrescentar funções simplesmente arrastando seus ícones para a barra. Classe!

Vale a pena?

No frigir dos ovos, o update do Internet Explorer, principalmente para quem já usava a versão 4.5, vale a pena. As principais mudanças são boas e trazem benefícios reais. Se não é tão mais rápido como prometido, também não faz feio na hora de mostrar serviço. O Explorer 5 busca todos os seus favoritos (tá bom, "bookmarks") e preferências da versão anterior sem qualquer trauma, automaticamente.

Se você vasculhar os diversos fóruns na Internet falando sobre o Explorer 5, vai encontrar desde acusações virulentas até declarações de amor pelo novo browser. Para quem odeia a Microsoft de todo o coração, existe a opção do iCab ou o Netscape 6. Para os céticos, o jeito é esperar mais um pouco para saber se teremos um pouco mais de ânimo para essa guerra. **M**

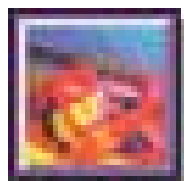
SÉRGIO MIRANDA
miranda@macmania.com.br
Acha o Napster muito mais legal que o Explorer.

MICROSOFT INTERNET EXPLORER 5 MACINTOSH EDITION

Microsoft: www.microsoft.com/mac/ie
Preço: Gratuito

Adobe LiveMotion

Adobe adere ao Flash para conquistá-lo por dentro

Finalmente saiu o mais novo "killer" da Adobe, que desta vez aponta suas armas para o Flash, formato da Macromedia que virou o padrão para animações na Web. Chamado de GroundZero no período de desenvolvimento, ele agora está disponível

em versão beta (com cara de produto final), no site da empresa.

A grande pergunta que corria nas listas de discussões e fóruns da Web antes do lançamento do produto era como a Adobe iria tentar bater o maior sucesso da Macromedia (o Flash tem mais de 220 milhões de usuários, diz a empresa). A impressão era a de que o LiveMotion traria mais um formato de animação vetorial para a Web.

Nada disso. Nesse aspecto, o "Flash-killer" tem balas de festim. Com o LiveMotion, a Adobe assumiu que o Flash virou realmente um padrão e, no melhor estilo "se não pode vencê-los..." decidiu fazer um programa de animação em Flash melhor que o próprio Flash.

O LiveMotion gera animações vetoriais para a Web em formato SWF, além de salvar em outros formatos como GIF, JPEG e PNG.

Antes que você comece a se perguntar se não é ilegal a Adobe utilizar um formato da Macromedia, já lhe respondo que não. O SWF é um formato aberto. Qualquer Zé Mané pode ir até o site da Macromedia, baixar toda a especificação dele e criar um programa compatível.

O grande problema disso é que, para trabalhar com o SWF, a Adobe ficará sempre a reboque da Macromedia para lançar atualizações do seu software; e, nesse aspecto, a Macromedia não é exatamente uma mãe. O LiveMotion trabalha em cima da especificação do SWF 3 (ou seja, do Flash 3), porque a especificação do SWF 4 só foi lançada no final de março, quando já se começa a falar de Flash 5.

Certo, mas e o programa?

Vamos lá: o LiveMotion já começa bem, com um foguetinho muito legal em cima da barra de ferramentas que fica voando sempre que você mexe no programa (não sei se isso vai permanecer na versão final). A interface é extremamente familiar para quem já trabalha com algum programa Adobe.

Ele é "orientado a objeto", ou seja, ao contrário do que se faz no Flash, você pode fazer com que dois objetos que estejam na mesma camada se comportem de maneira diferente.

Outras vantagens em relação ao concorrente: o LiveMotion importa MP3 e permite níveis de compressão de JPG diferentes para cada figura com preview imediato.

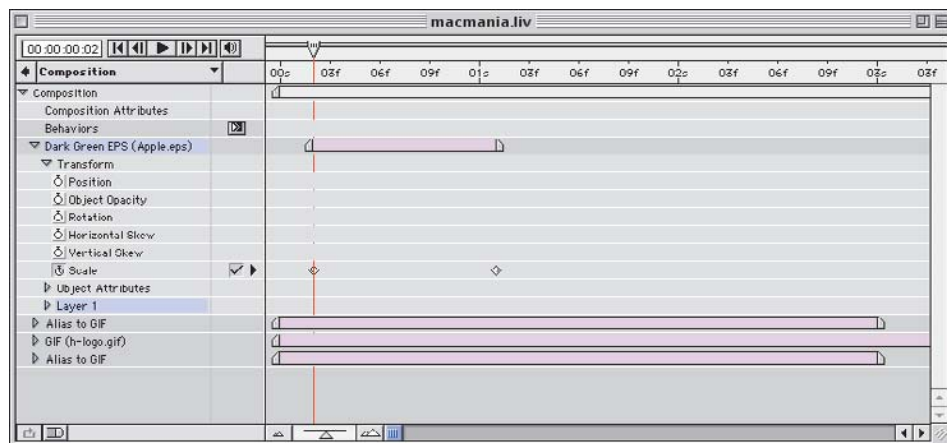
A integração com os demais produtos da Adobe é outro diferencial poderosíssimo, sendo possível inclusive aplicar os filtros do Photoshop nas figuras. A aplicação de efeitos em tempo real é outro ponto alto do programa. Operações tipo Pathfinder (que funcionam como no Illustrator, unindo, interseccionando e excluindo objetos), efeitos 3D (bevel, emboss, sombras), manipulação de opacidade, máscaras, texturas, distorções, tudo feito instantaneamente. Esses efeitos, no entanto, são uma faca de dois gumes. Como eles não são originais do Flash, o LiveMotion precisa criá-los frame-by-frame gerando um arquivo SWF bem grandinho...

O LiveMotion traz diferenciais como orientação a objeto e integração com os produtos da Adobe

O que talvez venha a ser um problema é a quebra muito brusca com a metáfora já criada pelo Flash. Flesheiros com um bom tempo de janela que queiram dar uma chance ao LiveMotion poderão se decepcionar ao não conseguir fazer sequer um "tell target".

Quem já mexe há tempos com o Flash, com certeza, vai estranhar o programa da Adobe. Por exemplo, a maneira para criar um tweening no LiveMotion é totalmente diferente à do Flash, muito mais parecida com a do AfterEffects. A Adobe procurou se distanciar ao máximo da nomenclatura macromediana. Não existem símbolos no LiveMotion. Ele utiliza o conceito de "aliases", que, embora muito parecido, pode confundir as pessoas.

LiveMotion x Flash

Num discurso recente para desenvolvedores, o CEO da Macromedia, Rob Burgess já revelou que o desenvolvimento da nova versão do pro-

Objetos na mesma camada podem ter comportamentos diferentes

duto “corre muito bem, obrigado”, e que o grande passo na próxima versão será uma interface bem mais amigável – uma mostra que a Adobe tocou no ponto certo.

Ainda é cedo para dizer quem vai ganhar essa briga, ou se alguém vai ganhar, principalmente levando em conta as novas características do SWF 4. Vai ser muito difícil a Adobe integrar os recursos proporcionados pelo Action Scripting do Flash; mas, como a versão atual é um beta, o produto final (que deve estar disponível no segundo semestre, com preço ao redor de US$ 400) pode apresentar algumas surpresas.

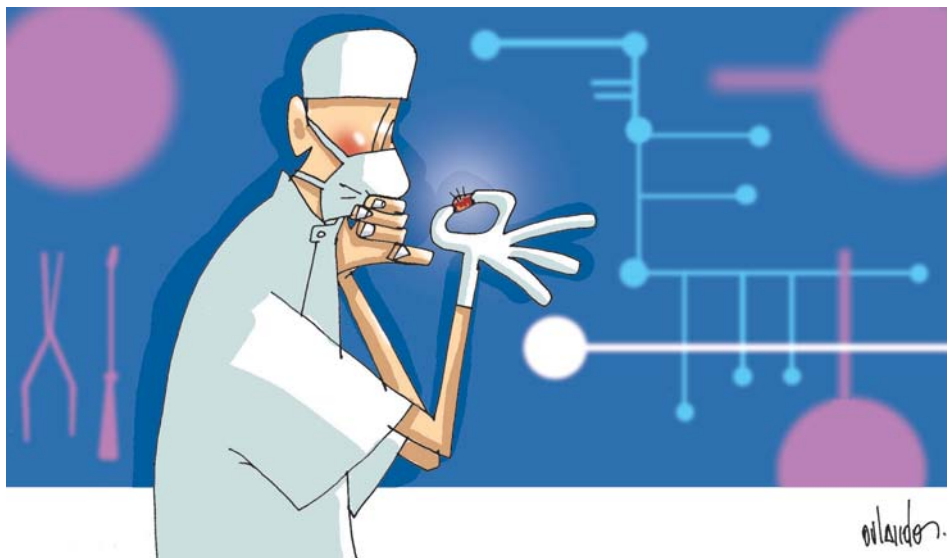
Mais difícil ainda é dizer qualquer coisa sobre a integração do programa da Adobe com o Flash 5. O que se percebe é que a integração dos produtos da Macromedia com os da Adobe vem aumentando, vide o Fireworks 3 que já suporta muito bem o formato PSD do Photoshop. O que se espera é uma maior flexibilidade do Flash 5 nesse sentido.

Na situação atual, o Flash 4 ainda é o software mais poderoso quando o assunto é animação vetorial para a Web. Mas o LiveMotion traz recursos bem atraentes. É provável que muita gente acabe usando os dois. Sempre é bom lembrar que estamos comparando três versões do Flash com um programa ainda em fase beta. Apesar dessa comparação bastante injusta, a Adobe conseguiu atingir um resultado altamente satisfatório para uma versão 1.0b.

O negócio agora é esperar e acompanhar o andar da carruagem. O fato é que a concorrência sempre é uma coisa saudável para o consumidor: essa briga toda só leva as empresas a buscarem produtos cada vez melhores, deixando o usuário cada vez mais satisfeito. M

Adobe LiveMotion:
www.adobe.com/products/livemotion

MARCELO PERRONE
Marcelo Perrone é *workaholic* e adora comida japonesa.

Mac OS para PC? Nem...

Semana passada, o $%¥&* do HD do meu Pentium foi para o além, com destino ao lugar onde vão os discos que nos deixam na mão em meio a um trabalho urgente e importante. Tomara que seja reencarnado como botão de Reset!

Hoje, sete dias depois (nenhuma semelhança com alegorias bíblicas), estou de volta ao trabalho – só uso o Pentium para rodar um software de CAD de circuito impresso sob NT. Nas outras partições havia o BeOS 4.5 e o "Rhapsody for Intel".

Por que levei sete dias para instalar outro HD, estando acostumado a fazê-lo em menos de meia hora? Por causa de coisinhas como não conseguir dar *boot* pelo CD-ROM; não ter MS-DOS à mão para reformatar o HD; demorar a achar o driver do CD-ROM para MS-DOS; instalar três vezes o Windows NT para ele depois afirmar que não existe o drive de CD-ROM a partir do qual ele próprio acabou de se instalar; instalar duas placas de rede supostamente *plug & play*, que mesmo assim são completamente invisíveis para o NT... Não vou gastar todo meu espaço com uma lista completa.

A moral da história é que um PC funciona muito bem, e o Windows NT é um sistema razoável em muitos aspectos. Os periféricos, muitas vezes, são os mesmos que usamos nos Macs. O que estraga tudo são os BIOS, os drivers, os IRQs.

Porque estou contando isso? Recentemente, uma onda de especulações se seguiu ao anúncio discreto de Wilfredo Sanchez, o responsável técnico pelo projeto Darwin, que conseguiu compilar o núcleo do sistema para CPUs x86. No dia seguinte, li afirmações como "assim que sair o Mac OS X para Mac, uma versão compatível para PC certamente estará disponível, possivelmente ao mesmo tempo" e "a Apple vai chutar a Motorola/IBM e fabricar Macs da linha Intel".

> Em uma das hipóteses, o suposto "Mac OS X for Intel" somente rodaria em máquinas feitas pela própria Apple

Bom, dizem que a anatomia de gatos e cobras é tal, que se a cabeça passar num dado buraco, o corpo passa facilmente atrás – mas extrapolar isso para o Mac OS X é, como gosto de dizer, chafurdar na maionese.

Argumentando de trás para frente, em termos de volume de código, o Darwin certamente representa apenas um ou dois por cento do Mac OS X como um todo. O famoso diagrama de camadas, se desenhado em escala, seria uma pirâmide apoiada na ponta! Mas, diriam muitos, todos os acessos ao hardware ficam no Darwin... Não é verdade, porque há mais de ano a Apple tem recodificado tudo para utilizar o AltiVec. As demonstrações públicas de Aqua, Quartz e outras gracinhas do Mac OS X têm aquela velocidade espantosa devida ao AltiVec, ou seja, são diretamente dependentes da arquitetura do G4.

Retornando ao tema inicial, imagine que esses obstáculos fossem vencidos e a Apple anunciasse o "Mac OS X for Intel". Ele seria incompatível com 99,9% dos PCs que existem por aí!

Fazer um sistema que se adapte aos BIOS, às placas "plug & play", a periféricos genéricos fabricados em Singapura, milhares de variações de placas-mãe etc. é tarefa quase impossível. A Apple teria que contratar metade da população para dar suporte técnico à outra metade, e o resultado seria um desastre de relações públicas...

Falei que instalei o BeOS 4.5 e o Rhapsody for Intel no meu Pentium, mas tive que pegar as duas listas (ambas muito curtas) de compatibilidade, e encontrar um denominador comum; e tive sorte que uma única placa de vídeo e duas de rede estavam em ambas as listas, e testei quatro placas-mãe até achar uma compatível com ambos. Isso indica a dificuldade do caso.

Posto isso, qual é então o significado do "Darwin for Intel"... quando sair? Note que apenas compilaram o Darwin – para executá-lo num PC ainda há que portar os drivers de periféricos, o que pode demorar meses. A meu ver, há dois motivos para isso. Em primeiro lugar, portar um sistema para uma arquitetura diferente ajuda a descobrir bugs sutis e dependências de ordem de bytes e outras características do hardware. Em segundo lugar, é sabido que a Apple está testando outros chips, como o famoso Crusoe da Transmeta, para uso em futuros equipamentos, e para isso ela precisa de software de teste.O caso do chip Transmeta é especialmente interessante. Embora hoje ele só disponha de um emulador para a arquitetura Intel, é certo que já estão trabalhando num emulador para PowerPC/AltiVec. Isso permitiria à Apple fazer o que já fez uma vez, com muito sucesso: migrar para outra arquitetura e depois abandonar, gradualmente, a antiga, que passaria a ser emulada. Uma parceria Apple/Transmeta ainda ofereceria à Apple a chance de desenvolver e testar, em software, novas variações da arquitetura PowerPC.

Uma hipótese mais remota seria que a Apple passasse a fabricar, futuramente, placas-mãe baseadas no AMD Athlon, por exemplo. Um suposto "Mac OS X for Intel" então só rodaria (ou seria "suportado") em máquinas Apple. A única vantagem que vejo aqui é que isso permitiria rodar aplicativos Windows numa caixa de compatibilidade do Mac OS X, como já rodam aplicativos 68K e do Mac OS "clássico". Por outro lado, isso desincentivaria os desenvolvedores...

RAINER BROCKERHOFF
rainer@ez-bh.com.br
Cético de plantão, acaba de microondar um CD do Windows NT.

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.